

Fruto Forte



Marcus Braga

FRUTO FORTE

Artigos espíritas selecionados – vol. I

Marcus Vinicius de Azevedo Braga

Data publicação: 28/8/2020

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 – CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

	Braga, Marcus Vinicius de Azevedo.
B794f	Fruto forte : artigos espíritas selecionados : v.I / Marcus Vinicius de Azevedo Braga; revisão de Angélica Reis; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto e Carolina Braga Seda – Londrina, PR : EVOC, 2020. 268 p.
	1. Literatura espírita-crônicas. I. Braga, Marcus. II. Reis, Angélica. III. Silva Neto, Ana Luísa Barroso. IV. Título.
	CDD 133.9 19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO	11
1. SEMENTE FORTE.....	13
2. VIDAS EM SET	15
3. A FRATERNIDADE ESQUECIDA	18
4. A MÃO NO TIMÃO	21
5. A PIEDADE	22
6. A REDE DO CORDEIRO	25
7. A RESILIÊNCIA BARATA.....	27
8. AS DORES DO MUNDO.....	30
9. CAIXA DE CARTAS.....	32
10. O CHAMADO	34
11. FAZER CHOVER.....	37
12. FORTUNA E GLÓRIA	39
13. FRUTAS DE SEMÁFORO.....	41
14. GANZÁ	43
15. SOBRE HOMENS E LOBOS	46
16. O TAMANHO DAS COISAS	50
17. DE PERTO	53
18. HAKUNA MATATA	55
19. TAMPANDO A PANELA	57
20. A MORDIDA E O VENENO	60
21. AMAR SEM APEGO	62
22. HUMOR	65
23. MARIA SOLIDÁRIA, A DÁDIVA E O EGOÍSMO	67
24. O HOMEM DO PONTINHO PRETO.....	70
25. DESESPERO: O MAU AMIGO DE TODAS AS HORAS	72
26. REMÉDIO CONTRA A DECEPÇÃO.....	74
27. O BEM, LENTO E GRADUAL	76
28. A BOLHA	78
29. O QUE TE IMPEDE DE ESCOLHER O AMOR?	81
30. O QUE FICA DE PÉ? VALORES ENRAIZADOS!.....	84

31. QUE EU LEVE.....	87
32. A EPIFANIA DA OPORTUNIDADE.....	90
33. O FIM DO MEDO	92
34. O FUTURO.....	94
35. PAINEL DE INSTRUMENTOS	97
36. PRESCIÊNCIA.....	99
37. QUO VADIS?.....	104
38. TEU CAMPO DE LUTA	106
39. TEU SONHO DE MOÇO.....	109
40. UMA RISADINHA	112
41. FAMINTOS DE PARTICIPAÇÃO	115
42. FAZENDO O QUE DÁ, MAS FAZENDO... ..	120
43. O RAPAZ DA PRANCHETA.....	122
44. QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ.....	124
45. <i>ROMANA LEGIO OMNIA VINCIT</i>	127
46. ARRANJOS PRODUTIVOS DA MEDIUNIDADE	130
47. FRODO BOLSEIRO	134
48. MANTRA.....	137
49. NOSSA RELAÇÃO COM A MEDIUNIDADE	143
50. FRAUDE ESPÍRITA.....	145
51. HOAXES E COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA	148
52. OBSESSÃO: NEM TUDO QUE RELUZ É OURO.....	151
53. O MARTELO AINDA ECOA, A CHAMA AINDA ARDE: A MEDIUNIDADE E A CAÇA ÀS BRUXAS.....	154
54. OS PROBLEMAS RESULTAM DOS DEMÔNIOS.....	159
55. PUXÃO DE ORELHA DOS ESPÍRITOS.....	162
56. TÁ TUDO PRONTO AQUI, É SÓ VIR PEGAR!	165
57. A ABORDAGEM BELIGERANTE DA DESOBSESSÃO	168
58. REENCARNAÇÃO, UMA IDEIA LIBERTADORA	174
59. A RÉGUA DE DEUS	180
60. A RELIGIÃO DE DEUS	182
61. EM 150 ANOS	184
62. ESTUDANDO O EVANGELHO (<i>THE BIBLE SAYS</i>).....	187
63. FAÇA O QUE JESUS ENSINOU	193

64. LOUVAÇÃO	195
65. O DEUS DA POLINÉSIA	198
66. OS OLHOS AZUIS DE JESUS	202
67. PLURALIDADE.....	206
68. PARA RELIGAR, TEM QUE SINTONIZAR	209
69. TRONCOS.....	213
70. UM DIA DE BUDA	215
71. LIÇÕES DA PRAIA.....	218
72. LÁ NO SERTÃO DE GOIÁS	220
73. GRAÇA, MÉRITO E OUTROS ASSUNTOS AFETOS AO AMOR DIVINO.....	223
74. O HOMEM PARA ALÉM DO TRABALHO	227
75. BENEFÍCIOS DO SACRIFÍCIO	231
76. A HIPÓTESE INSUPERÁVEL DE KARDEC.....	234
77. COM KARDEC EU APRENDI.....	238
78. A BOA MORTE.....	242
79. A CARNE	246
80. PAI NOSSO	249
81. SANTA IGNORÂNCIA.....	251
82. A MISSÃO DA INTELIGÊNCIA.....	254
83. O CRISTO CONVERTIDO	258
84. O FILHO PRÓDIGO E A LIÇÃO DO AMOR MAIOR.....	260
85. O VENTO INSISTE EM DANDAR	262
86. SETENTA.....	265

APRESENTAÇÃO

Uma estrada tem muitos caminhos. Levei muito tempo para entender o significado poético da frase dita por um experiente professor de filosofia no ensino médio. A estrada é a vida e os caminhos são aqueles que você escolhe, sem se deixar, apenas, levar, como que empurrado pelos ventos.

Em um destes caminhos, conheci o Marcus Braga. Em um cenário espírita, no *locus* de alguma discussão temática interessante. Foi muito depois que descobrimos, ambos, outras afinidades: as profissões no vértice do controle público brasileiro, as canções filosóficas de Belchior, as investigações sobre os temas de governabilidade e, é claro, a ardente paixão pela cidade maravilhosa, o Rio de Janeiro (RJ), terra natal de ambos. Convergências...

Em inúmeros debates, todos, ainda, virtuais – porquanto não tivemos, até o momento, o prazer de nos teletransportarmos fisicamente para o mesmo local existencial – o que mais enalteço é a constância de entabularmos conversações sobre temáticas distintas sem a menor preocupação de convencimento do outro. Pelo contrário, as (várias) divergências não são ideológicas, no sentido pecaminoso da palavra, mas paradigmáticas, pois permitem o chamado “outro olhar”, que é o que se verifica quando você sai de sua própria casca e permite que uma outra lente, acessória, lhe divise novos contornos possíveis (e verdadeiros). Assim tem sido. Marcus Braga me permite o contraponto às minhas ideias e convicções. E penso que ele também esteja vivenciando este milagre!

Pois a brandura do seu coração jacarepaguense me permitiu o saboroso desafio de ler, em primeira mão, os textos que compõem sua mais nova obra, “Fruto Forte”. E, por extensão, a honrosa tarefa de “apresentá-lo” a você, leitor.

O que você espera, então, de um "Fruto Forte"? Senão que ele sacie sua fome (ou sede) de conhecimento, tal qual o extrato da terra, o resultado final do plantio, provoca em seus sentidos físicos. Que ele seja marcante, com um sabor que perdura no paladar por algum tempo e que a memória lhe remete a outras tantas situações do existir. Será que você se lembra, ao levar uma jabuticaba, um caju ou uma tâmara à boca, a primeira vez que sentiu aquele sabor? Tente...

Alguns dos textos de Braga são novidadeiros, alvissaros, principiais, catapultas para outros ramos do conhecimento que pertence, em sede, ao próprio Universo. São boas novas! Mesmo que sejamos almas (mais ou menos) velhas, já caminhadas – lembrando um velho pescador com quem eu conversava muito, em meus veraneios na paradisíaca Garopaba dos anos 90 – ainda não detínhamos algumas das temáticas tratadas pelo autor neste oportuno compêndio. Acrescemos as mesmas, assim, em nossa bagagem íntima. Vale, então, ler, por exemplo, o "Painel de Instrumentos", para descobrir que há vários que você tem na sua espaçonave espiritual. Ou, mais liricamente, descobrir que você também pode ser um "Omnia Vincit" nesta existência.

Mas há os que soam mais familiarmente aos nossos calejados ouvidos – inclusive os que se ajeitam na rotina das exposições doutrinárias das instituições espíritas, estas, quase sem novidade, criatividade ou saltos qualitativos – apresentando-nos conhecidas passagens, mas que, na pena de Marcus, assumem outros contornos. Uns mais nítidos e multicoloridos, superando o cinza das mesmices a que convenientemente vamos nos acomodando, diante das rotinas existenciais. É o caso, pontual, de "A mão no timão" e "As dores do mundo".

E há crônicas muito espirituosas, entreversadas em trechos de canções que já conhecemos ou cantarolamos. E como faz bem cantar! Seja nos flashes de extremo contentamento, quanto nos de dor. Herdei isso de minha saudosa mãe, que

passava o dia cantarolando com sua afinação de primeiro soprano, músicas de um tempo que não volta mais... Imagino que aquele Rabi – a quem, certo dia, carinhosamente apelidei de “Magrão” – também era um homem de cantarolar e iluminar ainda mais, com o canto, provavelmente um barítono, como eu, sua bela face. Destaco, do repertório *braguiста*, “Teu sonho de moço”, “Ganzá” e “Maria Solidária”.

Assim vai o autor palmilhando seu caminho com leveza e acaba nos levando junto, para, ora, apontar-nos alguma placa de identificação da rodovia, tão útil quanto necessária, ou para nos fazer tirar a bússola ou mapa dos bolsos, para corrigir a rota, assim como não deixa de nos provocar o fitar de uma paisagem que passa célere por nossas vistas, enquanto duram os deslocamentos.

Volto ao Homem de Nazaré para dizer, por necessário, que a mostarda, o figo, a uva, o trigo, a cevada, o levedo, e, também, o mel e o peixe – estes últimos, como “frutos” similares – constantes de seus ensinamentos, são, todos eles, fortes. Dinâmicos, estão presentes nas andanças, possuindo cores, formatos, gostos e proveitos que nunca são os mesmos. Intensos, possuem sabores que não se confundem entre si, tais quais os valores ou virtudes que são os talentos que estamos em busca até integrá-los, um a um, ao nosso plano espiritual, rumo à plenitude. Perenes, a partir do consumo consciente, incorporam-se em nós de modo que sempre saberemos o que significam, o quanto importam, para que servem e com quem devemos reparti-los.

Este é um livro para ler sem pressa, degustando o sabor de cada uma das sementes que Marcus Braga fez germinar a cada primavera e colheu para você, para que você pudesse colocá-los na fruteira principal da sala da tua existência. E, porque nem as traças destroem nem a ferrugem corrói, nem os ladrões os subtraem, os frutos fortes serão valiosos para você e para aqueles que de ti se acercarem.

Que as páginas deste livro possam te proporcionar o sabor de cada leitura, como se você descascasse um frondoso abacaxi, cortasse uma doce melancia, salivasse diante de um fisális, ou descascasse uma apetitosa banana-figo. Se você já provou um destes, sabe bem do que eu estou falando...

Marcelo Henrique

Florianópolis (SC), Ilha da Magia, abril de 2020.

PREFÁCIO

Que venham fortes frutos de Fruto Forte

Neste período de quarentena, recolhido em casa por conta da pandemia causada pelo coronavírus, eis que recebo do amigo Marcus Braga o convite para prefaciar seu livro “Fruto Forte”.

Já apreciador de seus escritos há alguns anos, mergulho, então, na leitura da obra. E eis que as páginas vão se sucedendo e o interesse pelos textos contidos no presente livro vai aumentando.

Comentários sobre filmes, eis que se transformam em preciosas sugestões.

Reflexões das lições transmitidas por Jesus, abordagens acerca da mediunidade e relatos bem contados de temas do cotidiano das nossas vidas ensejam oportunidades de pensarmos nas questões mais profundas da existência humana.

O autor e amigo Marcus Braga, teve a sensibilidade de trazer ao leitor a passagem para uma viagem dentro de si; passagem, aliás, de ida e volta.

Vá, leitor (a), reflita-se e depois “reflita” na vida tudo aquilo que encontrar de bom e belo em si, tudo isto, aliás, escrito de forma simples e objetiva.

A propósito, há algum tempo li a obra “A Arte de escrever”, que traz coletâneas de textos do filósofo Arthur Schopenhauer.

Num de seus textos Schopenhauer fala sobre a importância da simplicidade na arte de escrever e expressar-se.

O escritor deve ser simples, objetivo, sem muitos rodeios e, ainda assim não perder a capacidade de ser profundo.

Para Schopenhauer aquele que se utiliza de palavras difíceis, não raro o faz porque não tem muito a dizer e quer, de certa forma, confundir os leitores passando a imagem de falsa erudição.

Um outro ponto que Schopenhauer aborda na referida obra é pertinente ao indivíduo diletante. Diz Schopenhauer que o conhecimento genuíno se faz por aquele que busca a verdade por amor e alegria.

Um diletante, alguém que procura a verdade pelo deleite, pelo prazer do conhecimento. E foi de um diletante que, com enorme satisfação, recebi o convite para escrever o prefácio de "Fruto Forte".

Cabe-me, portanto, agradecer a oportunidade de viajar com o autor pela terra do conhecimento em que, generosamente, fomos brindados com a partilha de suas leituras, pesquisas e maneira de ver o mundo.

Desejo ao leitor (a) que colha fortes frutos gerados de Fruto Forte.

Despeço-me com o incomparável Castro Alves:

Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!

Wellington Balbo – Salvador, abril, 2020.

1. SEMENTE FORTE

Descartes, após reclusão exarou o emblemático “*cogito ergo sum*”, precedido por um Sidarta Gautama que teve a sua iluminação a sombra da árvore “Bodhi” e de Jesus, que se retirou no monte das oliveiras, diante dos momentos derradeiros.

Na história da humanidade, essas e outras situações apresentam a reflexão como atitude valorosa de grandes expoentes que os conduziu, como processo de síntese, a elaborações que mudaram os rumos daquelas gerações.

A reflexão é a semente forte do ser humano, o potencial que nos permite analisar a realidade e com o auxílio da razão apontar caminhos, sínteses e soluções, transcendendo os desafios postos.

A despeito do reconhecido valor das palestras públicas, dos cursos apostilados, da leitura de obras espíritas no conforto de nossos lares, exalto o valor dos grupos de estudo que se debruçam sobre obras *in natura*, em especial aquelas basilares, pois esses fazem da discussão uma ferramenta de reflexão, tão necessária nessa nossa época de valorização do conhecimento, produzindo em cada um de seus membros um conhecimento forte, trabalhado.

Sim, pois a reflexão não se faz apenas nas cavernas de nosso ser. Ela é um processo dinâmico, com aspectos individuais, mas também compartilhados. Ouviremos aqui, falaremos ali, amadurecemos acolá, em um processo constante, que interage com a realidade, com livros e com a opinião de outras pessoas.

Reputo a reflexão como um fator de força do Espiritismo, pois nos permite nos apropriar do conhecimento, para que este

possa ser uma parte viva de nossa conduta. Como dizia Kardec, não basta ver para crer.

Assim, a leitura espírita, o estudo doutrinário, ao meu ver, não prescinde da reflexão, nos atos de relacionar, sopesar, comparar e duvidar. Construímos, dessa forma, a fé racionada que nos permite encarar a razão e a nós mesmos, diante de qualquer época, sem medo.

O primado da razão não se contrapõe a emoção, adicionando a esta, sim, um caráter mais consistente, equilibrado e que nos permite romper os véus da ilusão e as armadilhas do medo.

Nesse sentido, a presente obra se fez na reflexão que permitiu a análise de situações e ideias a luz dos princípios espíritas, propiciando sínteses que fomentem a reflexão dos estimados leitores.

Leitura, estudo, discussão, argumentação, reflexão...Práticas que fortalecem a doutrina espírita e que demandam esforços, causam incômodo, mas que permitem brotar o conhecimento libertador, que nos robustece na fé e na prática.

Sementes de reflexão, é o que se busca trazer no livro "Fruto forte", fazendo um registro de artigos publicados pelo autor na imprensa espírita desde 2002, tratando de assuntos cotidianos, salpicados de discussões doutrinárias.

Como semente, esperamos flores e frutos, mas que sejam não de polêmica e de divisão, e sim de reflexão salutar, necessária ao nosso tempo.

2. VIDAS EM SET

Quanto maior o erro, maior o tempo consumido pelo remorso. (Victor Hugo)

Acabei de assistir em DVD ao filme "Sete vidas" ("Seven Pounds", EUA, 2008), de Gabriele Muccino, com Will Smith no papel principal. É um filme triste, de dramas pessoais e que causou grande espécie entre o público religioso pois, em uma visão superficial, ele promoveria a ideia do suicídio, sustentado por uma boa causa.

Deixando essa polêmica questão de lado, pareceu-me que a ideia central do filme era outra. Assim como no romance "Crime e Castigo" de Dostoievski, em que a ideia do castigo persegue o criminoso, como aplacadora do crime, o filme trata do remorso e da necessidade de reparação que perseguem o protagonista, como aplacadores de sua falha no trânsito que deu cabo a vida de sete pessoas.

A questão do remorso é complexa, mas ao mesmo tempo fundante. Os espíritos abordam o remorso como uma questão ambivalente, como moto de progresso que pode vir a se tornar peso na caminhada. Segundo André Luiz, "*o remorso é sempre o ponto de sintonia entre o devedor e o credor*". Emmanuel já assevera que "*alguns centímetros de remorso pesam no coração muito mais que uma tonelada de sacrifícios*."

O mesmo remorso que imprime a falha na nossa consciência, como elemento de avanço na reparação, quase que um registro, pode também assumir dimensões de fim em si mesmo, convertendo-se em chave de inação. Esse ponto de ligação entre irmãos em dívida pesa no coração e demanda esforço para a sua superação, o que pode exigir várias reencarnações.

Nesse ponto, o filme nos faz pensar muito na benção do esquecimento, mecanismo da divindade que nos permite superar esse passado reencarnatório, mitigando a sua lembrança, para permitir em um novo recomeço, nem sempre começando do zero, e trazendo algumas páginas apagadas, nos convida a reescrever o livro da nossa existência.

Alguns lembram-se de parte do seu passado, como uma necessidade particular, para permitir o seu avanço. Mas, a regra é a benção do esquecimento. Esse esquecimento é uma lembrança do respeito que devemos ter a essa força poderosa que é o remorso, que pode ser convertida em AÇÃO visando a REPARA-AÇÃO, ou pode se transformar em fardo de autocomiseração. O remorso deve ser o irmão amigo do desejo de reparação e não companheiro da depressão.

Assim como no filme, em que vidas surgem à frente do protagonista a busca de uma mão amiga, sempre surge para nós a oportunidade da reparação, pela prática do bem, não se importando se o objeto da ação é diretamente aquele prejudicado, pois a economia divina também circula capitais e a nossa ajuda de hoje se transmite na ajuda de outrem amanhã. O remorso fica em quem pratica, mas o amor reparador pode se destinar a humanidade, representada em cada irmão.

Para concluir, falando também de filmes, um grande espírito que passou em nosso planeta tem uma passagem belíssima sobre o assunto, retratado nas cenas finais do filme "Gandhi", 1982 (UK/Índia), direção de Richard Attenborough. Um hindu se vira para Gandhi e diz que tinha um filho pequeno que foi assassinado pelos muçulmanos. Então ele pegou a primeira criança muçulmana que conseguiu encontrar e deu fim à sua vida.

Gandhi então lhe diz que conhecia um jeito de escapar daquele inferno. Muitos meninos agora estão sem os pais por causa da matança. Diz ao Hindu que encontre um menino

muçulmano da mesma idade do seu filho e adote-o. Só que não deixe de criá-lo como muçulmano.

Essa bela lição do ícone indiano prova que mesmo diante da maior culpa, é sempre possível, pela força reparadora do amor, aplacar o remorso. Mas, demanda tempo. E tempo exige fé...

3. A FRATERNIDADE ESQUECIDA

O ano é 1789. O mundo desperta diferente, com um brado regado a sangue que proclama *liberté, égalité e fraternité* pela Europa, ressoando em todo o mundo ocidental. O antigo regime, de reis e vassallos, cai pela força dos tempos novos. Burgueses, comerciantes proscritos de outras horas viram senhores e trabalhadores viram vassallos, na primeira de muitas revoluções que mudariam o mundo de forma profunda, até chegarmos ao mundo que estamos hoje.

Passados mais de 150 anos da bastilha, um mundo dividido entre o ocidente e oriente, entre o azul e o vermelho, se digladiava entre extremos, de liberdade e igualdade, na guerra que congela as almas, pelo medo de um holocausto nuclear, negado nas frases e filmes, mas presente nas ogivas.

A promessa de liberdade garante a utopia de podermos ser o que quisermos, de seguirmos o nosso caminho e que pelo esforço individual, podemos vencer na vida, virar presidente, ser o "Top of the Hill".

Em um mundo tão desigual, o discurso da igualdade ideologiza nações, na premissa de superarmos as injustiças, padronizando pessoas e vidas, como combustíveis para abastecer o poder.

De um lado, quem não trabalha não come. De outro, quem quer ser igual não pode ser livre. Em extremos, batizados de "ismos", nos alistamos até hoje em combates ideológicos, em lutas que se replicam nos blogs, comentários, textos, notícias e posts, ecoando em nossos corações os gritos da bastilha de outrora.

Desse desejo de ser livre, desse clamor de ser tratado de forma igualitária, algo ficou esquecido... A fraternidade, que vê em cada um, um irmão, jaz ausente das discussões de todas

as matizes. Afinal, ser livre ou ser igual é focado no “eu” e a fraternidade é focada no “nós”.

Na fraternidade se aliviam as tensões da liberdade e da igualdade, pois não podemos ser livres sem respeitar aos outros e não podemos ser iguais sem respeitar a nós mesmos. Mas podemos ser fraternos no respeito ao outro e a nós mesmos.

A mensagem do Cristo, do Cordeiro de Deus, tão deturpada em jogadas religioso-comerciais, é uma síntese da fraternidade, quando deposita no amor ao próximo como a si mesmo a regra áurea do convívio humano, enxergando no outro a si próprio e uma criatura de Deus, irmão em humanidade.

Entretanto, é tão difícil sermos fraternos! É tão difícil enxergar o outro! Bradamos por direitos a iguais oportunidades, direitos de nos expressarmos, mas esquecemos da luta pelos que sofrem, na dor do desvalido, próximo tão próximo.

O ideal da modernidade, consubstanciado no lema da revolução francesa, anda capenga, com a fraternidade esquecida, relegada a ações piegas da responsabilidade social na venda de produtos ou da esmola degradante em bingos televisivos.

O filho do carpinteiro tratou a todos de forma igual, dentro das suas desigualdades. Respeitou as vontades, mas alertou a todos da interdependência da vida. Falou o mestre da Lei de amor, mostrando que o sonho da liberdade plena pode se converter em puro egoísmo e que a igualdade absoluta pode se transformar em uma camisa de força coletiva.

Livres ou igualitários, respeitando os limites dessas posturas, lembremos do visgo da fraternidade que nos une em uma rede de dependência, de união, de carinho, que nos torna melhor a cada dia. Enquanto a lição esquecida não for

vivenciada, nos debateremos entre extremos de insensatez, em discursos estéreis e inúteis, tentando achar na vida um gabarito diferente do amor, palavra que estamos bem distantes de saber o seu real significado.

4. A MÃO NO TIMÃO

Abrimos o periódico matinal e nos defrontamos com as agruras do mundo: crimes, desastres, corrupção, fome, massacres, atentados, guerra... A conversão, pela revolução das comunicações, do nosso planeta em uma aldeia global, nos impossibilita ignorar a dor de nosso irmão mais distante, e passamos a ver o mundo em uma perspectiva catastrófica, de exaltação das mazelas sociais dos quatro cantos do mundo.

Esse barco chamado Terra segue desgovernado, sob um mar de problemas que abalam a nossa esperança e nos fazem descrentes de um futuro melhor para a humanidade.

Esquecemos a mão que está no timão.

Jesus é o timoneiro dessa nau e nos conduz com a sua mão firme e amorosa, entre as intempéries da vida. E como bom condutor, conta conosco para as tarefas de marinharia, para puxar os cabos e soltar as velas quando necessário.

Importante lembrarmos da mão que conduz o timão, para não cairmos no desespero improdutivo da falta de fé, e que nesse universo-oceano, descoberto maior a cada dia, saibamos que as embarcações não seguem sem rumo.

Diante da tempestade, ao ser acordado, Jesus disse aos seus discípulos: "*Por que temem, homens de pouca fé?*" Palavras para a restauração de nossa confiança e que cabem ainda hoje, quando o medo campeia nosso coração diante das adversidades.

É preciso asserenar os nossos corações, pois a mão firme de Jesus conduz o barco, como timoneiro experiente. A sua outra mão repousa sobre nosso ombro, nos lembrando da certeza da fé, mas também a necessidade de nossa colaboração na obra divina, em especial nos momentos de tempestade.

5. A PIEDADE

Desde cedo ouvimos repetir nos cultos cristãos:

"Cordeiro de Deus que tirai os pecados do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus que tirai os pecados do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus que tirai os pecados do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus que tirai os pecados do mundo, Dai-nos a paz."

Para Jesus, o Cordeiro de Deus, clamamos por piedade há mais de 2000 anos. No mesmo evangelho que pedimos piedade, Jesus nos relembra que " *Com a medida que medires, serás medido*", ou seja, que a piedade é uma via de mão dupla, relacionada as ideias de compaixão de justiça.

Arriscaríamos algumas definições... Poderíamos dizer que a piedade é o amolecimento de nosso egoísmo diante do sofrimento alheio. A lógica, fria e calculista, nos diz que aquela determinada pessoa está errada e deve ser castigada. Mas, nos fala no imo d'alma a piedade. Observamos na rua um indivíduo pedindo esmola, com frio. A razão nos diz que ele não quer trabalhar. Mas, nos fala no imo d'alma a piedade. Observamos aquele filho ingrato com a família e pensamos em deserdá-lo. Mas, nos fala no imo d'alma a piedade. Muitas vezes ouvimos clamar por piedade e calamos a nossa voz com a lógica, mas a sua voz segue sibilando como o vento matinal.

Fala-nos a psicologia que trazemos dentro de nós dois princípios: o paternal e o maternal, fruto de nossas potencialidades, como descrito no livro *Forças sexuais da alma*, do Dr. Jorge Andréa (FEB). O paternal é aquele que é condicional, vinculado a uma reciprocidade. É quando nosso filho pede para viajar com os amigos e pedimos para ver seu boletim. O maternal é aquele incondicional, o amor de mãe,

que não exige nada. É a mãe que tem o filho assassino na cadeia e vai lá consolá-lo.

Na nossa estrutura social, temos esses dois princípios que se equilibram e convivem, no interior das pessoas, na família, nas instituições, de forma dialética. A piedade é o princípio maternal dentro de nós, nos chamando ao nosso lado humano, subjetivo. Por isso, o artista Michelangelo em sua escultura "Pietà", exposta na Basílica de São Pedro, retrata a piedade como Maria segurando Jesus retirado da cruz. Culturalmente a mãe das mães que intercede junto ao pai (neste caso, o impiedoso Deus dos exércitos), é a figura da piedade.

A piedade não é pena. A pena é um remoer-se interno pelo dor do outro. Um lamentar-se. Não, a piedade é ativa. Irmã da caridade, faz calar a lógica fria e matemática do "olho por olho, dente por dente" e nos lembra que a lei é de amor e que o pai é bondoso e amantíssimo.

A piedade nos move na noite de frio a pensar em nossos irmãos e nos motiva a levarmos para ele o nosso cobertor. A piedade detém a nossa mão para açoitar o irmão que nos feriu. A piedade está além da lógica e da razão, falando-nos ao coração. Os sistemas, estes que nos atendem nos caixas eletrônicos e nos telefones, são frios. Máquinas não são piedosas. Mas, a piedade faz aquele funcionário sair mais tarde por cinco minutos naquele dia para atender aquela senhora que está com dificuldades.

Quando em multidões, escondidos entre todos, é que vemos o quanto somos impiedosos. A pilhéria, a chacota só se faz em grupo. Em grupo, assistimos execuções públicas como espetáculos, assistimos programas de TV que exibem a dor alheia gratuitamente, gritávamos em Roma pelos leões, assistimos a touradas esperando o final sangüinário, assistimos lutas corporais sem sentido. Mas, nos lembramos sempre de pedir: " Senhor, tende piedade de nós".

Que a nossa piedade prescindia da humilhação... Que tenhamos piedade de forma discreta, sem ferir, ou se exhibir, ou ainda, mostrar superioridade. Na roda da vida, sempre retornamos a posição de beneficiários da ação alheia, na busca de pedir uma régua mais branda para nossas falhas.

Piedade, nos olhos e no coração. Piedade que resulte da ação da caridade. Piedade que faça calar o paternal, o condicional em nosso coração e nos permita estender a mão ao nosso irmão em humanidade, antes que ele clame pela nossa piedade.

6. A REDE DO CORDEIRO

Após assistir no cinema ao excelente filme “E a vida continua”, inspirado na obra homônima de André Luiz, na psicografia de Chico Xavier, fiquei a refletir nas intensas relações entre as pessoas no decorrer das sucessivas encarnações. Alternando-se em papéis, construindo e desconstruindo relações, as famílias espirituais descritas em *O Evangelho segundo o Espiritismo* seguem sua jornada, agregando relações com outras famílias espirituais.

Lembrei-me do experimento do pesquisador romeno Jacob Moreno, que observando crianças no parquinho, mapeou as redes de relações entre estas, identificando as redes existentes e o papel de cada criança nesta, fortalecendo a visão matricial das relações humanas e as pequenas redes dentro de uma rede maior e as comunicações entre estas.

A nossa evolução não se dá em uma linha, se dá em uma rede. Sim, ainda que a responsabilidade seja individual, a evolução só se dá no coletivo, nas relações com os outros espíritos. Se assim não fosse, evoluiríamos a feição dos eremitas nas cavernas, apenas meditando e estudando. Por isso, o processo evolutivo nos convida a nascer de outros dois seres humanos e ali formarmos a nossa primeira rede, que tem reflexos em uma rede maior, da nossa família espiritual.

O que caracteriza uma rede é a interdependência de seus membros dentro de um mesmo contexto, onde cada um desempenha um papel que se referênciamos no papel dos outros, compondo um conjunto de forças na condução de uma tarefa, em arranjos cooperativos e competitivos, com hierarquia ou não.

A rede deve ser regada, para ser forte. As relações devem ser valorizadas, com diálogo e interação, com vontade de estar

e permanecer na rede. Não é a rede o Facebook ou outra rede social. Esses aplicativos são reflexos de relações que construímos e fortalecemos, a nossa rede que trazemos da escola, da rua, do trabalho e como apresentado bem no drama psicografado por Chico Xavier, a rede estampada na fieira das nossas encarnações, embasado na máxima de que nada acontece por acaso.

Assim, conglomerados de espíritos relacionados em pequenas redes se agrupam na Terra e no plano espiritual, formando todos uma rede maior, a rede do Cordeiro. Sim, a espiritualidade superior, aqui representada por Jesus, supervisiona as relações dessas redes, para que elas sejam produtivas e possibilitem o crescimento espiritual de seus integrantes. Estar em rede não é estar estacionado, e sim estar crescendo dentro de um mesmo grupo, entre provas e expiações.

Por isso, é importante identificarmos a nossa rede de relações e por que estamos ali, ligados aquele grupo de pessoas. A rede terrena nos oferece tarefas em conjunto, de resgate, aprendizado e crescimento espiritual. Da mesma forma, sentimos diariamente a interação com a rede de companheiros espirituais que nos cercam, unidos alguns por laços de amor e outros de ódio, mas sempre de afinidade. São relações do mundo de cá e de lá que nos impulsionam, lembrando a nossa vontade de crescer, nesse planetinha azul chamado Terra.

Cabe-nos verificar, então, se estamos ajustados a nossa rede, criando e construindo um caminho de luz, antenados com as orientações do gerente maior desta, o Cordeiro, ou se estamos dissonantes, olhando apenas para os nossos problemas, isolados na periferia da rede, necessitando enxergar o mundo que nos cerca.

7. A RESILIÊNCIA BARATA

Antigo conto infantil, a Dona Baratinha narra a história de uma personagem que se posta humildemente, todos os dias, na sua janela, com um laço de fita na cabeça e com uma moeda no bolso, cantando "*Quem quer casar com a senhora Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha (...)*".

Após recusar vários pretendentes, a exigente baratinha aceita se casar com Dom Ratão e, marcado o casório, o noivo vem a falecer no caminho da igreja, precipitando-se na panela de feijoada que esquentava na cozinha da Dona Baratinha, como quitute principal das bodas.

Apesar de desconsolada, a Dona Baratinha, após um momento de choro, coloca novamente a sua moeda em uma caixa, prende a fita na cabeça e volta a sua janela, para cantar a sua cantiga: "*(...) Quem quer casar...*"

Essa singela historieta infantil, narrada entre outras obras, no livro *Lembranças amorosas*, de Francisco Gregório Filho (2000, Editora Global, SP), tem como tema central a resiliência, uma importação de conceitos da física para a psicologia, na adaptação do indivíduo com sucesso a experiências de vida difíceis ou desafiadoras, ou seja, a capacidade de superar as mazelas humanas e retornar a "vida que segue", como faz a corajosa baratinha da história.

A virtude da resiliência é cara, uma rara ferramenta para o enfrentamento dos múltiplos e naturais desafios da vida encarnada, que ainda que sejam planejados ou fruto de resgates, trazem traumas a criatura. Por vezes, nós "congelamos" diante dos problemas pontuais e inesperados e ficamos em estado letárgico diante desses fatos momentosos, sem conseguir retornar ao nosso "estado natural".

A CAIXA

Após uma situação traumática, muitas vezes entramos em uma caixa mental, absorvemos que ficamos naqueles problemas, sem enxergar uma solução, uma fresta de luz que nos guie a superfície, a maneira de uma pessoa presa em uma caixa. Nesse processo, os problemas tornam-se maiores do que são e as soluções se apresentam cada vez mais distantes e impossíveis.

Esse processo de internalização no problema ocorrido leva o indivíduo à depressão, ao isolamento e até ao suicídio. Afogado nos problemas, se entrega aos vícios, reduz a sua autoestima e vive de piedade própria. A falta de aceitação do que houve, a negação e a reclamação incontestes, fazem com que o indivíduo esqueça-se de si e do mundo, preso em um castelo de ilusão, construído no alicerce da dor sofrida.

É preciso sair da caixa!

TOCANDO EM FRENTE

Nas diversas lutas da vida, é preciso seguir em frente, superar, contornar, enfrentar... Sacudir a poeira e dar a volta por cima. Mas, em que pese a simplicidade desse discurso motivacional, o desafio é bem mais complexo no plano real.

O primeiro passo para "sair da caixa" é enxergar o nosso problema com o devido afastamento, dando a ele o tamanho que merece. Conta-se uma história de Buda que este, ao ser abordado por uma mulher que perdeu seu filho, entregou a ela sementes de mostarda, pedindo que as entregasse em uma casa na qual ninguém tivesse perdido nenhum ente querido, exemplificando a necessidade de olhar a dor de nosso irmão, para ver como a nossa é pequena.

Outro ponto é a presença de nossos amigos. Como amigos de fé, irmãos camaradas, devemos estar atentos para perceber no cotidiano aqueles que pela força dos problemas, começam a entrar na caixa e não conseguem seguir o caminho da resiliência, retomando a vida. Nessa hora, a palavra amiga, o ouvido companheiro e o ombro reconfortante operam milagres.

Por fim, diante dos problemas, o cultivo da fé que sustenta é fundamental para o reerguimento dos que sofrem. A crença na vida futura, na justiça divina e na bondade de Deus são essenciais ao bem sofrer, que nos permite sentir, mas também se libertar.

A resiliência não é uma virtude barata e revela a maturidade dos espíritos e uma profunda confiança em Deus. Como a baratinha, passado o luto, é necessário voltarmos a luta diária, na esperança que nos impulsiona a seguir em frente.

Entretanto, a Lei é de amor, e nos momentos de bonança devemos nos recordar daqueles que sofrem aprisionados nas caixas mentais. Eles necessitam de uma mão externa, que os auxilie a romper esse desafio, na visão de que a nossa evolução se dá no coletivo. Às vezes, a mão que Deus coloca à disposição é a nossa!

As dores são inevitáveis e as sentimos de formas variadas, reagindo de diversas formas, como os galhos de uma frondosa árvore diante do vento. É preciso, no entanto, voltarmos a nossa posição original, como galhos fortes e amadurecidos por mais uma prova vencida na longa estrada da evolução, à espera de outras ventanias, naturais de chuvas de verão.

8. AS DORES DO MUNDO

No capítulo V d'*O Evangelho segundo o Espiritismo*, "Bem-aventurados os aflitos", Kardec discorre sobre as dependências do sofrimento de causas presentes e futuras, em um movimento contínuo de aprendizado pelas experiências das provas e das expiações, produzidas e reproduzidas em nossa história.

Como viajores, seguimos arrastando a nossa inferioridade e motivados pelo nosso sonho de angelitude, recolhendo frutos do passado e plantando sementes para o futuro, no mágico momento do presente, como chave de todas as mudanças e do crescimento do espírito viajor.

Essa herança nos oferece desafios, que nos oportunizam o avanço rápido pelas vitórias ou pelo avanço lento das reincidências, mas em um eterno caminhar evolutivo, em interação com o nosso próximo, na realidade clara de que o crescimento evolutivo é uma tarefa individual, mas que só tem sentido no coletivo.

Esquecemos o passado, mas não o desprezamos, como fonte de fortalecimento de nossas fraquezas e de identificação dos vínculos que construímos, e que pela Lei da vida, nos obrigam a reparação, pela via da convivência e da reconstrução.

A semeadura é livre e a colheita é obrigatória, disse Jesus. Assevera-nos o mesmo Evangelho que a Lei é de Amor e que Deus é misericordioso e não impiedoso. Encarnamos para aprender a amar e não para pagar dívidas cobradas por um Deus cruel. As dores do mundo são instrumentos, agulhões de crescimento, pois nas palavras do livro *Missionários da Luz*, de André Luiz, "(...) a reencarnação é o meio e a educação divina

é o fim”, onde nossas provas são planejadas, ancoradas no passado, mas mirando no futuro, nos espíritos perfeitos.

Assim, a postura diante da dor, na visão espírita, nos remete a uma resignação positiva, de superação e de crescimento com as dificuldades. A luta pela evolução descrita por Darwin assume aspectos da superação, da conversão de dificuldades em estímulos e na adaptação rumo ao bem, na obrigação indelegável de todos na construção de um mundo melhor, como ferramenta de crescimento espiritual.

Entregar-se a autocomiseração não nos permite a reflexão, a modificação e a superação. Agir diante das dificuldades, é o grande desafio. Os anais espíritas, dentre outros, exalta o grande exemplo de Jerônimo Mendonça Ribeiro, que acometido de uma enfermidade, acabou tendo que ficar em uma cama ortopédica, o que não o impediu de tornar-se orador espírita e transformar seu leito numa tribuna pelo Brasil todo, viajando em uma Kombi.

Desse modo, diante da pequena e da grande dor, mais do que remoer a explicação das causas do passado, nos cabe avançar na construção do futuro, na certeza da justiça divina, mas no dever de aproveitar a nova oportunidade, customizada para as nossas necessidades evolutivas, ainda que por vezes não consigamos enxergar essa realidade de uma forma integral.

9. CAIXA DE CARTAS

Em mais uma de minhas muitas mudanças de residência, na rotina de encaixotamento das coisas em meio à poeira, encontro uma antiga caixa de sapatos, amarrada com barbante, morada de antigas fotos, cartões, desenhos, manuscritos e cartas, presentes de amigos de outrora.

Mexo nas cartas, algumas escritas com canetas de diferentes cores, outras com desenhos, cheiros e adesivos. Lembranças carinhosas de amigos, oriundas de encontros espíritas, tardes fraternas, manhãs fraternas, dias fraternos... Graças a Deus, temos muita fraternidade no Movimento espírita.

São folhas de papel que ainda guardam em si grande sentimento. Hoje ninguém mais escreve cartas. Replicamos, copiamos e colamos, curtimos, encaminhamos a nossa lista. Abro a caixa de correios diariamente e só encontro faturas, publicidade e contas. Esquecemos o prazer de escrever aos amigos.

Olhando essas cartas, guardadas naquela antiga e empoeirada caixa de sapatos, reflito sobre a importância da amizade, e mais ainda, da necessidade permanente de se cultivar os amigos, pela vivência e pela lembrança, mesmo que seja por uma singela carta.

Amigos são um tesouro. Alguns vão, outros vem. Alguns ainda reaparecem! Nos momentos de alegria, celebram. Nos momentos difíceis, consolam. Como é bom ter amigos para conversar, abraçar, se divertir e ainda, mandar cartas. Como dizia a música dos tempos da juventude espírita, o companheiro de jornada é uma "*dádiva dos céus*".

Mandam-nos cartas os amigos espirituais, falando da vida do lado de lá, consolando e esclarecendo, pela magia das

palavras que se perpetua pela psicografia. Não esquecem de nós, ainda que não sejam percebidos, velando, de forma perene, por nossa encarnação.

Toda essa reflexão vem à mente à medida que mexo naquela caixa de cartas. São cartas antigas, manuscritas, alguns cartões. Representações de sentimentos dos meus próximos, agora distantes. A amizade é uma força poderosa, mas que precisa ser cultivada.

O movimento espírita, como não poderia deixar de ser, é celeiro de grandes amizades, de ambos os planos da vida, que merecem ser regadas pela nossa atenção, como visgo que dá liga a esse movimento e como combustível que alimenta a chama desses grandes momentos que vivenciamos na seara espírita, sempre como bons amigos, como bons irmãos.

10. O CHAMADO

Clássica no movimento espírita é a parábola dos trabalhadores da última hora, tratada por Allan Kardec no capítulo XXI de *O Evangelho segundo do Espiritismo*, que aborda este pelo viés da missão dos espíritas como trabalhadores da última hora.

Perdoe o leitor a ousadia deste articulista, mas vamos propor nas breves linhas desse artigo uma outra abordagem da parábola citada, extraíndo dela novos conhecimentos, não competindo, mas agregando valor.

De forma resumida, a parábola apresenta o senhor que sai a cada hora do dia para recrutar trabalhadores para a sua vinha e no momento da remuneração, recusa a boa matemática das horas trabalhadas e remunera a todos da mesma maneira; o que causa revolta nos trabalhadores das primeiras horas.

A parábola ilustra que a remuneração não é o mais importante e que para além do “toma-lá-dá-cá”, do salvacionismo individualista, o importante é o trabalho na vinha, onde ao ouvir o “chamado”, atendendo-o, já recebemos o nosso galardão.

E esse chamado, em nossa opinião, se apresenta como o tema central da parábola, mostrando o convite permanente do senhor da vida pra o trabalho na vinha. De forma metafórica, cada hora representa uma fase de nossa vida, na qual recebemos chamados ao trabalho, cuja necessidade se faz de forma constante. Na juventude, na infância, na madureza e na melhor idade, recebemos convites do senhor de forma incessante, ainda que nos façamos, por vezes, distraídos.

Pode-se dizer também que as horas da parábola representam as nossas diversas reencarnações, nas quais em

cada uma delas Deus aposta em nós, nos oferecendo mais uma oportunidade de crescimento. A reencarnação é o chamado e precisamos identificar nesta oportunidade a soma de pequenas missões que nos cabem.

E a cada dia, recebemos chamados... Acolhemos alguns, recusamos outros, pela preguiça ou pela ignorância, perdendo oportunidades valiosas. Quando atendemos cada chamado, nos incorporamos à vinha, fonte de crescimento que nos remunera, independente da hora em que acudimos o chamado.

Isso significa o fim do mérito? Que basta apenas tomar-se uma decisão? Não, significa que essa decisão é fundamental, mas que o que importante é a vinha! A parábola não se prende aqueles que desperdiçam o chamado e sim aqueles que foram recrutados, indicando o fluxo incessante de trabalho para os quais somos convidados, e que essa é a nossa fonte de evolução.

Necessitamos ficar atentos aos chamados, em cada hora da vida. A parábola demonstra que a remuneração é a mesma, indicando o valor de todas as oportunidades como ferramentas de evolução. Sempre há esperança, sempre é hora de mudar, agora é a hora. Essa é a mensagem!

Mais relevante que a última hora, é a nossa entrada no trabalho, o nosso alistamento nas fileiras do cristo, nas múltiplas inflexões, grandes ou pequenas, que experimentamos nas diversas encarnações. A cada subida de degraus, ganhamos nossa recompensa, independentemente se ascendermos antes ou mais tarde, dependendo isso de nossa maturidade espiritual e de nosso empenho.

Cada um a seu tempo, de acordo com seu esforço, atendendo aos chamados que se apresentam. Ao receber o chamado, é preciso se posicionar, enfrentar a vinha e seus desafios.

Outro dia nascerá e o senhor necessitará de mais trabalhadores, a cada hora. A última hora de hoje pode ser a primeira de amanhã. Ser a última hora não é ser a última bolacha do pacote e sim se mostrar disposta a renovação, que necessita de esforços e persistência para se materializar em evolução.

Tornarmos a nós mesmos trabalhadores da vinha, eis o fim pretendido, independente da hora em que soar o nosso gongo interior. A parábola fala sobre a justiça de Deus e sobre o sol da evolução que brilha sobre todos. A lei é de amor e justiça, somos filhos de nosso pai e o nosso destino é amar. A vinha nossa de cada dia nos espera e a última hora é agora.

11. FAZER CHOVER

Assisti novamente ao brilhante filme, um clássico ganhador de cinco Oscar, *"O homem que fazia chover"* (*The Rainmaker, 1997*), baseado no romance de John Grisham, dirigido por Francis Ford Coppola e tendo no seu elenco atores do naipe de Matt Damon, Danny De Vito, Jon Voight e Danny Glover.

A película narra a história de Rudy Baylor, um jovem pobre e idealista, que escolhe a advocacia como rumo profissional e que, a despeito das falcaturas e injustiças que encontra pelo caminho, faz do seu ofício-com grande sacrifício, um celeiro de bênçãos para os que encontra nas suas lutas diárias.

O que existe de mais belo no filme é a ideia persistente de que temos possibilidades, por meio de uma conduta ética, de convertermos a nossa prática profissional, qualquer que seja ela, em uma oportunidade de auxiliar as pessoas, nos fazendo refletir que não basta ao homem ser um bom cristão e sim trazer o Cristo para os seus papéis cotidianos.

Esse é o desafio mais complexo: viver no mundo como se não fôssemos dele. Entender, em meio a jogos de carreira, projeção pessoal e evidência, que o nosso labor possibilita, qualquer que seja ele, a felicidade do nosso próximo.

Mais do que fazer o nosso dever bem-feito, devemos fazê-lo repleto de bondade, enxergando na tarefa cotidiana as possibilidades de ajudar o ser humano que cruza nosso caminho, com necessidades e dificuldades.

Como nos lembra o Espírito "André Luiz" em "Sinal Verde": *"Se você puser amor naquilo que faz, para fazer os outros felizes, a sua profissão, em qualquer parte, será sempre um rio de bênçãos."*, na lembrança de que a nossa profissão também é uma forma de relação com o próximo.

Como espíritas, nos cabe avaliar que a vivência na casa espírita deve ser reflexo e combustível para uma conduta cristã nos papéis de pai, amigo, profissional e cidadão. E ainda, que não compactua com o bom cristão a desídia e a corrupção na prática profissional.

Abraçar esse caminho, como no filme citado inicialmente, é traçar uma senda de desafios. Mas, dependendo do nosso momento profissional, como o advogado protagonista, podemos ser capazes de “fazer chover”, propiciando o quase impossível, convertendo situações de dor, pelo simples cumprimento reto de nosso dever profissional. E Deus conta conosco naquele lugar para materializar sua providência...

12. FORTUNA E GLÓRIA

O brilhante filme "*Indiana Jones e o Templo da Perdição*" (1984), dirigido por Steven Spielberg e estrelado por Harrison Ford, mostra o herói na busca de resgatar as pedras de Sankara, cuja fábula de uma aldeia contextualizada no filme asseverava que estas trariam aos seus possuidores "fortuna e glória".

Muito erigiram (e erigem) a sua vida na busca desses valores, desde a juventude alimentando sonhos de fortuna-posses de coisas materiais, e de glória – reconhecimento e fama entre as pessoas a sua volta. Duas grandezas calcadas nas chagas da humanidade segundo o Espiritismo – o egoísmo e o orgulho, e ainda que muitas vezes sustente-se um discurso diverso, a prática demonstra a busca frenética pela promessa de Sankara.

Ser rico e famoso é vendido diariamente em filmes, livros e falas como objetivo de vida, povoando o imaginário de nossos jovens na busca de ser rico e famoso, como os ídolos que eles tanto admiram. Não que adultos não pensem assim, mas a idade jovem se caracteriza pelo ideal de um mundo melhor, uma natureza revolucionária inerente, que acaba sendo minada pelos desejos orgulho-egoístas.

Mas como viver fora desse jogo? Como viver de uma forma franciscana, sem bens e no ostracismo. Curioso, mas em momento nenhum se condena no Espiritismo os bens materiais, mas discute-se, sim, a nossa relação com eles. Da mesma forma, a evidência é vista como prova. A questão está em colocar no centro de nossas existências o objetivo de se ter coisas-que as traças roem, e de ser algo superior-esquecendo que somos todos filhos do mesmo pai. O crescimento espiritual não se dá pela meditação insulada e sim pelas vitórias diante desses valores, afirmando o amor como valor principal.

Jesus falava: "*Não temais, eu venci o mundo*". Vencer o mundo ou vencer no mundo? O que é para nós vencer no mundo? Mansões, fã. Pergunta que devemos nos fazer periodicamente. Vencer o mundo é a porta estreita das batalhas diárias pela construção do bem na Terra, pelas lutas no ideal religioso e social, de combater a dor de cada irmão. Esse é o desafio que se impõe ao cristão, que se faz mais complexo à medida que não o enxergamos.

Cabe termos olhos de ver para enxergarmos os verdadeiros vencedores e as verdadeiras promessas, para que não nos vejamos iludidos no emprego de nossas forças, exasperados no presente e frustrados no futuro, pois os bens materiais têm seu valor na medida que contribuem com o nosso engrandecimento espiritual. Empolgados na luta pela fortuna e glória, esquecemos da família, dos sorrisos, das pessoas.

O desafio está posto, em um mundo que valoriza as posses, o ser como ter, em confronto com a ideia de transformar o ter em ser, na construção do homem de bem, herói esquecido de nossas fábulas cotidianas modernas.

13. FRUTAS DE SEMÁFORO

Aqui em Brasília, na Capital federal, sempre sabemos a fruta da época sem visitar as plantações. Às vezes é o caqui, em outras épocas é a tangerina (ou mexerica para alguns). O morango também comparece, em suas bandejas recheadas... Em cada época, os semáforos enchem-se de pessoas defendendo um trocado, vendendo suculentas frutas da estação aos motoristas naquele pequeno infinito intervalo no período em que o sinal fica vermelho.

Essa situação de economia informal típica de algumas cidades nos faz refletir que a nossa vida tem épocas também. Mas, por vezes, precisamos parar no semáforo e perceber que uma nova época chegou, com seu gosto próprio. Passamos audazes e velozes, sem olhar as árvores nas margens da rodovia, e os novos frutos que elas nos trazem.

Seguimos lépidos, dia após dia, sem dar conta das grandezas de cada época da vida. A força da juventude, a alegria da infância, a visão da maturidade e a experiência da melhor idade, colhendo destas determinados frutos e lembranças. Cada época tem seu sabor, suas grandezas e possibilidades, florescendo nos pomares, em árvores frondosas, mas que passam por vezes desapercibidas.

Uma doença, uma decepção, um fato imprevisto e desastroso... mudanças de rota que nos fazem perceber, no infinito dos 30 segundos do semáforo rubro, a grandeza de cada fase e de como não utilizamos a sabedoria para aproveitar, da melhor maneira, esses momentos.

Aos que nos abordam nos semáforos da vida, com suas bandejas de frutas da época, devemos render nosso agradecimento, por nos lembrarem dos tesouros dos pomares vizinhos, e das sementes que plantamos, imperceptíveis em

nossa avidez de comer as frutas, e que por vezes virão a florescer apenas em outra encarnação.

14. GANZÁ

Na minha juventude, na bela Jacarepaguá (RJ), dentre os meus amigos da rua tinha o Daniel, que morava na esquina e era filho do famoso compositor “Zuzuca”, autor do célebre samba “Pega no ganzê, pega no ganzá”, popular e imortalizado até hoje por servir de base melódica para comemorações de torcidas de futebol, inclusive do famoso Barcelona, time espanhol.

Neste carnaval, descansando na aprazível Pirenópolis – GO, assistia ao telejornal após o almoço quando vi o Zuzuca, aquele meu ilustre vizinho, concedendo uma entrevista e falando da imortalização de seu maior sucesso, passados mais de 40 anos. O já idoso compositor, com os olhos marejados, diante do microfone se diz espantado com o sucesso de sua composição, que era tão bela que ele imaginava se era só dele mesmo, atribuindo a inspiração divina na construção de tal obra.

Sim, como concluiu o nosso Zuzuca, a questão da autoria na obra divina é sempre uma grandeza compartilhada. Não fazemos nada sozinhos! Contamos sempre com amigos do lado de cá e do lado de lá nas nossas criações e aí que reside à beleza disso tudo. Como dizia um antigo dirigente de casa espírita, “todo trabalho é mediúnico”, o que nos leva a perceber que estamos em pleno intercâmbio com outras mentes em nossos trabalhos. Até Deus nos deu a dádiva de com ele sermos cocriadores, nas palavras de Emmanuel.

Essa constatação nos faz pensar na inutilidade de nos acharmos soberbos pelos méritos de nossas criações. Imersos no mundo espiritual, mesmo na solidão de nossos aposentos, recebemos dos espíritos amigos a inspiração que nos impulsiona a criar coisas maravilhosas. Mais importante que a autoria, é o produto...

Difícil discutir isso em uma época de celebridades, de mega estrelas que são exaltadas pelos seus talentos e dotes. Criamos com a finalidade de presentear nosso mundo, com ferramentas que contribuam para o crescimento de todos. Não estou com isso desprezando o esforço dos autores, mas mostrando que existe muito mais do que o orgulho na criação de uma obra, e sim a relevância da própria obra em si.

Da mesma forma, em relação aos nossos companheiros encarnados, é sempre valoroso o trabalho em equipe, ouvir as opiniões e agregar as potencialidades de outros na construção da excelência de um trabalho. Isso tudo agrega valor, se bem coordenado e bem conduzido, na soma de várias potencialidades. Inclusive, o próprio Jesus montou uma equipe de apóstolos para a condução de sua obra!

A vida é um exercício de desapego. Contribuímos com trabalhos que recebemos em algum grau de adiantamento e nele colocamos a nossa sementinha. Aprendi isso na pesquisa científica, onde estudamos a partir de onde outro pesquisador parou, contribuindo para o veio do estudo daquele assunto com muito suor e inspiração.

Colaboramos também quando nos postamos de coração aberto e de boa vontade, com os amigos encarnados e desencarnados, atuando na seara divina tocando o instrumento que nos cabe nessa sinfonia.

Mas, o som só tem sentido quando ouvido! Nosso trabalho, nossas criações, valem pelo que são no mundo real, de que forma afetam a vida das pessoas. Imortalizados ficamos pelo tijolo que colocamos no mundo, mas esse tijolo só tem sentido na parede. Assim, o que criamos de belo e bom só é relevante quando em uso, no tecido das relações com as pessoas, mudando e servindo de insumo para outras criações.

Essa visão não diminui a nossa criatividade. Faz-nos criativos por sabermos que nossas ideias, nosso esforço e nossa visão podem, com outras mentes, fazer coisas incríveis.

Às vezes, como um narciso, nos pegamos admirando o que fizemos e esquecemo-nos da humildade do nosso personagem de abertura, de reconhecer que aquilo é tudo mais que fazemos no mundo, não fazemos sozinhos. A vida nos ensina a cooperar e a dividir sempre.

Cada fruto do nosso esforço, no campo cultural, religioso, profissional, sensibiliza amigos encarnados e desencarnados que aderem a esta causa e colaboram com seu aprimoramento, fazendo mais e melhor. E o mundo recebe nossos frutos, que se traduzem em muitos frutos, como na parábola dos talentos. Fica a reflexão, para todos que arregaçam as mangas para o trabalho, de que nunca estamos sozinhos e isso, sem dúvida, é uma dádiva!

15. SOBRE HOMENS E LOBOS

De Chapeuzinho vermelho aos três porquinhos, o lobo sempre representou o perigo, a agressividade, a animalidade. Como uma antítese de seu primo domesticado, o cão, figura este animal nas florestas sombrias das lendas, atacando aos incautos que nestas se aventuram.

O lobo vem a se fundir com o ser humano no mito do lobisomem, analisado com maestria por Luís da Câmara Cascudo no seu clássico "Geografia dos mitos brasileiros" (Editora Global, 2002), que trata da lenda de Licaon, rei de Arcádia, que ao tentar matar seu hóspede, Zeus, e recebe como castigo do senhor do Olimpo a sua transformação em um lobo.

As tipologias do homem lobo chegam até a Roma, com as suas festas cultuando o Deus lobo, as lupercais, e daí para a Europa, chegando ao Brasil e à América do Norte pelas vias da colonização, povoando causos e filmes de diversas matizes, no homem que diante da lua cheia se transforma em um híbrido de homem e lobo, carregando uma maldição, um castigo divino, vinculado no Brasil, em especial, a atuações morais, como as relações impuras e o sétimo filho homem de uma mesma família.

André Luiz, na obra "Libertação", psicografia de Chico Xavier, apresenta a licantropia como processo de mutação do perísprito com fins de penalização em um tribunal das trevas, provocado pela ação hipnótica de um algoz, fazendo daquele desencarnado um ser similar a um lobo, pelo menos no seu aspecto espiritual exterior.

Revelando, em um sentido punitivo, a verdadeira natureza daquele espírito, o potencial hipnótico faz com esses espíritos se apresentem animalizados, em casos comuns também nas

mesas mediúnicas, como tratado por Hermínio Miranda no seu "Diálogo com as sombras" (Editora FEB).

O lobo figura, assim, como um arquétipo de nossa animalidade, da violência interior do ser humano, que se manifesta como fardo, revelando quem realmente somos, a feição do lobisomem das lendas que nos assustavam nos tempos juvenis, alternando-se entre a humanidade e o seu lado selvagem.

A sentença latina "*Homo Homini Lupus*", que significa que "o homem é o lobo do próprio homem", foi popularizada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes, revelando a descrença do pai do Leviatã no homem e na sua natureza, descrença esta corroborada por Sigmund Freud, revelando o conflito da agressividade latente do ser humano e o seu desejo de paz, como dilema fundamental da existência humana.

No contexto espírita esse conflito é entendido como o atavismo que arrastamos de nosso passado reencarnatório, o homem velho, confrontado com o sentimento renovatório do homem novo, que busca a luz. Alternamos, ainda hoje, na crença no ser humano e a sua potencialidade, contrastado na decepção com o homem egoísta e interesseiro de situações reais.

Em tempos de radicalismo, de desejos de ódio e vingança públicos, esse lobo suplanta o ser humano, o racional, o sentimental, em espetáculos de violência e animalidade, nos quais alimentamos esse animal, de forma controlada, mas que por vezes nos escapa as mãos.

Assim, nos encontramos, jornadaeiros da evolução, homens sonhadores, castigados pelo fardo de sua natureza lupina, nos surpreendendo a cada noticiário, com mostras de superação e fraternidade, e abismados com crimes hediondos, que nos fazem descreer, pela sua violência, na nossa natureza como espíritos eternos, criados por Deus.

E nessa luta caminhamos, pelo fio da navalha, combatendo a cada dia, a cada ação, o nosso lobo interior. Esse lado primitivo que nos cobra um preço se não o mantemos domado, utilizando a mesma expressão de Kardec, quando este se refere as más inclinações.

Devemos, assim, temer os lobos da floresta negra de nosso ser? Jesus nos disse que nos enviava como ovelhas em meio a lobos rapaces, mas que somente lobos caem em armadilhas de lobos. A nossa fraqueza em dominar nossas tendências nos torna presa fácil das armadilhas expiatórias, dolorosas, mas que nos conduzem a melhoria, pela dor e não pelo amor. Temer, apenas o mal que temos em nós mesmos, como assevera o espírito de André Luiz.

As lendas romanas falavam que o homem que se transformava em lobo, se passados dez anos sem cometer atos violentos, retornava a sua natureza humana, livre da maldição, ilustrando que é possível, na luta diária e persistente, vencer a animalidade inata com o desejo de angelitude. Dia a dia, pedra a pedra, construímos o homem novo!

Mas, para isso, precisamos do auxílio, da palavra amiga, da instituição religiosa e por vezes, do profissional especializado. Sem apoio, torna-se complexo romper o espírito violento como válvula de escape aos nossos conflitos, como forma rápida e simples de resolução de problemas, como combustível de nossa ação mais diretiva, necessária nas medidas exatas.

Não se trata de apologia à implosão interior, do silêncio que se converte na neurose e na somatização por meio da doença, mas sim da valorização da resolução de problemas pelo diálogo, com firmeza, substituindo as explosões de fúria que emergem de nosso lobo interior. A repressão, não. A educação, sim!

Não neguemos o lobo... Saibamos lidar com ele, como símbolo de força e de determinação, com carinho e a paciência que se doméstica uma fera, mas com a consciência de sua

natureza, como sabem bem os domadores de animais selvagens.

Não existe no mundo real o lobisomem encarnado. Existe sim o homem, lobo do próprio homem, artífice de seus males, construtor de seus avanços, e as armadilhas jogam sobre ele mecanismos que o auxiliam a domesticar esse lobo, que carrega pesaroso em seu coração, atormentando-o ao romper a capa de homem com um uivo sibilante.

O Livro dos Espíritos diz que distamos dos animais o equivalente ao que distamos de Deus (Pergunta 597). Seres híbridos, saídos das fraldas da consciência, lutamos para construir em nós a paz que desejamos para o mundo, nesse chamado planeta de provas e expiações, que pleiteia a regeneração.

A doutrina espírita, com a sua função libertadora de consciências, investida das palavras do meigo nazareno, nos dá pistas de como vencer, no esforço cotidiano do convívio com o próximo, a nossa animalidade latente, para que o exterior reflita o que somos, ou, pelo menos, o que desejamos ser, espíritos imortais, irmanados pelo amor.

16. O TAMANHO DAS COISAS

Por vezes, gastamos horas amuados, jururus, macambúzios e sorumbáticos, consumindo a nossa mente e a nossas horas em problemas corriqueiros, em coisas que não saíram como imaginávamos, em sonhos frustrados parcialmente. Iludidos ficamos, focados no ponto preto em meio a um grande quadro branco.

Nesse sentido, o poeta mato-grossense Manoel de Barros trata, em um de seus poemas, do tamanho das coisas, como no trecho a seguir:

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.”

A beleza da poesia pantaneira nos serve de inspiração para refletirmos sobre de que forma lidamos com os problemas, habituais em nossa vida... Probleminhas, quando é do outro. Problemões, quando são os nossos... Maximizamos os nossos obstáculos, pela sua “intimidade”, e minimizamos os problemas alheios, pelo nosso egoísmo.

Seguimos assim, se lamuriando de nossas cruces, sem enxergar os martirizados a nossa volta. Se o gramado do vizinho é mais verde, a nossa cruz certamente será mais pesada...

Os espíritos não se cansam de nos avisar desta realidade, onde destacamos a historietta intitulada “Aflitíssima”, no livro *Bem-aventurados os simples* (Espírito Valérium, psicografia de Waldo Vieira), na qual mulher se vê aflita com seus problemas,

com questões comezinhas e busca o amparo de um dirigente espírita, que a consolava, ainda que não possuísse braços.

Na feira das encarnações, avançamos diante de desafios inúmeros e a autocomiseração e o melindre não devem diminuir o nosso ritmo no enfrentamento dos problemas, chaves para a nossa evolução. O trabalho no bem, como terapia de múltiplas utilidades, também nos leva a conhecer outras realidades, de modo a mensurarmos de forma mais realista o “tamanho das coisas” e percebermos que nossos fardos são leves, pelo acréscimo de misericórdia divina.

Falta-nos um sentido amplo da palavra otimismo, em um contexto no qual a doutrina espírita pode nos ajudar sobremaneira, a partir do momento que esta nos mostra uma visão ampla da existência, uma percepção concreta da eternidade, na qual tudo passa e nos lembraremos desses fatos dolorosos apenas como uma lembrança alegre.

Necessitamos não só ampliar a visão em relação ao outro, mas também no que concerne a temporalidade. Para o Espiritismo a eternidade não é um dormir, em uma pseudoexistência, e sim uma sucedânea de vidas nas quais crescemos, *aprendemos e superamos* desafios e percebemos que a pequena luta de hoje, se torna menor ainda amanhã.

Cabe registrar o dito n’ *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no seu Capítulo segundo: *“Para aquele que se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é infinita, a vida corporal não é mais do que rápida passagem, uma breve permanência num país ingrato. As vicissitudes e as tribulações da vida são apenas incidentes que ele enfrenta com paciência, porque sabe que são de curta duração e devem ser seguidos de uma situação mais feliz.”*

O otimismo não se confunde com a inatividade de uma vida repousada apenas na vida espiritual ou na depressão de problemas insolúveis no plano terreno. Na visão espírita, o otimismo nos aponta uma lógica de oportunidades, de

superação pelo perdão, pelo amor, pela reparação, atuando sobre os problemas que julgamos enormes, mas que são ínfimos no portfólios de almas que lutam pela evolução na crosta terrestre.

Assim, pelo prisma da vida espiritual, diante de nossos problemas, analisemos sua dimensão frente aos nossos irmãos, em outros espaços, e a nossa própria existência, na multiplicidade das vidas sucessivas, e veremos que tudo é pequeno, mas não insignificante, indignos de nossa tristeza, merecedores de nossa atenção.

O ponto de vista espírita nos enche de otimismo, afastando a tristeza que nos invade o coração, mostrando o real tamanho das causas de nossas aflições e a medida certa que deve ser nossa atitude, tristes pela nossa humanidade, ativos pela nossa espiritualidade.

As coisas têm o tamanho que a ela atribuímos! Sem sermos desleixados pelo nosso egoísmo, sem sermos melindrados pelo nosso orgulho, devemos sopesar cada problema, lembrando a nossa condição de espíritos imortais em evolução com outros irmãos de jornada.

Assim, com o olhar renovado, nivelamos a vida em alto astral, na lição de que o tempo despendido em lamentações tem melhor uso se convertido em trabalho.

17. DE PERTO

Mariana adora postar nas redes sociais. Fotos na praia, viagens, seu corpo, sua comida. Quem acompanha a jovem vê que sua vida é só alegria. Mas, olhando de perto, vê-se as suas dores pelo pai alcoólatra, em choros escondidos pelos cantos.

Adauto namora várias meninas... algumas ao mesmo tempo. Não quer compromissos. Apenas uma vez se enamorou para valer, e conhecer a pessoa, de perto, quebrou aquela imagem perfeita que tinha da moça. Foi só decepção.

João chegou na casa espírita pela primeira vez. Todos simpáticos, abraços efusivos, sorrisos calorosos. Mas, à medida que as semanas se passaram, conhecendo as pessoas de perto, começou a perceber as brigas e os problemas de cada um dos confrades.

A aparência costuma ser mais positiva. Nos acostumamos a mostrar a face boa da maçã. Mas, quando adentramos a essência das pessoas, das organizações, com uma lente que nos faz ver mais de perto, observamos as ranhuras, as fissuras do que parecia ser tão perfeito.

Isso é por que nada é perfeito, nada é totalmente reto, tendo sempre curvas, poros, marcas. Quando adentramos a essência de algo ou de alguém, nas amizades, no casamento, passamos a ver a complexidade do aspecto integral, e passamos também a interagir, de forma que se refletem nas pessoas e nas coisas as nossas próprias características.

Não é por outra razão que muitos se comprazem em viver na superficialidade das relações. Muitos amigos (reais e virtuais), muitos casamentos, vivendo o encantamento da aparência, mas resistindo as lutas da essência.

Como colibris, beijam as flores da experiência, sem experimentar a profundidade, sem se aproximar do outro, e tudo de bom e ruim que advém desse mergulho.

Nós somos uma essência, que se espraia pelo corpo, pelas organizações, pela sociedade. É esta que se busca modificar ao longo da reencarnação, na busca de mudanças estruturais, profundas.

A superficialidade, amiga da velocidade, potencializada pelo imediatismo, pelas redes sociais, pelo quantitativismo, rouba energias de avanços, em uma dimensão mais estrutural.

Apesar de todo medo que isso causa, a reencarnação nos demanda se deter mais de perto sobre as pessoas, rompendo muros e fossos, para assim atuar nas nossas imperfeições, escondidas nos recônditos de nosso ser e que precisam ser tratadas, de dentro para fora, mas também de fora para dentro.

18. HAKUNA MATATA

A expressão título do presente artigo ganhou notoriedade pela animação estadunidense "O Rei Leão", de 1994, dos estúdios Disney, como lema dos personagens Timão e Pumba. É na verdade uma expressão de uma língua falada na África Oriental e significa, a grosso modo, "sem problemas". Um equivalente ao "*Carpe Diem*" ou "*Don't worry, be happy*".

Geralmente invocada em situações de crise, a adoção de uma linha de isolamento, de negação dos problemas, pode ser uma boa estratégia de sobrevivência, mas o fato de fingirmos que um problema não existe, não o resolve automaticamente. Mas, diante de situações que nos confrontam, é usual buscarmos o Hakuna Matata e varreremos os problemas para baixo do tapete. Às vezes é o que damos conta de fazer...

No outro extremo, a fixação nos problemas nos consome, nos faz rondar os mesmos sem encontrar as soluções, em rumos de tristeza que deságuam na depressão. Uma postura de supervalorizar a questão e por ela ser engolida, congelada nas celas do desânimo. O usual também diante de problemas de grande magnitude.

Duas posturas passivas e evasivas. Uma nega e espera a crise maior, e talvez incorrigível, jogando na conta do futuro. A outra se fixa no sofrimento e na angústia, vivendo e revivendo o problema, eternizado no presente. Podemos, diante das agruras da vida, fazer melhor do que isso!

Diante dos problemas, é sempre possível buscar a ajuda dos amigos, a calma da oração e a ação homeopática na sua resolução.

A ajuda dos amigos sim, pois uma visão de fora, uma palavra de consolo ou mesmo uma apoio concreto, opera milagres. Muitas vezes, por vergonha de falar com um amigo,

adiamos a solução de problemas que podem estar ali, a nossa mão. A ajuda mútua é um dever dos verdadeiros amigos e temos muito a ganhar recebendo e estendendo a mão para aquele que vive dias pesados. Por vezes próximos de nós, e invisíveis.

A oração nos acalma, nos permite a ligação com as forças maiores da vida, e pela intuição dos amigos espirituais, conseguimos enxergar de forma distinta nossos problemas e as possíveis soluções. Rezar, se não melhorar, não piora. E no alto se encontra o caminho, nem que seja para nos mantermos mais serenos e não aumentarmos os problemas, com atitudes desesperadas.

Por fim, os problemas necessitam de ação. Ação resolutiva e de modo homeopático. Com uma ideia embrionária do que precisa ser feito, vamos agindo e vai se descortinando outras linhas de ação. Assim, aos pouquinhos, podemos ir atuando aqui e acolá na resolução dos problemas, com uma boa estratégia, que nos permita superar aquela situação.

Diante dos problemas, comuns na vida de todos, por vezes precisamos do Hakuna Matata, para não sucumbir ao desespero, encastelado no emaranhado de conflitos instalado. Mas, para a saída desse "mato sem cachorro", oração, apoio amigo e a ação resolutiva são capazes de nos conduzir a outros patamares diante do que ocorreu. E aí poderemos, com mais propriedade, ter o lema "sem problemas".

19. TAMPANDO A PANEIA

Tiroteio na comunidade carente. Mandamos a polícia, carros blindados, armas.

Tampamos a panela de pressão.

Brigas em casa, discussões. Cada um fica em um quarto e sem se falar, convivem friamente.

Tampamos a panela de pressão.

Deprimido, triste, a namorada o abandonou e mergulha nos remédios de "tarja preta", na automedicação que busca a paz química.

Tampamos a panela de pressão.

Tampamos diariamente, a luz dos problemas, as panelas de pressão de nossas vidas. Cortamos a aparição do efeito e jogamos as contradições para dentro, fugindo do âmago dos problemas, o cerne das questões. Ocultamos e não tratamos, esperando o dia que esses efeitos se tornem incontroláveis, no famoso caldo que entorna.

Deixamos na conta do tempo, na esperança de que tudo passará. Mantemos os conflitos, os atritos e nos postamos contritos, como meteoritos a vagar sem rumo, fugindo de novos impactos, pelos quais nos vemos atraídos novamente, pela irresistível força da gravidade.

A postura de colocar a "tampa na panela" é um paliativo, utilizado por todo nós, a mancheias, mas que pouco contribui com a edificação do homem de bem. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo V, já tratava desse assunto, quando diz que: "(...) *Essas aflições são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que nos castigam, e provas que nos preparam para o futuro. Rendamos graças a Deus que, em sua bondade, dá ao*

homem a oportunidade da reparação e não o condena irremediavelmente pela primeira falta."

Ou seja, a oportunidade de reparação é uma benção que não pode ser desperdiçada. Mas, essa reparação se dá, em um nível mais profundo, quando avançamos sobre as questões centrais, nas causas de nossas aflições. Munidos das ferramentas do diálogo, da paciência, do perdão e da indulgência, um arsenal do amor, podemos, de forma gradual, ir abrindo essa vaporosa panela, para tentar equilibrar a temperatura.

Ao invés da resolução dos conflitos pela acomodação ou pela negação, empurrando para o futuro, recordemos que a hora é agora, nessa encarnação, de crescermos e avançarmos. Emmanuel, na psicografia de Chico Xavier, na obra *Fonte Viva*, indica no texto "Eia agora", que "(...) *Agora é o momento decisivo para fazer o bem. Amanhã, provavelmente... O amigo terá desaparecido. A dificuldade estará maior. A moléstia terá ficado mais grave.*" Depois, amargaremos o sabor da oportunidade perdida, e teremos que reiniciar, talvez em uma situação nem tão privilegiada como a presente, ainda que não enxerguemos essas situações promissoras.

Fato, também, que por vezes não damos conta das questões e somente nos restam as soluções paliativas. Mas, isso não inibe a nossa necessidade de saber das nossas fraquezas e que teremos que, em algum momento, retornar aquele ponto. Tal é a Lei.

Coragem para enfrentar os problemas, em um nível profundo... Coragem para resistir à tentação de contornar o problema, deixando sua resolução para outro momento. Essa postura que diferenciará nosso avanço na presente encarnação, como indivíduo ou coletividade. As pressões nos intimidam, mas o calor do momento pode ser equilibrado com o diálogo fraterno e a persistência que faz aquela água fervente retornar ao seu estado natural.

Peçamos a Deus essa coragem, diante dos múltiplos desafios de nossa encarnação, para que possamos, de cabeça erguida, enxergar cada desafio como uma luta a vencer na linha do bom combate e não um dragão que tenhamos que nos esconder, rezando que ele vá embora.

20. A MORDIDA E O VENENO

Foi ofendido. Ouviu o que não devia e um pouco o que precisava. Foi humilhado, injustiçado e aquilo bateu forte dentro de si. Acabada a refrega, terminada a contenda, cada um para seu lado e nosso protagonista segue, mordido. Mordido passará a semana, e aquela dor o atormentará, no lazer, no trabalho, no estudo, convertendo-se em um veneno, uma peçonha destilada nas falas, narrações infinitas do fato tormentoso que tanto o machucou.

O trecho narrado se encaixa em diversos personagens, nas lutas cotidianas, nos desentendimentos comuns da vida do trabalho, da escola, da casa espírita e que servem de palco para espetáculos lamentosos, com frases desnecessárias, que terminam por deixar o indivíduo "mordido", magoado com aquilo tudo e encontrando como solução, espalhar seu veneno por todo seu entorno.

O orgulho ferido figura como causa essencial dessa situação. Afetados em nossa postura, ao invés de buscar a reflexão, partimos para a contra-argumentação, como meninos mimados, a medir espaços com nossos opositores, querendo a réplica, a tréplica, dessa nossa batalha individual. Seguimos sangrando, querendo a revanche da situação que nos abalou, engendrando na mente cenários de como foi ou de como deveria ter sido, massageando medos e inseguranças, centrando na disputa e pouco em soluções.

A capacidade de perdoar e de reconstruir relações se apresenta como competência cicatrizante para estancar a mordida e impedir que esse veneno se espalhe na fofoca e na maledicência. Perdoar é uma ciência que precisamos aprender, e exercitar, setenta vezes sete vezes, como já dito por Jesus.

Passar uma borracha, reiniciar entendimentos, ceder e negociar, são ações essenciais aos que buscam a paz e a produtividade nas relações. Pensar nas tarefas, no grupo, nos contextos, sopesando isso com o que motivou o entrevero, é uma postura madura em casos de atritos entre as diversas equipes de trabalho, e que permite relevarmos os problemas, colocando-os no seu devido lugar.

Por vezes, ficamos sem falar com uma pessoa, magoados, e já nem nos lembramos o porquê. Antipatias e questões comezinhas servem de combustível para contendas que se arrastam e que tem a sua gênese, de fato, nas nossas imperfeições, na intolerância, na inveja e no ciúme, e que tem como estopim, por vezes, as questões menores.

No trabalho espírita, diante de um impasse, de um conflito, fuçamos do padrão de trocas de impropérios, seguida da mágoa e da fofoca, na polarização destrutiva. Respeitemos o dissenso, como natural das relações, e valorizemos o diálogo, a indulgência e ainda, a maturidade que nos permite sair do calor do momento e retornar a vida que segue.

O Cristo falou do perdão e do amor aos semelhantes. Kardec nos brindou com a valorização da argumentação e da humildade. Na casa espírita, na busca da construção do homem de bem, na realização de tarefas com amigos de cá e de lá, não se justifica o "climão" pós reuniões com ideias divergentes, e sim a busca do diálogo e da reflexão, como forma de aprimoramento contínuo.

Certamente, sabemos que isso é difícil... Mordidos ficamos e arrastamos essa ferida por anos a fio. Sofremos e fazemos sofrer, no veneno da maledicência, esquecendo a lição do perdão e de como pesa no coração o rancor e a mágoa. Mas, reconhece-se o verdadeiro espírita pelo seu esforço, e aí reside toda a nossa força.

21. AMAR SEM APEGO

Amar é bom... Fundamental como potencialidade humana e fonte de felicidade. Amar é a Lei, dito por Jesus no "amai-vos uns aos outros" e reforçado por Kardec no "Fora da caridade..." O amor é a força que alimenta o universo, que nos faz mais, que nos permite acreditar no melhor.

Mas é preciso saber amar. Independente das formas de amor, aquela mais individualizada do amor romântico, ou aquela mais universalizante, mais fraternal do chamado *ágape*, o amor, em todos os momentos da vida, da infância a melhor idade, necessita se precaver de um outro fator de deterioração: o apego.

Parece contraditório que o amor, pautado na união, na vontade de se estar junto e se querer o bem, possa ser desvirtuado pela questão do excesso de aproximação. O apego transita pela dependência, descambando para o ciúme e para a dominação, fazendo do amor as vezes uma fixação, descolada da realidade. Contamina o amor por torná-lo algo escravizante, o que rompe a visão emancipatória deste sentimento.

Muitos crimes que estampam páginas policiais derivam de um amor dominado pelo apego. Muita dor e sofrimento se faz em nome desse amor.

O amor verdadeiro é saudável, produtivo, traz o bem, em todos os sentidos. É libertador! Quem ama não mata! O amor nos faz não precisar dos outros de forma incontestante, mas sim nos sentirmos fortes justamente por amarmos. O amor nos faz humanos e ainda, nos permite ver a essência humana em cada espírito encarnado, nos ligando por uma tênue energia de interdependência, que é algo muito maior que a dependência.

Não digo que é fácil amar com desapego. É um desafio... A morte, o afastamento compulsório, a doença... São provas que

nos levam a experimentar em que medida nosso amor está apartado do apego. Não reputo como simples ser desapegado, amando, mas percebo ser um objetivo a trilhar, para que possamos nos libertar das amarras, transcendendo as questões transitórias da posse.

Como amar uma pessoa sem amar o mundo? Como amar o mundo sem ter amado uma pessoa? Amar é um estado íntimo que modifica a nossa visão da existência, nos motiva a sacrifícios, nos fazendo avançar no sentido espiritual. Distantes estamos, nesse planetinha de provas e expiações, de saber o real sentido dessa palavra, mas certamente sua essência não se liga ao apego, ao medo da perda e do abandono.

Como dizia Paulo de Tarso na Primeira Epístola aos Coríntios: *"O Amor é paciente, é benigno; o Amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera e tudo suporta. O Amor nunca falha."* Palavras que devemos trazer no coração quando abandonados, livre ou compulsoriamente, pelo amor das nossas vidas, mas que devemos lembrar também quando experimentamos a plenitude do amar, recordando da natureza real desse sentimento.

Apegados ao objeto do amor, não permitimos que ele cresça, que ele se torne ele. Mas, ao mesmo tempo, o afastamento, a distância não faz bem ao amor. Tênuo equilíbrio entre se estar junto e se permitir que o outro cresça me parece ser um dos fundamentos do amor sem apego. Um exercício constante, construído no cotidiano, de quem não se furta a essa maravilhosa experiência que é amar.

Concluimos com a fala do psicanalista Erich Fromm, espírito sensato, que ao escrever sua obra magistral, "A arte de amar", indica que o amor infantil segue o princípio: "Amo porque sou amado" e o amor amadurecido se pauta pelo: "Sou amado

porque amo". Da mesma forma, o amor imaturo diz: "Amo-te porque necessito de ti" e o amor maduro pensa: "Necessito de ti porque te amo". Um amor maduro, que sobrevive as intempéries, busca, na medida do possível, se desapegar, sem estar longe. Pois sabe que o amor está ali, fora e dentro do seu coração.

22. HUMOR

João chegava ao trabalho sempre bem-humorado. Sorria, cantava pelos corredores, abraçava os mais chegados. A hora em que ele adentrava as portas da repartição, parecia que o mundo se iluminava, diante de sorriso tão radiante.

Pedro arrastava-se para o trabalho, sempre mal humorado. Reclamava e grunhia pelos corredores, desviava de seus desafetos, virava a cara para os subalternos. A hora em que ele adentrava os portões da repartição, o ambiente se tornava cinza, lúgubre, diante de tanto amargor.

O humor, bom ou mal, se manifesta no cotidiano, nas coisas simples, nos gestos habituais, que marcam o nosso ser e que nos fazem, a cada dia, ser o que somos.

Entretanto, mais do que uma questão da nossa vida cotidiana, o humor é uma questão de escolha, de disposição íntima diante das agruras que enfrentamos, alguns mais, alguns menos dores, mas todos na luta como espíritos encarnados.

O humor tem muito a ver com a forma que nós carregamos nosso fardo e não com o tamanho dele. O fardo, em nossas costas, é sentido, e não visto. Vamos ajeitando ele, revezando a dor. Para o alívio, alguns cantam, outros murmuram.

Quem não gosta de trabalhar com pessoas bem-humoradas? Quem não foge de pessoas ranzinzas, rabugentas? Esse halo, luminoso ou trevosos, que acompanha o humor, serve de atração ou repulsão, na chamada lei de afinidade. Difícil ter amor de mau humor!

É preciso ter compaixão do mal humorado... é preciso aprender com a pessoa bem-humorada... Posturas extremas que podem contribuir para a solução ou para o agravamento dos problemas enfrentados.

Não consigo imaginar Jesus mal humorado. Pessoas iluminadas que passaram pela Terra, medalhões da moral, figuram em suas fotografias com sorrisos amáveis. O sorriso, com a sua força contagiante, a gargalhada com a sua expansividade e o riso com a sua sintonia, são as forças que os espíritos elevados souberam dispor de forma magistral.

O mal humor, pela força dos dias, pode se converter em mágoa, ódio, depressão, conduzindo a criatura encarnada ao pânico, a solidão, ao crime e a tristeza. Diante dos problemas, é preciso não permitir que se instale o mal humor em nosso semblante!

A cada dia que nasce, o sol nos brinda com seus raios, a corar nossos rostos, a fazer brilhar o que há de melhor em nós. Cada dia é um convite da divindade para recomeçarmos, uma mini reencarnação na qual os desafios se renovam e com eles o crescimento.

Para enfrentar cada dia na longa estrada da vida, necessitamos regular o nosso humor, fazer dele o tempero que faz nossos dias diferentes e que se espalha em nosso caminho.

A escolha é nossa! Temos sempre a possibilidade de chavear o nosso dia, para o bom ou mal humor. Uma opção que, sem dúvida, só tem uma resposta certa.

23. MARIA SOLIDÁRIA, A DÁDIVA E O EGOÍSMO

Uma das mais belas canções do artista mineiro Beto Guedes, na composição do saudoso Fernando Brant e do Mestre Milton Nascimento, e que teve também outras belas interpretações; “Maria Solidária” narra em fragmentos a história de uma mulher que com muito carinho e amor ajuda as pessoas de sua comunidade, mesmo que com palavras apenas, sendo ela uma referência na resolução de problemas cotidianos. Um tipo que guardamos vários exemplos na memória.

Nesse mesmo naipe, nos recordamos das pesquisas do sociólogo Francês Marcel Mauss, que após estudar as tribos da polinésia, publicou nos idos de 1925 o texto “*Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*”, obra durante longo tempo desconhecida e que foi recentemente redescoberta, trazendo a força da vida em comunidade, que flui em um rio de relações, na qual se dá e se recebe, mas sem se monetarizar essas relações, buscando a sustentabilidade no tecido social, por conta de uma colaboração mútua, de se estender a mão ao irmão.

Essa descoberta do outro, a percepção da interdependência dos seres vivos habitantes do planeta, em um holoparadigma da existência, já cantada por Jesus no “amai-vos uns aos outros”, por Francisco de Assis em sua integração com a criação, por Kardec no “Fora da caridade não há salvação”, e por tantos outros filósofos, políticos e religiosos, nos faz entender que na existência não nos vemos solitários e sim solidários, dependendo uns dos outros, e que a providência divina utiliza a nós mesmos para promover o bem comum.

Se chove lá, se tem crime acolá, se outros ficam doentes mais adiante, isso nos interessa. O que ocorre no mundo é da nossa alçada. A varíola só foi erradicada quando os países mais

desenvolvidos entenderam a necessidade de se atuar nos países em desenvolvimento. Na feira das encarnações, essa verdade se faz mais cristalina, imersos em uma rede de espíritos que se alternam no mundo de cá e de lá. Todos cordeiros do rebanho do Senhor da vida.

Em tempos de um egoísmo latente, da banalização da dor do outro, da individualização das casas matas em que nos encastelamos, vendo o mundo mediados por aparelhos eletrônicos, em um desenho no qual a competitividade faz de nossa vida um culto ao "eu" e aos "meus", importa uma reflexão sobre nossa pequenez nesse intrincado mundo das relações.

Cada vez que nos vemos atemorizados ante os riscos da vida, a cada momento de sucesso passageiro, a cada vez que nos vemos envoltos na solidão, esquecemos essa teia de relações e nos albergamos no egoísmo, como se isso fosse o suficiente, revelando-se uma fuga do mundo real, vencidos pelo medo, pela decepção e pela desconfiança. O egoísmo é pai da violência, em todas as suas formas, simbólicas ou não!

Basta ler os jornais, ver os comentários nos blogs e as notícias e saberemos bem do que se trata... Como meninos assustados, nos escudamos em nossos brinquedos e esquecemos que assim como o egocentrismo é a marca da infância, o egoísmo é uma característica da imaturidade espiritual e que faz-se necessário romper essa barreira para avançarmos. Não adianta olhar somente para si. O foco é em frente, percebendo quem vem ao seu lado.

Os espíritos são claros nas mensagens a Kardec no Evangelho (Cap. 11), indicando que para que nos amássemos reciprocamente, seria necessário que livrássemos o nosso coração dessa couraça que o envolve, a fim de torná-lo mais sensível ao sofrimento do próximo. Para isso convergem, ou deveria, toda a prática espírita, o estudo, a reunião mediúnica,

a assistência. O Nazareno disse que seus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem!

Pequenas doações, um sorriso, uma gentileza, um esforço para desembaraçar situações. Pequenas dádivas que por vezes estão ao nosso alcance e não percebemos, nos recusando a sermos solidários a ajudar. A abnegação é uma virtude tonificadora de nossas relações e a sustentabilidade não vem do utilitarismo e do egoísmo e sim do interesse de ficarmos todos bem, com pequenos sacrifícios aqui e ali, que são recompensados diariamente pela misericórdia divina, que derrama um rio de bênçãos em nossas vidas, ainda que insistamos, por vezes, em não enxergar.

24. O HOMEM DO PONTINHO PRETO

Oswaldo era um pessimista inveterado. Os amigos diziam que ele sempre via o pontinho preto na tela toda branca. Mas ele não se via assim. Se via como um realista, precavido quanto aos dissabores do amanhã, alerta para as ameaças que poderiam surgir ali na esquina.

Entre reclamações e críticas, Oswaldo sempre olhava o copo meio vazio, o pior ângulo e em tudo esperava sempre o pior, em uma total ausência de fé e de esperança. Desconfiava de tudo e de todos, e não se abria, temeroso do que poderiam fazer aqueles que se dispusessem a ser seus amigos.

Quando pediam a sua opinião, lá vinha ele com alarmismos, julgando a todos mal e vendo sempre a má fé e a esperteza de cada um... Um verdadeiro agourento, diziam alguns, tornava-se uma pessoa isolada pela comunidade, por esse seu jeito negativo, o que reforçava a sua visão pessimista do ser humano.

Um dia, no seu leito de desencarne, confessou a um dos poucos amigos que assim agia pois havia sofrido muitas solapadas da vida, o que lhe fez ficar pessimista, sem esperança, achando que viria sempre o pior. Ao chegar do outro lado, se surpreendeu, por ver que a vida continuava, com suas lutas e desafios.

O otimismo é uma virtude, mas que se enfraquece pelo remorso, pelo sofrimento reiterado, pelas dores que traumatizam o espírito encarnado. Uma conquista, pois apesar de parecer fácil enxergar a tela branca, o pessimista se fixa ao ponto preto, aprisionado pela dor que viveu.

Assim, exigir o otimismo demanda entender por que certos irmãos se detém a uma visão negativa da vida, repleta de desconfianças, pensando sempre o pior. Por vezes, aquele

irmão não conseguiu se libertar do emaranhado de dores que ele carrega no coração, dessa vida e de outras, e precisa de ajuda.

Isso é muito comum nas reuniões mediúnicas, na qual espíritos sofredores que perambulam arrastando as suas dores cultivam a descrença em dias melhores, enxergando apenas o pior, esquecidos de que existe uma luz maior a nos guiar, bastando, por vezes, apenas levantar a cabeça.

A dor, qualquer uma, tem efeitos retardados, e isso faz com que o chamado trauma nos impeça de ver o melhor que poderá vir, construído pelas nossas mãos. Como confiar, se já fomos feridos? Como pensar no melhor, se já vivenciamos tanto sofrimento?

Esse pontinho preto pode ser infinito e nele ficarmos aprisionados, sem perceber quanta coisa boa existe no mundo, produzido pelas mãos humanas, e quantas pessoas que dão exemplos de superação de seus desafios. Mas, para se desviar desse ponto preto, fixo, precisamos por vezes de ajuda. É preciso insistir nesse ponto...

Diante do amigo pessimista, que sempre espera o pior, que não confia em ninguém, ao invés do isolamento, pense que ele precisa de um abraço, de uma boa conversa, e que ele precisa de pessoas que o ajudem a reencontrar a sua "fé na vida, fé no homem".

E para isso, não basta mostrar a ele coisas boas, mas convidá-lo a construí-las, com o seu esforço, para que ele veja, de forma não alienada, a força do bem, potência transformadora que realiza o que seria mais próximo de um milagre em nosso planeta.

Assim, os realistas de plantão colecionarão outras realidades, que mudarão as suas lentes, não para a ingenuidade que enfraquece, mas para o amor que liberta, vendo em cada um a sua essência divina.

25. DESESPERO: O MAU AMIGO DE TODAS AS HORAS

Certa feita na reunião mediúnica, como sempre ocorre no atendimento aos desencarnados sofredores, o espírito ligado ao médium agonizava pela sensação reincidente do suicídio que sofrera, gritando e gemendo pela dor mental lancinante a lhe torturar. O esclarecedor, sabiamente, com sua fala mansa, diz aquela alma sofredora: "*O desespero não é bom amigo*".

Realmente, o desespero não é um bom amigo. Em hora nenhuma... A palavra desespero remete a ausência de esperança, aquela condição na qual não enxergamos a saída e fugindo de toda a racionalidade e serenidade, buscamos a saída pelo suicídio, pelo crime, pela violência. Buscamos a solução criando mais problemas!

Nos vemos, quando desesperados, em uma fria e escura caixa, na qual sem indícios de melhora (apenas de piora), somos visitados pelo mau amigo que não nos traz soluções, apenas agravando a nossa condição, por nos roubar a calma que permite enxergar a fresta de luz. O desespero é amigo do desânimo, do desgaste e da desarmonia. Não desenrola, só enrola mais a nossa situação.

Uma palavra amiga? Uma palestra edificante? Repensar a situação em outro prisma? Fácil falar quando não estamos desesperados, mas a verdade é que sem intervenção externa, quando de processos agudos, o desespero não é tão fácil de ser superado. Como um curto-circuito generalizado em nós, nos agita, como mecanismo de defesa, mas não nos prepara para os problemas da vida moderna, de resolução não pela força, mas pela sabedoria.

Surgindo de mansinho ou de supetão, causas externas se combinam a condições internas e a pessoa fica transtornada,

sem encontrar a solução, necessitando de um bom amigo, encarnado ou desencarnado, para que o desespero seja superado.

Mais do que dividir os problemas e ouvir, precisa a pessoa de um amigo que a ajude a divisar soluções, reconstruindo o que houve e enxergando o que pode ser feito.

Os Salmos bíblicos dizem que "Na minha angústia clamei ao SENHOR, e me ouviu." Deus nos ouve e nos vê, e nos ampara no limite de nossas forças e a prece sincera e a atividade religiosa apresentam-se como um bom instrumento para domesticar o mau amigo, pois na fé encontramos combustível para a esperança, e quando raciocinada, temos uma visão maior que nos permite entender e agir.

Diante de grandes obstáculos, pessoais ou coletivos, nos quais a esperança não nos permite enxergar mais além, não deixemos adentrar ao nosso coração o mau amigo que é o desespero. Destrutivo, agrava os problemas e não nos permite a sabedoria de quem sabe esperar e agir. Que a chama da fé ilumine nessa hora a caixa escura que estivermos imersos, mostrando que os problemas por vezes são menores do que aparentam.

26. REMÉDIO CONTRA A DECEPÇÃO

A decepção é uma força poderosa. Poderosíssima...Reside na expectativa que se quebra e consigo leva a um futuro imaginado no interior de um coração, deixando um gélido vazio nessa sua derrocada.

A expectativa é mãe da decepção, e filha da cegueira. Uma cegueira de enxergar as coisas para além do que elas são, pela nossa ótica, pelos nossos anseios. Uma cegueira de superdimensionamento, de presunção, que "*(...) é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.*", como assevera *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Um dos remédios contra a decepção é entender que ela faz parte da vida. Que as pessoas, espíritos encarnados, tem as suas imperfeições e estão sempre aquém de nossas expectativas. Expectativas essas que, se veem infladas, em tempos de celebridades, de redes sociais, de promessas de felicidade fácil e duradoura, longe dos desafios terrestres.

Não é uma questão de esperar demais, mas de se esperar mais do que se pode, preso a um imaginário que se quebra, e não permite ver outras coisas boas no mundo real, o que se amplia em tempos de crise de confiança, de heróis desmontados, por uma sociedade que transborda informações, algumas verdadeiras, e na sua maioria falsa. A decepção é figurinha fácil, e nos faz tristes, desesperançosos e tristes.

Jesus, os amigos espirituais, estes não esperam encarnados perfeitos para operar a construção de um mundo melhor. Contam com a gente mesmo, estropiados de caráter, fracos e vacilantes, pois sabem que no desafio, cresceremos. Que na luta, nos superaremos. E traremos outras opções, para alimentar as expectativas.

Sim, pois a expectativa pode ser algo estático, inerte, construído em nossa cabeça a partir de um olhar, mas a realidade sempre nos surpreende e ajusta essas expectativas permitindo modificar essa nossa visão a qual nos aferramos, de sonhos infantis que distam da realidade.

A decepção nada constrói, ela nos paralisa, e se cultivada amiúde, se converte em um ódio violento, que não preenche o vazio por ela deixada. Um ódio que busca destruir no exterior o mundo mágico que construímos em nosso interior, calcado em alicerces frágeis.

Olhar o mundo como ele é, e ver nesse a grandeza da criação. Entender a natureza de espírito encarnado e suas limitações. Elixir para mitigar a decepção, A reencarnação, o conhecimento espírita, também podem nos ajudar nessa luta, calibrando nossa visão do presente e do futuro, figurando com um bom remédio antidecepção.

Mas é preciso querer e saber usá-lo!

27. O BEM, LENTO E GRADUAL

Robert Stephenson Smyth Baden-Powel, o criador do escotismo, uma forma de educação de jovens com a adoção de um código moral e que valoriza o contato com a natureza, indicava aos seus praticantes a realização de uma boa ação diária, pelo menos.

Um singelo mecanismo de incentivo a prática cotidiana do altruísmo, do desenvolvimento de um senso de perceber a necessidade do nosso próximo e se colocar ali, ao feitio do bom samaritano da parábola, se disciplinando a cada dia.

O filme "A corrente do bem", de 2000, dirigido por Mimi Leder e tendo como protagonistas Kevin Spacey, Haley Joel Osment e Helen Hunt, narra a história de um professor que desafia seus alunos a criar algo que possa mudar o mundo, e um deles, de forma simples e surpreendente, cria um novo jogo, chamado "Passe para frente", no qual a cada benesse recebida, você retribua a três outras pessoas.

Outro singelo mecanismo que sistematiza a prática do bem, garantindo que ela se expanda no cotidiano e, como proposto pelo professor, realmente mude o mundo. Mais um exemplo de que o bem surge na mente e no coração, mas se realiza no mundo concreto e que precisamos realmente nos sistematizar, para adquirir uma cultura do bem, na ideia exposta pelo espírito André Luiz no início da obra *Nosso Lar*, que a "disciplina antecede a espontaneidade".

Esses exemplos trazem uma reflexão sobre a prática do bem, tema central do presente artigo. O bem não se mede por bolsas distribuídas ou ainda, pelo valor investido, e sim pelo avanço espiritual que a interação no bem nos traz. Entretanto, isso não inibe a necessidade de artifícios didáticos que nos ajudem a nos ajustar a senda do bem, de forma cotidiana.

Esforços por uma boa ação por dia, passar para a frente o bem recebido, fazer ao outro o que desejamos a nós mesmos, pequenos exercícios que fazem o nosso coração se movimentar, cedendo o homem velho e dando espaço a angelitude desejada.

Somente assim, o amor sai do discurso para a prática, reino das dores e necessidades. Não adianta postarmos nas redes sociais flores e rosas e ao passarmos na rua, diante de uma iniquidade, nos calarmos. A encarnação se faz nos desafios reais de cada dia e precisamos, em doses homeopáticas, nos exercitarmos para a cada "aula" reencarnatória avançarmos como espíritos.

O amor é uma arte que se aprende e que se aprimora. Razão maior de nossa existência na Terra, o aprendizado do amor se constrói de pequenas lições. Na sua obra seminal, "A arte de amar", o escritor Erich Fromm aponta que o amor exige prática, concentração e maturidade e que ele não ocorre por acidente, e sim pelo esforço que fazemos ao longo da existência.

A cada dia da presente encarnação cursamos uma aula da vida, entre provas e exercícios, que nos levam a crescer, fazendo e refazendo, aprofundando-se no amor. Pequenas atitudes no cotidiano, lenta e gradualmente, constroem edifícios de amor e espiritualidade, modificando nossas heranças, empedernidas de outras vidas com pouco amor.

Mudar sempre é preciso, mas a natureza não dá saltos, com milagres e arroubos. No sacrifício, as vezes silencioso, crescemos e nos tornamos diferentes, pois é essa fé que Deus coloca em nós, quando nos permite mais uma encarnação.

28. A BOLHA

Rubens andava angustiado... tinha trocado a sua série de exercícios físicos na academia, e um vírus havia apagado os contatos de seu celular, que ainda tinha caído no chão e rachado a película. Que dia!

Chegou em casa e sua mãe havia preparado salada de brócolis, que Rubens não gosta, e para não ficar com fome, complementou o almoço com um cremoso sorvete de chocolate, embora preferisse de flocos.

Ao ir à casa de seu amigo, Heitor, para juntos encararem o futebolzinho da tarde de sábado, a mãe deste informa a Rubens que o seu amigo estava na Casa Espírita em uma atividade e que ele havia deixado recado para que o encontrasse lá. Rubens não pestanejou e se direcionou ao templo religioso, para ali encontrar seu colega de bola.

Ao chegar lá, a casa estava repleta de moradores de rua. E havia sopa, entrega de bolsas, e aquele grupo de adultos, jovens e crianças, enfileirando-se na busca de alimento que saciasse a fome material, de uma palavra que desse algum conforto moral, e esperando ali, pacientes e sequiosos, por uma roupa usada que lhes servisse.

Rubens avista Heitor ao lado de um senhor que conversa com as pessoas atendidas pelo trabalho, e seu colega de futebol faz sinal de silêncio e indica que ele se sente ali, ao lado, enquanto termina a preleção. E à medida que o condutor do estudo fala, cada pessoa vai trazendo as suas mazelas: um filho doente, uma tentativa de suicídio, o uso de entorpecentes, a agressão na infância, o risco de ser incendiado na rua, a hepatite, a tuberculose, a AIDS.

Os olhos de Rubens se espantam com aquele desfile de problemas. Heitor sinaliza, em uma pausa, para eles saírem "à

francesa”, mas Rubens se recusa e se mantém ali, atento a dor daquelas pessoas, e fica pensativo sobre como eles conseguem viver com aqueles problemas. Nesse ínterim, seu telefone celular cai do bolso, e racha ainda mais a sua película... ele olha para o aparelho, olha para as pessoas, e apenas pensa na sua vida, nas suas prioridades, refletido na tela do celular.

Essa breve historietta, fictícia, mas atual, narra as distâncias que vivemos da realidade nos dias de hoje, e em que pese exista mecanismos mirabolantes que nos comuniquem por todo o planeta, com fotos e vídeos, nos vemos cada vez mais aprisionados em uma bolha, padecendo de problemas pequenos, sem olhar para o nosso próximo, as vezes nem tão distante.

Nesse sentido, os trabalhos assistenciais funcionam como verdadeiros choques de realidade, nos quais vemos na dor do outro como somos felizes, e como devemos valorizar o que temos. Às vezes, é preciso esse tratamento, reiterado, de convívio com aspectos da realidade desprezados, de pessoas esquecidas, de sofrimento e de carência, na qual o Espiritismo, pela sua bandeira social, do “Fora da caridade não há salvação”, nos convida a nos engajar, sistemicamente, em ações sociais que exercitem nosso coração no amor maior.

Infelizmente, esse ânimo pelos trabalhos assistenciais anda arrefecido nos dias de hoje. Pouco aparece essa temática na imprensa espírita, nos livros, nas palestras e nas casas, por vezes envelhecidos em sua força de trabalho, com riscos de sustentabilidade futura. Festejos, seminários e eventos artísticos já não trazem como fim o financiamento de atividades assistenciais. Será que deixamos de ter a necessidade, na casa espírita, de trabalhar essa dimensão? Fica a pergunta que não quer calar...

O trabalho na ação social na casa espírita não é um complemento das políticas sociais do Estado, ainda que seja salutar que os trabalhos dialoguem com a rede de serviços

assistenciais da região, para fortalecer a cooperação e reduzir as lacunas e superposições. Mas do que isso, a ação social é uma forma de convivência que traz apoio aquelas pessoas, ditas assistidas, pelo pão e pelo papo, mas que traz a todos, uma reflexão sobre a dor, o sofrimento e o imperativo da fraternidade nas relações humanas.

Como Rubens, o protagonista, vivemos por vezes em nossos mundos, reais e virtuais, nossas "gaiolas de ouro", ignorando a dor do próximo, a realidade que, ainda que negada, existe nos hospitais, nas ruas, nas instituições assistenciais, e que nos insondáveis caminhos da existência terrena, um dia batem a nossa porta e nos vemos então surpresos, desesperados, atônitos, pela bolha que estoura, frágil como ela é.

29. O QUE TE IMPEDE DE ESCOLHER O AMOR?¹

Essa indagação inicial remete a ideia de que a escolha acertada é puramente racional, descontextualizada, mas percebe-se que as nossas escolhas são fruto de um longo processo, imerso nas teias da reencarnação, com dependência da trajetória e forças atávicas que arrastamos, e que fazem com que a escolha pelo caminho do bem não seja apenas um momentâneo querer, mas um esforço e luta constante.

1 – Meu sonho de moço

Na juventude, tem-se o momento da vida no qual alimentamos a ideia de um mundo melhor, no qual o nosso potencial fraterno floresce, necessitando ser regado para se manter na existência. Por isso a beleza e a importância dos trabalhos com a juventude espírita.

Mas esse desejo de um mundo melhor vai se enfraquecendo, no contato com a realidade, com as dificuldades da vida, carecendo da visão da reencarnação, que nos permite entender que esses avanços se dão de forma lenta e gradual, com avanços que por vezes parecem atrasos. A esperança precisa ser cultivada.

2 – O caminho do bem

Por isso, o caminho do bem é a porta estreita, mais difícil, posto que ainda estamos em um estágio evolutivo atrasado, na faixa das provas e expiações, e por vezes subestimamos o estágio evolutivo da raça humana encarnada, e nos surpreendemos do que ainda somos capazes.

1 Artigo oriundo da palestra proferida em abril de 2018 no evento “Praça florida de livros”, em Petrópolis-RJ.

Para o caminho do bem, é preciso viver no mundo sem ser do mundo, compreendendo os contextos nos quais os avanços são possíveis, e como eles podem se dar. Mas, como saber se estamos no caminho do bem? A regra áurea de Jesus, de fazer ao próximo o que se deseja a si mesmo é uma boa medida, no sentido que nos insere no mundo, em um esforço evolutivo que é pessoal, mas que depende dos outros.

3 - As pedras que arrastamos

Mas seguir por essa porta estreita é difícil, pesaroso, e não é um ato de momento. É um processo, que gera tensões entre o nosso sonho de moço e a realidade espiritual em que nos encontramos.

Apesar da carne não ser fraca, e sim o espírito, não podemos desprezar as forças da matéria a nos acorrentar. São muitos os chamamentos, o homem velho que habita em nós, rodeado de antigos amigos e hábitos, que nos pressionam continuamente sobre o que devemos fazer.

Como dito por Paulo de Tarso na sua Carta aos Romanos, "*Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo*", e nessa tensão vem a culpa, o sentimento de inferioridade, que nos congela nesse processo evolutivo.

3 - Não olhar para trás

Jesus deu a senha ao asseverar que "*todo aquele que pega na charrua e olha para trás não serve para o reino de Deus*". Nesse sentido, é preciso nos lembrar de nossa dimensão humana, e sem heroísmos ou ídolos de pés de barro, percebermos os avanços realizados e que a própria consciência do nosso estado evolutivo já é progresso.

Ficar preso aos fracassos tem o potencial de estagnar a nossa caminhada, nas teias do remorso. Para isso temos a benção do esquecimento, o reinício pela nova encarnação, para começar de novo, sem, no entanto, partirmos do zero.

O que nos impede de escolher o amor é o nosso passado, que compõe o nosso eu. É também a nossa culpa, paralisante. E a nossa falta de compreensão de que o caminho é longo, com flores e pedras, e que se faz passo a passo, mas sucessivas vidas, na longa jornada da evolução.

30. O QUE FICA DE PÉ? VALORES ENRAIZADOS!

Este segundo semestre de 2018 foi marcado por uma tragédia em relação ao patrimônio cultural do país. Um incêndio de grandes proporções consumiu o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, destruindo parte considerável de seu acervo, ligado basicamente a ciência.

Um desastre, que deixou de pé apenas as paredes do Museu, como um símbolo de resistência as chamas. Passado o pior, uma tropa de pesquisadores se debruça sobre os escombros, na busca de encontrar peças resilientes, como o crânio de Luzia, que foi achado em meados de outubro de 2018, como um sinal de esperança diante do pessimismo da terra arrasada.

Assim como esse sinistro no museu, outras situações se abatem em nossas vidas, deixando-a em escombros. Separações, desencarnes, doenças prolongadas e dolorosas, crises políticas, desastres climáticos e conflitos armados, apenas para citar os mais comuns. Situações que abalam famílias, cidades, países, que se desestruturam, ficando de pé apenas o que estava fincado em bases mais sólidas.

O que já era frágil, já tinha suas fissuras, rui. De um sofrimento atroz na família, rompem-se relações. De conflitos armados, trocam-se governos. De desastres climáticos, mudam-se rotinas e valores. A força acachapante da vida, e suas mudanças, abala o que não é forte, com uma raiz profunda, testando valores, pessoas e comunidades. Provas de fogo que o homem enfrenta desde o início da civilização no planeta.

Mas, de onde tirar a força para erigir coisas que fiquem de pé, diante das maiores intempéries? Como proteger o que deve ser protegido? Esconder? Espalhar? A resposta não é novidade.

Essa sabedoria tem sede no Evangelho de Jesus, quando no Capítulo 7 do livro de Mateus, o mestre se refere a:

“(...) quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha. Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda”.

Os alicerces na rocha. A base firme e bem construída. A fé viva, vivida e raciocinada. A senha para a conduta que prepara para esses momentos... O viver enraizado, imbricado da mensagem de Jesus é a chave para valores fortes, que resistem aos dias mais escuros, e que florescem nos raios de sol mais brilhantes.

Tudo pode vir... muitas coisas virão... são leis da existência... desafios da encarnação, em um plano individual e coletivo. O que vier, demandará de cada um, vivenciando a experiência reencarnatória, valores enraizados. Valores postos a prova diante de dias difíceis. Cultivados na bonança, são o alimento da escassez, e precisam, nesse enraizamento, encontrar a boa terra em cada coração, pessoas dispostas a aceitar e albergar estes bens espirituais, para que eles se mantenham de pé.

O Brasil, o mundo, tem passado momentos conturbados. Dias difíceis... tensões de diversas ordens, que arrastam modos de vidas, verdades, esperanças. Situações que nos exigem uma sabedoria profunda, que remeta a raiz de nossa essência como espíritos, criados para amar e para evoluir.

E nesses dias mais tortuosos, é que vemos a beleza das flores que resistem a enxurrada, assim como o crânio de nossa antepassada, que brilha entre os escombros, diante da

catástrofe, nos lembrando a sua importância. O que tem alicerce forte, enraizado, fica de pé, como testemunho do que é preciso ficar, como herança, para as gerações que se seguem, como marcos do processo evolutivo desse grupo de espíritos que chamamos de humanidade.

31. QUE EU LEVE

A chamada Oração de São Francisco, também chamada de Oração da Paz, que na verdade é um texto surgido pela primeira vez em uma publicação francesa de 1912, e que atribuem essa relação com Francisco de Assis (1182-1226) não apenas pelos ideais ali esposados, mas pelo fato de em 1916 esta oração ter sido impressa em Roma com a foto de Francisco de Assis no verso. Independente da razão, o fato que esse texto se consolidou como ligado a essa personalidade.

Um texto singelo, convidativo, que traz uma visão de oposição, mas de forma diferente, como um tipo de completude, de forma que diante de várias mazelas do mundo, pedimos a Deus que sejamos a solução, e que pelas nossas mãos se suplante esse mal, mas de uma forma leve, cândida como era o homem de Assis.

Permita-me explicar um pouco melhor... Quando a oração fala de cada problema da natureza humana: o ódio, a ofensa, a discórdia, a dúvida, o erro, o desespero, a tristeza e as trevas, ela propõe que o mesmo homem seja o instrumento apaziguador, mas que faça isso de forma leve, serena, combatendo o mal com o bem, com as armas próprias dessa visão, convertendo-nos em instrumentos da divindade. O único pedido é que tenhamos essa potencialidade.

Deus age assim também de forma leve, não interventiva. Ao invés de agir de forma abrupta, se utiliza de nós, encarnados, que nos dispomos a isso, para que sejamos o caminho para a construção desse mundo novo, substituindo o ódio pelo amor, em uma visão bem consoante com o nosso livre-arbítrio trazido na forma de *O Livro dos Espíritos*, em uma visão evolutiva, que nos mostra uma estrada que seguimos sem tutela, mas amparados pela providência divina.

O mundo é ruim? Decepcionante? Acreditamos que estaríamos em melhor situação agora? Temos elementos para superar isso em nós mesmos, bastando estarmos disponíveis para sintonizarmos com a divindade, e sair para semear coisas boas que suplantem essas coisas ruins. Não é um discurso vazio de autoajuda. É entender que o futuro é construído por nós, e que não basta ser bom, nos cabe fazer o bem, como lembra Kardec. Somos todos interdependentes, seres da criação, como relembra a vida de Francisco de Assis.

Jesus também nos lembrou dessas verdades, quando nos citou como Sal da Terra, e Luz do Mundo, cabendo a reflexão que toda essa decepção atual com a humanidade encarnada, capaz de coisas deploráveis, é permeada também de atos maravilhosos gerados pelas mesmas mãos humanas. O mundo já foi pior, e mesmo na noite mais escura, se levantou o sol de Assis para nos iluminar.

Francesco, o bardo de Assis, o Irmão Sol, que nos inspira, um homem que mudou de forma leve a religião predominante em seu tempo, e que hoje pela primeira vez é o título do representante máximo dessa denominação religiosa, foi um contraponto de uma Idade Média de guerras religiosas, ignorância, perseguições e deturpação da mensagem do Cristo. Hoje é lembrado, de forma minimalista, como protetor dos animais.

Seu abandono daquelas roupas velhas – e digo aqui, roupas no sentido espiritual-, não se deu de forma violenta, mas sim pelo exemplo, pelo trabalho e assim ele lançou a semente do resgate dos ideais do cristianismo, do humanismo, distante de um ideário de pompa e de metais preciosos como exercício da religiosidade.

Outros assim o fizeram. Podemos citar Gandhi (1869-1948), que em um mundo mais próximo da realidade na qual vivemos hoje, soube fazer da mudança política necessária diante do jugo colonizador algo permeado pela ideia de não

violência (A-Himsa), exemplificando que é possível mudar, sem deturpar seus ideais, sem se tornar aquilo que você mais abomina.

Em mais um dia quatro de outubro, no qual se comemora o dia de Francisco de Assis, a sua mensagem, não como o simples protetor dos animais, mas sim como o gigante que enfrentou a ordem estabelecida com a paz de suas palavras, se faz mais uma vez necessária. Um mundo em ebulição, em mudanças, em conflitos, de extremos e de violência manifesta. Ao que nos convida o Sol de Assis?

Nos convida a um agir de forma leve, buscando levar amor onde houver ódio, e sobre as trevas, fazer a luz. Mas sem com isso deixar de ser amor, de ser luz. Esse é o desafio Franciscano, de nesses tempos difíceis, se fazer ativo na luta do bem, mas não empunhando armas, não combatendo, palavras que por si só contrariam a lógica do Cristo. Mas sim amparando, consolando, orientando e exemplificando. Seguindo as pegadas do Cristo em um mundo de chips e DNAs, mas também de homens e mulheres, com suas lutas interiores que remontam as mais distantes eras.

32. A EPIFANIA DA OPORTUNIDADE

Na vida existem certas pessoas cuja biografia é inacreditável. Albert Einstein, referindo-se a Mahatma Gandhi, indicou que as gerações por vir teriam dificuldade em acreditar que um homem como este realmente existiu e caminhou sobre a Terra. Figuras que romperam paradigmas, que souberam fazer o que devia ser feito. Com coragem e amor, entraram para a história pela porta da frente.

Um destes foi Oskar Schindler (1908-1974), industrial que salvou cerca de 1200 judeus do holocausto na segunda guerra mundial, e que teve a sua história retratada em um romance, *Schindler's Ark* (1982), de Thomas Keneally, e que foi adaptado para o cinema por Steven Spielberg em 1993, na película "A lista de Schindler", premiado filme estrelado por Liam Neeson e Ben Kingsley.

Uma cena no final do filme ficou guardada na memória dos que o viram, quando diante dos que ele salvou Schindler tem uma epifania em relação aos bens que ele ainda possuía e que podiam ter-se convertido na salvação de mais vidas judias. E olhando o carro, o anel, ele repete atônito, aos prantos: "*Eu podia ter salvado mais uma pessoa, e não salvei!*"

Todos nós temos esses momentos de epifania, diante da oportunidade não aproveitada. E um destes, inclusive, de caráter compulsório, é o pós desencarne, no qual vemos, aos poucos, o que fizemos e o que podíamos ter feito. Uma sensação dolorosa, do saber que era possível, e não ter abraçado a causa com o empenho necessário.

Para evitar essa incômoda epifania, importa fazer cotidianamente uma auto-análise, que nos imponha esse questionamento, do se estamos fazendo tudo que podemos, e na direção certa. Pensar se estamos acumulando coisas

inservíveis, se estamos olhando a vida com uma perspectiva espiritual, e ainda, estimar se poderemos reverter as decisões equivocadas, nos projetando no futuro.

A vida é uma longa estrada em que caminhamos, movidos por um impulso permanente, e nessa trajetória, encontramos pedras que pulamos, flores que colhemos, companheiros de viagem que oferecemos os ombros, e vamos seguindo, de forma inexorável, e o que passa, fica lá para trás. Só voltamos em outras conjunturas, em outras realidades, até com os mesmos atores, mas em circunstâncias levemente diferentes. Ciclos que se repetem quase da mesma maneira, e que nos lembram a importância do tempo presente, e de decidir de forma refletida, como seres eternos.

A oportunidade é uma peça da paisagem ao longo dessa estrada, que nos surge como presente. Pode ser um posto de gasolina, uma árvore frondosa com frutas, um ambulante vendendo água. Passamos por estas e por vezes só olhamos o momento, esquecidos de olhar para frente, e para trás, e de sopesar se aquela breve parada para abastecer, colher uma fruta ou comprar água, poderá ser essencial para a nossa jornada.

Pelo contrário, ansiosos com a chegada, com a velocidade, seguimos entre pedras e flores, sem pensar na nossa vida com as lentes do espírito. E a epifania da oportunidade nos vem lembrar dessa vida eterna, de que sempre é possível recomeçar, mas que isso tem um custo, o custo da aprendizagem e do refazimento.

Poderíamos ter salvado mais uma pessoa? Que a voz de Schindler ecoe em nossa mente, a cada dia, na consciência de quem conduz a sua vida, com serenidade e com seriedade, para que ao fim da estrada atravessemos a fronteira do país da luz em dia com a nossa responsabilidade com a evolução. Com a nossa e com a dos que viajam conosco.

33. O FIM DO MEDO²

Assola-nos novamente, na programação televisiva e nas rodas de opinião, o arquétipo do fim do mundo, nos tornando escravos do medo, ao apagar das luzes no recôndito de nossas camas. História repetida em que, ao contrário do largo intervalo entre o ano de 999 d.C. e 2000 d.C., apenas 12 anos separam a histeria do fim dos tempos atuais(2012) da sua última edição (2000).

Juízo final, armagedon, ragnarok, apocalipse e agora, com a nova roupagem da recém-descoberta mitologia Maia, temos sempre os mesmos pesadelos. Ideias transversais em diversas civilizações, em uma matriz catastrófica a nos alimentar o imaginário com hecatombes, entendidas por alguns como castigos, na espera de um dia temido e que nunca chega...

Já foi o sobrenatural, a doença, a guerra nuclear, o clima. Os mitológicos cavaleiros do apocalipse já tiveram vestes diversas na história da humanidade, como personificação desse medo coletivo, que impede e impediu uma visão mais ampla de Deus e da natureza do espírito encarnado na ciranda das reencarnações, aprisionando, assim, consciências.

Diante desse quadro, que no futuro será lembrado de forma cômica, o papel do espírita é valioso para a manutenção do exemplo de serenidade proporcionada pela fé raciocinada. Dizia Jesus ante a tempestade: "*Não temais*". Lembra-nos o mestre que a nau terrestre é conduzida por suas mãos firmes e amorosas, e que Deus é amor, verdade incontestante que deve

2 Artigo produzido no contexto das discussões realizadas no 2º Congresso Espírita do DF, em Brasília, realizado de 13 a 15.0.2012, sob o tema "Terra: a hora da regeneração".

nos trazer reflexões necessárias sobre o futuro e os destinos da humanidade.

A doutrina espírita nos esclarece que os tempos novos não serão reconhecidos por avanços materiais. Arroubos tecnológicos e milagres da ciência não isentam o espírito encarnado de seus desafios individuais e coletivos frente à reforma das imperfeições que se arrastam em seu interior.

A cartilha do evangelho é o tijolo da construção de um mundo novo, a se erguer em torno de nós, que somado a outras células de ação, compõe uma rede de renovação, em mais uma casa nas moradas do pai. Para a nossa regeneração interior, a hora é agora, e agora é toda hora. É o momento de pegar a charrua, o que tem significado próprio para cada um, frente aos desafios. O tempo de regeneração é um tempo de mãos marcadas, de trabalho no bem, esquecido das práticas espíritas, como exercício dos corações e das mentes.

Dessa forma, o medo não se justifica. Jesus asseverava que uma única ovelha desgarrada seria salva. Kardec nos indica que o fim da criação é o progresso. Regenerar é se transformar, superar o velho, se renovar. E todo o crescimento traz dor, incômodo, pelo rompimento do estado de repouso, na universal Lei da inércia. Entretanto, traz o benefício inigualável de ser melhor a cada dia.

O trabalho da reforma íntima coincide com a construção do reino de Deus na Terra, como compromisso de nós encarnados e desencarnados, pois enquanto houver um irmão sofrendo pelo desamor de outro irmão, não se fará a regeneração. Mas para fazê-la, é preciso agir sem medo e com fé.

34. O FUTURO

Não tem um filme que eu assista que não apresente um futuro catastrófico para o planeta Terra, pintado em um mundo cinza, destruído por guerras nucleares, poluição e um sem número de consequências dos desmandos da raça humana, em sua ganância insaciável.

Parece-me que a Guerra Fria, onde nos vimos a beira de um holocausto nuclear, nos impregnou de uma consciência pesada coletiva, uma decepção generalizada com a raça humana, onde nos vemos destruindo o planeta, aos poucos ou em ações pontuais, como a amordaçada Hiroshima. Uma visão pessimista do espírito imortal, na qual tombaríamos derrotados pelo nosso orgulho e egoísmo, nos destruindo em uma hecatombe sem precedentes.

É preciso acreditar nas potencialidades do homem, espírito encarnado, como herdeiro de Deus capaz de se melhorar e de superar as suas mazelas morais. Nesse sentido, vejamos o que nos diz a Doutrina espírita, com seu marcante caráter libertador de consciências, sobre a natureza do espírito e do seu porvir?

A Gênese assevera, no seu Cap. XVII, que: *"64. - A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição."* Apresenta o trecho a inviabilidade de um desejo divino oculto e sádico de destruir a sua própria criação.

Da mesma forma, o Cap. XV do Evangelho indica: *"No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar o que é apenas figura, alegoria"*, indicando a necessidade de se olhar esse arquétipo do fim dos

tempos, ainda tão em voga, com os olhos de ver e os ouvidos de ouvir.

Por fim, temos a pergunta nº 1.019 de O Livro dos Espíritos, que nos diz: "Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo. Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhais do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova."

Esses breves excertos de nossas obras básicas não deixam dúvidas de que essa ideia de futuro catastrófico, ancorada na visão de um Deus passional e vingativo, não tem eco nas límpidas elucidacões da doutrina espírita, que apresenta a ideia da evolução, na qual todos como filhos do Pai, tem a chance de evoluir, pelas bênçãos da reencarnação, em um conceito de Deus infinitamente justo e bom, que ama a todos.

Desde a passagem do último milênio, as produções culturais nos brindam com essas visões destrutivas do futuro, e diversas religiões asseveram o fim, perplexas com as mudanças ciclópicas que chegam aos costumes, pela tecnologia e pela globalização.

De nós, espíritas, espera-se uma visão mais ampla dessa questão, entendendo que a chegada da geração nova será marcada por avanços espirituais e que Deus continua sendo o mesmo pai amantíssimo que nos ensinou Jesus, passados dois mil anos. Um Pai que aposta em nós a cada vez que nos oferta a bendita oportunidade da reencarnação.

Por fim, citando o Poeta Vinicius de Moraes na canção "Cotidiano nº 2": *"Aí pergunto a Deus: escute, amigo, se foi*

pra desfazer, por que é que fez?”, percebemos na simplicidade do pensamento, a obviedade da realidade.

35. PAINEL DE INSTRUMENTOS

O nosso espírito tem dentro de si, em algum lugar escondido, um painel de instrumentos, da mesma maneira que as cabines das aeronaves. Um painel com indicadores, importantes orientadores na construção de nossa trajetória como espíritos encarnados. Como pilotos distraídos, nos esquecemos, por vezes em momentos cruciais, de consultar essas fontes de informação, deixando-nos levar pelo “voo cego”, assumindo riscos desnecessários.

Como um exercício imaginativo, podemos citar alguns desses instrumentos interiores, que não devem por nós ser esquecidos:

RIDICULÔMETRO: A palavra ridículo vem de riso. As vezes agimos com uma conduta digna de graça, risível e ...ridícula. São situações que nos humilhamos ou perdemos o senso de conduta com o próximo, alarmando de forma estrondosa em nosso interior esse instrumento, enquanto pairamos surdos, ainda que todos já o tenham percebido.

DESCONFIÔMETRO: Diante das situações que se apresentam, principalmente os “Cantos da sereia” de oportunidades maravilhosas e cheias de facilidade, devemos estar atentos para o mostrador desse instrumento, desconfiando das “portas largas”, prudentes como a serpente.

PALAVRÔMETRO: Quem fala esquece, mas quem ouve não. A palavra dita voa ao vento, como expressão do nosso pensamento. E esse instrumento nos aponta, antes da fala, as possíveis implicações desta naquele contexto, de modo a evitar situações irreversíveis.

DESCULPÔMETRO: Esse poderoso mecanismo de medida indica em seus ponteiros se realmente desculpamos as pessoas quando da nossa boca sai um solene “desculpe-me”. Por vezes,

jogamos uma capa escura sobre esse aparelho, para não vê-lo...

INDULGENTÔMETRO: Nos permite aferir o quanto realmente nos colocamos no lugar do outro, diante de uma situação que nos demanda a intervenção. Instrumento poderosíssimo!

PREVISÔMETRO: Mede a nossa capacidade de prever se uma coisa pode dar errado. Trabalha melhor associado com o desconfiômetro. É quase um "airbag" espiritual!

RELEVÔMETRO: Aponta a relevância de cada situação para nós. É um indicador interessante, pois pequenos problemas podem ter grande relevância para nós. O instrumento nos permite olhar para o lado, deixando um pouco para lá o orgulho e o egoísmo, e perceber que o dragão não é tão grande assim.

Esses instrumentos e tantos outros que já existem, instalados em nosso corpo espiritual, precisam ser exercitados. São companheiros inseparáveis em nossas decisões, nas reflexões e ações cotidianas, como mecanismos seguros a nos orientar em nossa rota. É preciso, como o piloto prudente, confiar em nossos instrumentos, já que queremos chegar seguros aos nossos destinos.

36. PRESCIÊNCIA

Causou furor na Imprensa pátria (Portal G1-11.01.2011; Correio Braziliense-31.12.2010) o anúncio da aprovação para publicação do artigo do Professor Emérito da Universidade de Cornell-EUA, Daryl J. Bem, na renomada Revista científica "*The Journal of personality and social psychology*", da Universidade do Colorado-EUA, versando sobre a possibilidade do ser humano prever o seu futuro.

A prevista publicação foi objeto de polêmica, pois o assunto da Percepção Extra-Sensorial (PES), onde se vincula o assunto da presciência, pertence ao rol dos assuntos "tabu" no meio acadêmico, não sendo a primeira vez que estudos dessa natureza em universidades causam rebulição nos periódicos, inclusive no Brasil, como no recente caso do "Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais" da Universidade de Brasília.

A laicidade natural da ciência (e assim deve ser), não impede que os diversos assuntos do mundo, inclusive os religiosos, sejam por ela estudados. A antropologia se ocupa das relações do homem com a religião, estudando esta como fenômeno. O que nos impede de estudar os fenômenos associados à prática religiosa? Anticientífico é desconsiderar um pressuposto que tem reflexo no mundo real!

Pois foi isso que o pesquisador estadunidense fez. Utilizando-se de testes de memória baseados em metodologia científica, verificou que os participantes da pesquisa eram mais propensos a lembrar de objetos e palavras que lhes seriam apresentados posteriormente, como se eles pudessem sentir o que viria depois.

Despido de preconceitos e imbuído no espírito científico, a experiência do Dr. Bem teve a presciência por seres humanos

como objeto de pesquisa, rompendo mais uma vez a barreira que vem desde os tomistas, separando objetos da ciência e da religião, como se tratassem de mundos distintos e que não tivessem zonas de confluência.

No que tange a pesquisa em si, os resultados não negaram a presciência, mas tampouco não conseguiram comprová-la de forma patente e inquestionável. Mas, como pesquisa, teve o mérito de despertar na comunidade acadêmica, ainda que em meio à polêmica, a importância de estudos científicos sobre esses e outros assuntos, como a experiência de quase-morte (EQM), a regressão de memória e as curas espirituais.

Ainda que as religiões tenham suas interpretações sobre essas questões, fundamentadas nos seus patamares filosóficos, e o Espiritismo não se furta nesse ponto; o aspecto científico dessas questões traz à tona fatos que enriquecem as nossas discussões e fortalecem ou alteram paradigmas, inclusive os espíritas.

A ciência não pode corroborar com o preconceito. A questão é que quando um pesquisador toma como objeto esses assuntos, é taxado de falta de neutralidade, de pseudociência e até de misticismo. Ora, a ciência nos serve para revelar a essência das coisas do mundo. Se os fenômenos são relatados, percebidos, noticiados; então são dignos de estudos, ainda que não comunguemos das explicações dadas pelas religiões. Quantas falsas verdades caíram por terra na história da ciência?

A teoria da presciência

Tratando do objeto da pesquisa, temos que a discussão da possibilidade de se prever o futuro é ladeada por outras duas discussões inseparáveis: a natureza do tempo e o livre-arbítrio. O primeiro assunto foi pauta dos físicos, inclusive Albert Einstein, na sua teoria da relatividade, que rompeu paradigmas sobre o caráter absoluto do tempo. Já transitou o tema pela filosofia e pela psicologia também.

O assunto do livre-arbítrio ocupou os filósofos e naturalmente teve assento nos círculos religiosos, sendo objeto hoje dos campos da psicologia, matemática, sociologia e da comunicação social. Disputa com o determinismo um espaço entre extremos, de um mundo pré-definido e a liberdade total do ser humano. Cabe aí a discussão da justiça, pois como ser imputado do que não lhe coube liberdade?

A nossa visão do tempo e da capacidade do ser humano, nessa dimensão, compor o seu destino, é o ponto crucial da questão da presciência. Se entendermos que o ser humano goza de liberdade para construir o seu destino, diante dos desafios que lhe são apresentados, podemos entender a teoria da presciência como uma visualização das provas e percalços previstos, em determinadas situações.

Emmanuel, na obra "O Consolador", psicografia de Chico Xavier, apresenta que:

"- Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?"

Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens.

O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloquente testemunho."

De forma a estabelecer uma relação de coexistência entre esses dois extremos. Indica também que a liberdade é coirmã da autonomia, como conquista gradual no campo da luta, inerente ao espírito, subordinando a nossa capacidade de andar e escolher a nossa maturidade, como cocriadores.

Nesse sentido, reforça a teoria da presciência de Kardec prescrita em "A gênese", que compara a predição ao homem alto que da montanha vê todo o caminho. Ver o caminho não é dizer, necessariamente, o caminho que percorreremos.

Hermínio de Miranda, no seu livro *A memória e o tempo*, apresenta que existem dois ou mais níveis de apreensão consciente de diversas dimensões, simultaneamente, e que pessoas teriam essa capacidade. O ilustre pesquisador espírita, afinado com o que fala hoje o Prof. Bem, indica que o homem possui a facilidade de prever o planejado, pela apreensão de aspectos dimensionais que implicam na inflexão do tecido temporal, por mecanismos inacessíveis ainda a nós.

Estudos recentes no campo da Terapia de Vidas Passadas indicam o fenômeno da progressão, ou seja, a projeção de fatos e eventos que ainda irão ocorrer, com vários casos relatados. Isso não implica o fim do livre-arbítrio, que o futuro está demarcado e sim que a nossa vida segue planejamentos, flexíveis. Esses estudos ratificam a ideia de Kardec, no sentido da manutenção do nosso livre-arbítrio, mas indica a existência de planejamentos. A obra de André Luiz, *Missionários da luz*, fala claramente desse planejamento, quando.

"Desejando, porém, prosseguir nos esclarecimentos, quanto ao serviço reencarnacionista, Manassés tomou pequeno gráfico e, apresentando-me as linhas gerais, acentuou:

– Aqui temos o projeto de futura reencarnação dum amigo meu. Não observa certos pontos escuros, desde o cólon descendente à alça sigmoide?

Isso indica que ele sofrerá uma úlcera de importância, nessa região, logo que chegue à maioridade física. Trata-se, porém, de escolha dele."

E narra posteriormente a bela passagem da encarnação de Segismundo, subordinando esse planejamento a lógica da busca do crescimento espiritual. Mostra o espírito André que o

futuro é construído a partir da realidade que se apresenta, reforçando a máxima que “o *homem propõe e Deus dispõe*”.

Em breves palavras, nas limitações desse artigo, vemos que a questão da presciência ainda traz em si muitas dúvidas e a colaboração da comunidade científica, como ousou o Prof. Bem, é bem-vinda, em um fenômeno cotidiano e presente em todas as religiões, nos seus profetas e na sua casuística.

37. QUO VADIS?

De colega do movimento espírita recebi de presente de aniversário certa feita o DVD do Filme "Quo vadis?", de 1951, épico do diretor Mervin LeRoy, baseado em livro de Henryk Sienkiewicz. O filme tem como personagem principal meu homônimo, Marcus Vinicius, o que motivou o referido presente.

Trata-se de um filme épico de uma beleza ímpar e que traz em seu nome uma expressão latina que vem do Novo Testamento (João, 16:5), na fala de Jesus: *"E agora vou a aquele que me enviou; e nenhum de vós outros me pergunta: Aonde vais?"* "Quo vadis?" é "Aonde vais?" e o título do filme advém de uma cena onde o Tribuno Marcus Vinicius se encaminha para sair de Roma e Pedro, o apóstolo, faz a pergunta título, lembrando seu compromisso com a causa do cristianismo.

Início este artigo com a referência a esse brilhante filme para provocar a reflexão sobre uma máxima espírita, que é o "Conhece-te a ti mesmo", frase entalhada no templo de Delfos, na Grécia antiga e citada na pergunta 919 de *O Livro dos Espíritos*. A reflexão proposta é que o "Conhece-te a ti mesmo" pode trazer em si uma dose de determinismo. Sou assim, nasci assim, eu sou sempre assim... Na frase imortalizada da modinha para Gabriela, de Dorival Caymmi.

Penso que nas nossas reflexões diárias, olhando o teto antes de dormir, devemos transcender o "Conhece-te a ti mesmo", estático e introvertido, e adotar o "Quo Vadis?". Sim, importa avaliarmos ao final de cada dia o que estamos nos tornando, que decisões temos adotado que tem nos levado a determinadas atitudes. É uma lógica de visão de futuro, de como me vejo daqui a "X" anos.

As tendências não são coisas estáticas, deterministas. São forças pujantes e construídas ao longo de nossas encarnações na interação com a vida encarnada e desencarnada. A vontade nos diz para onde vamos a cada dia, frente aos desafios da vida, construindo a nossa encarnação, lutando com as tendências herdadas e sonhando com a melhora futura, perguntados cotidianamente pelo Cristo: "Quo vadis?".

A cada decisão nos tornamos o homem novo que o Cristo espera de nós ou perpetuamos o homem velho, empedernido nas estagnações. Conhecer a ti mesmo, mapear o que somos, demanda algo mais no processo evolutivo, a força e a coragem para transformar nossas tendências nas atitudes desejadas. Muda-te a ti mesmo, com a ajuda do mundo!

A evolução não se faz no mundo contemplativo e sim na luta diária com os nossos irmãos encarnados, aprendendo a amar e demonstrando a lição aprendida. Assim, o criminoso aprende a virtude e o vilão se converte em herói, nas pequeninas mudanças de atitude que nos conduzem a momentos de inflexão, das transformações relevantes, onde somos chamados a subir mais um degrau da evolução.

Nas orações noturnas, no momento em que sopesamos o dia, pensemos nos caminhos adotados a até onde eles nos levarão, dado que se o que somos é o nosso passado, o que seremos no futuro depende das decisões no nosso presente. Não nos iludamos! Cada reencarnação é uma aposta de Deus em nós, na nossa capacidade de superar a nossa inferioridade e de avançar mais rápido pelas decisões certas, ou mais lento pelas decisões erradas.

Importa-nos a coragem para encarar de frente as nossas tendências e sobre ela trabalharmos. Fugir disso pode ser se afogar no mar de nossas dificuldades. Muitos anseiam descobrir seu passado reencarnatório para ficar ali, admirando suas faltas, esquecidos de que a vida nos impele a avançar, a partir do ponto que nos encontramos.

38. TEU CAMPO DE LUTA

É preciso na vida identificar os nossos campos de luta! Essa é uma certeza que me persegue a cada dia... Dentre as diversas frentes que demandam nossos esforços, é necessário enxergar as prioridades, onde somos mais necessários, mas também onde necessitamos trabalhar, isso tudo em uma ótica, digamos assim, espiritual.

Desde a juventude somos convidados a amadurecer esse discernimento. Nossas forças vitais, nosso tempo, nossa inteligência, a feição dos talentos da parábola evangélica, necessitam ser aplicados e bem aplicados, para se reproduzir em bênçãos sem fim. Em um dizer empresarial, precisamos identificar nosso "*business*", para sobre ele atuar.

Como um investidor atento, a vida nos pede bom senso, para sabermos o melhor local para alocarmos os nossos tesouros. No dizer de Kardec n' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, temos que "(...) a inteligência é rica em méritos para o futuro, mas com a condição de ser bem empregada", destacando a necessidade pétrea de dar uso ao nosso potencial. Mas, isso demanda opções...

Melhorar o mundo ou aumentar o nosso consumo? Casar ou estudar? Música ou engenharia? Nossas escolhas dizem muito sobre nós! Temos que fugir do "tanto faz" diante dessas possibilidades, construídas pela nossa caminhada evolutiva, para identificar as múltiplas micros missões que nos cabem no latifúndio da encarnação, e sobre elas se debruçar.

Por vezes passamos os dias enfurnados na casa espírita, fazendo deste nosso primeiro lar, fugidios das questões da família, do trabalho, da comunidade. Como sacerdotes modernos, na nossa clausura enxergamos a religiosidade como único campo de luta possível, esquecidos que a religiosidade

deve sim se espriar sobre as outras dimensões de nossa vida, na necessidade de sermos bons pais, bons cidadãos e bons profissionais, atuando no mundo sem ser do mundo, mas em uma visão holística da existência.

Faz-se necessário lermos os sinais, sentindo onde nossos braços se fazem necessários, ainda que esse não seja, por vezes o caminho mais fácil ou ainda, mais popular. Às vezes, essa senda não é clara, mas Deus nos guia, se soubermos ouvir as suas palavras entre os gritos da luta. Entender isso nos faz ver um pouco de ideal nas pequenas coisas e a grandeza de muitas coisas que realizamos.

Ao final da jornada, finda mais uma existência, nós teremos que, mais cedo ou mais tarde, fazer um balanço da nossa existência pregressa. O que dispúnhamos, o que fizemos e o quanto avançamos. Pouco será perguntado pelas poses que ameilhamos e muito nos cobraremos do nosso crescimento, construído no convívio com os nossos irmãos.

A estrada da vida é feita de escolhas, que não são imutáveis e que dizem muito de nosso passado e nosso futuro. Como espíritos eternos, devemos olhar a aplicação de nossas energias, e mais ainda, se nessas tarefas agimos de maneira vibrante ou se caímos no reino do "morno", no dizer de Paulo de Tarso.

Fazendo uso da obra de ficção científica "Uma princesa de Marte", de Edgar Rice Burroughs, publicada em 1917, na qual um capitão da guerra da secessão estadunidense sem um rumo na vida encontra um sentido para a sua existência no longínquo planeta vermelho, podemos aproveitá-la na conclusão desse breve artigo.

A versão filmada desse livro, lançada pelos estúdios Disney em 2012, "John Carter-Entre dois mundos", traz na sua cena final o Capitão Carter, que antes de seu regresso para a morte, dizia ao seu sobrinho: "*Adeus, Ned! Ned? Você deveria adotar*

uma causa, apaixonar-se, escrever um livro talvez." Salutar conselho de quem encontrou um norte para a sua vida.

É preciso encontrar uma causa, uma frente de batalha, do "bom combate" por um mundo melhor. A religião nos fornece esse sentido para a vida, essa "razão nobre", mas ela só tem razão de ser em uma vida sentida, em sua diversidade de dimensões. Isolamentos do mundo nos afastam de nossos campos de luta, tão caros ao nosso progresso e dos que nos cercam. Nos cabe pensar sempre o porquê de termos nascido e o que motivou a bagagem que levamos as costas.

39. TEU SONHO DE MOÇO

O cantor e compositor Marcus Viana, famoso pela composição de trilhas de novela, fez certa vez um CD homenagem ao livro psicografado sobre a encarnação de Francisco de Assis (Médium João Nunes Maia/espírito Miramez). Esse CD dispõe de uma faixa chamada "A igreja de São Damião", que entre as suas estrofes, nos diz: "*Com o que o mundo abandonou, de cada pedra do chão, construo o templo do coração*" e que ilustra bem a matéria prima que devemos utilizar na construção de nossos sonhos.

Por seu turno, a singeleza dessa música nos lembra que buscamos por vezes, nessa época de celebridades, olhar apenas para as grandes personalidades, como foi Francisco de Assis e tantos outros Chicos que nosso planeta recebeu, famosos em suas grandes tarefas. Esquecidos ficamos das pequenas tarefas que compõem a jornada da comunidade de espíritos que habitam a Terra, onde nos afileiramos, ou ainda, de grandes e desconhecidas missões levadas a cabo por espíritos de escol.

Cada qual segue com seu quinhão, com sua pequena missão, avançando como uma aposta de Deus, que deposita em nós a sua esperança de que aproveitemos cada oportunidade de reencarnação da melhor maneira possível. Para isso, recebemos talentos, que temos a missão de multiplicar pelo esforço de nosso trabalho, nos termos da já conhecida parábola evangélica.

Juntando cada pedaço de nossa história como espírito, construímos uma nova vida de avanços e lutas, na encarnação que recebemos, customizada para as nossas necessidades espirituais. Vem à tona nesse sentido o esquecido conceito de "completista", enunciado por André Luiz na obra Missionários da Luz, quando define como: "(...) *o título que designa os raros*

irmãos que aproveitaram todas as possibilidades construtivas que o corpo terrestre lhes oferecia." Aproveitar as possibilidades é o mérito, o desafio posto!

Dessa forma, importa identificar na nossa vida, nos nossos sonhos de moço, o que nos cabe, quais as pequenas missões que nos foram atribuídas e por nós escolhidas, como ferramentas evolutivas. E a partir daí construir estratégias, que nos digam a melhor maneira de aproveitar as oportunidades de crescimento espiritual. Olhando para as nossas possibilidades, para as nossas necessidades e anseios, é possível traçar caminhos, e ousar.

Traçar caminhos implica necessariamente em reconhecer a nossa dimensão múltipla, de ser encarnado que necessita encarar o pão e o suor da labuta cotidiana, entre as alegrias e os problemas cotidianos, mas como ser espiritual em evolução, que precisa crescer moralmente no convívio com os irmãos, relembrando as palavras de Jesus, quando nos mandava olhar os lírios do campo, com sua beleza e esplendor.

Nossos sonhos de moço, projetos de vida que indicam onde assentaremos cada tijolo da existência, devem considerar o nosso passado expresso em tendências e o futuro que nos cabe construir na encarnação em curso. É preciso sonhar, mas com a visão do espírito, da pluralidade das existências, entendendo que Deus nos dá o que necessitamos, ainda que não tenhamos maturidade, por vezes, para entender isso.

Vivemos em algumas regiões do planeta uma época de farturas, de facilidades, de confortos, e a estabilidade social, em especial no Brasil, alimentamos sonhos de consumo, de poder... Esquecemos nos nossos sonhos de moço, os ideais que nos indicaram na tenra juventude que um mundo melhor era possível, dentro da lógica que tornando o mundo melhor, nos melhoramos, e vice-versa.

Sonhar é um atributo humano... E da nossa natureza espiritual também! Aponta-nos no imaginário o melhor que

desejamos e o que é possível, diante da ousadia do impossível. Insta saber como sonhamos, baseados em que paradigmas de existência e ainda, se consideramos as peculiaridades de nossa encarnação, a nos sinalizar o que demandamos.

Assim, nas nossas reflexões, nas grandes inflexões da vida, nos planejamentos e balanços, devemos nos olhar na roupagem atual, com suas demandas, mas também na essência espiritual, que vestiu e vestirá outras indumentárias na feira das encarnações. O segredo do sonhar é contrabalançar o desejo e a paciência, na virtude do caminhar seguro rumo aos ideais, construindo dia a dia o futuro que desejamos.

Encerramos assim essa reflexão, também sob os auspícios das produções sobre a passagem de Francisco de Assis na Terra, com a letra da canção "Devagar e com certeza", versão bem difundida no movimento espírita da música do cantor e compositor Donovan chamada "*Little Church*", oriunda da trilha sonora do filme "Irmão Sol, Irmã Lua", produção inglesa e italiana de 1972 dirigida por Franco Zeffirelli.

"Devagar e com certeza se constrói um sonho.

Dos começos às conquistas, siga com firmeza.

Se você quer livre ser, faça seu segredo:

Poucas coisas, mas bem-feitas, faça com alegria.

Dia a dia, pedra a pedra, faça seu momento.

O trabalho com alegria cresce com pureza."

Eis ou não, nessas singelas palavras, um dos segredos da vida?

40. UMA RISADINHA

Certa feita, no ambiente profissional, naqueles intervalos produtivos, falávamos do futuro, dos sonhos e das incertezas. Após cada um falar de seus desejos e planos, alguns detalhados amiúde, ouço de sagaz amigo o seguinte adágio: *“toda vez que fazemos um plano bem elaborado, Deus dá uma risadinha”*.

Incômoda verdade nos traz essa sentença da sabedoria popular! Pois então, em face de essa realidade, de nada vale planejar? Nenhuma importância tem os sonhos? Viajamos em um tenebroso mar de incertezas diante de um Deus sarcástico, ao estilo do Olimpo greco-romano? O medo e a falta de fé nos assaltam nesses momentos.

O Espiritismo nos apresenta uma visão mais coerente dessa questão. À medida que amadurecemos espiritualmente, Deus, como um pai amoroso, nos permite ter mais autonomia, como um exercício de crescimento. Avançamos, sob o amparo fraterno, de um pai amoroso.

A maneira de crianças, não compreendemos essa dinâmica e nos debatemos. Por vezes não temos o que pedimos, ou o que sonhamos. Será que o desejado é o melhor para nós? Devemos querer, construir, mas também saber para onde ir! Lembramos a metáfora evangélica em Lucas:

“E qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? Ou, também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?”

Sonhamos coisas egoístas, evidência, posses e planejamos nossas vidas com pressupostos que ignoram a realidade

espiritual. Seguimos na nossa imaturidade espiritual, tutelados e procurando que o nosso potencial floresça, a seu tempo.

Da mesma forma, resistimos às mudanças que a vida nos impõe, esquecendo-se de aproveitar as coisas novas que também são boas. Os planejamentos são flexíveis, assim como nós também mudamos a nossa forma de ver o mundo, os pontos de vistas e os valores. Como dizia o velho ditado estadunidense: "*People change*".

Assim, diante dos reveses da vida, cabe-nos perceber os caminhos novos a serem trilhados, e ainda, a pertinência desses sonhos que vemos esfarelar. O homem propõe e Deus dispõe, ditado sábio que subordina a nossa vontade aos imperativos do amor, como lei maior do nosso crescimento espiritual. E amar exige amadurecimento!

Esse entendimento nos mostra como a nossa vida é boa, "amando tudo o que temos", e que os "gramados verdes" dos vizinhos por vezes escondem perigos que jamais ousaríamos enfrentar. Iludidos em nossas frustrações, olhamos a vida por lentes escuras, colecionando agruras e esquecendo bênçãos.

O otimismo não é uma força ilusória, que nos cega para os problemas. Ele nos traz um novo olhar sobre eles, a luz do contexto maior. Planejamos e colhemos na lavoura da vida, mas esquecemos dos pressupostos pelo qual analisamos nossos frutos e que nos guiam na hora de avaliar sua qualidade. É preciso identificar o bem!

Navegamos na vida, com a mão firme no timão e seguindo a nossa carta náutica, mas ignoramos as tempestades e os perigos submersos. A confiança e o planejamento devem conviver harmoniosamente com a humildade de entender que não controlamos todos os processos e que a vida é mais que uma existência.

A cada passo na jornada da vida nós crescemos. Avançamos quando acertamos, mas também quando erramos,

nos progressos do aprendizado. A vida nos aponta caminhos e seguimos, com um sentimento profundo chamado de fé, que nos lembra de que a risadinha do Pai de todos é mais um sorriso bondoso, a nos lembrar de nossa infância espiritual e que nossos sonhos precisam amadurecer, sem envelhecer.

41. FAMINTOS DE PARTICIPAÇÃO

Reclamamos de ter que participar, pois não queremos, naturalmente, abraçar mais responsabilidades, ou ainda, por puro oportunismo, apostando que outros farão o que nos cabe. Também não gostamos da ausência de uma cultura de participação, principalmente quando nos deixam “de fora” dos processos decisórios. Diante das coisas vis, queremos voz e vez! Mas, vai ver na hora “H”, quem realmente vem para a luta. Esses são alguns dos dilemas da participação...

1 - Participação, o que é?

Espíritos encarnados, seres sociais que somos, temos fome de participação!

Participação é um dever e ao mesmo tempo, uma dádiva. É um processo de inclusão de todos ou de parte dos elementos de um grupo social na construção daquele grupo e suas atividades decorrentes. A participação é uma necessidade humana universal, que facilita a consciência crítica e agrega forças, presente em nossas vidas pelo prazer que nos proporciona, mas também pela sua funcionalidade, como forma eficaz e eficiente de se contrapor aos desafios e para multiplicar esforços (BORDENAVE, 1983).

Participar pressupõe autonomia dos atores e o seu envolvimento em todo o ciclo, do planejamento passando pela execução e chegando a avaliação, em um ambiente que preze a interdependência e a confiança. Ou seja, em uma cultura participativa, somos mais iguais, respeitamos a vontade de todos e a hierarquia dá lugar a sinergia, fortalecendo o aprendizado mútuo. Vê-se que é um desenho que demanda maturidade dos envolvidos!

A participação é um pressuposto da vida em sociedade e no arranjo da criação, ainda que existam a ordem e as leis, a

nossa condição de cocriadores, de espíritos rumo a perfeição, nos permite essa interação como forma de experiência e crescimento, contrariando uma visão de obediência e contemplação como valor fundamental, dando ao trabalho a centralidade necessária. Um rompimento paradigmático, no qual importa o crescimento de todos e principalmente, o livre-arbítrio.

Participar é amar ao próximo, é ser proativo no bem, como ensinou Jesus na parábola do bom samaritano. É um primado da ação que não se conforma com o mal e que entende nosso papel na construção do reino de Deus, como corresponsáveis por tudo de bom e de ruim que está por aí. Na participação, somos responsáveis, sem muletas ou bodes expiatórios para direcionarmos nossas mazelas.

2 - Participação na casa espírita

Léon Denis (2005) assevera que o "*Espiritismo será aquilo que dele fizerem os homens*". Kardec, em Obras Póstumas (2005), fala, diante dos desafios do poder, que ao Espiritismo não cabe a eleição de um representante ou a orientação diretiva de entidades desencarnadas. Consoante com a sua fé raciocinada, o maior legado, Kardec fala de uma direção colegiada, que interage com o movimento por meio de conferências, unificando e respeitando a autonomia das partes.

Desse modo, observa-se que a condução das tarefas espíritas envolve diretamente os seus integrantes, os espíritas, na construção de núcleos, de equipes que desenvolvam trabalhos, integrados em uma mesma lógica, de forma matricial, fortes pela interação nessa rede e não pela existência de uma cabeça hierárquica, como bem disse o codificador. A participação é um valor harmonizado com a nossa doutrina!

Na casa espírita, então, o espírito colaborativo faz com que as personalidades se diluam, em equipes que se ajudem, no feixe de varas citados por Jesus, com grupos marcantes e não dirigentes fortes. Essa é uma visão de perenidade, de defesa

contra o personalismo e as armadilhas do poder, resguardando o grupo e o trabalho, que tem que continuar.

Desse modo, em termos práticos, ao invés de escalar pessoas, abramos voluntariado nas tarefas, pois desconhecemos aqueles que acalentam o desejo de participar. Ouçamos a opinião, favoreçamos o diálogo e a interação. Mais que palestras, necessitamos de grupos de estudo para que as pessoas tomem parte da construção do conhecimento espírita, de forma participativa.

Não somos clientes atendidos por fornecedores. Não somos frequentadores separados por um fosso de trabalhadores. Somos, na casa espírita, uma rede de cooperação mútua, de cá e de lá, na edificação da tarefa do Cristo. E para isso, precisamos ser inclusivos, integradores, inclusive na linguagem (SAID, 2009) e imbuídos, realmente, do desejo de sermos democráticos e participativos, fugindo a subterfúgios de pseudoparticipação.

Isso não quer dizer que a casa espírita seja algo sem identidade ou direção, ou ainda, um albergue de toda ordem de práticas estranhas a doutrina. Significa apenas que, alicerçados na doutrina, devemos ter as nossas casas abertas a novos colaboradores, a novas opiniões e ainda, preparadas para o acolhimento e a integração de todos, no rompimento do personalismo, no diálogo franco, para a unificação de propósitos, na diversidade de entendimentos.

O “dono do centro”, que faz tudo, de forma centralizadora, imerso na clausura espírita, é tão grave quanto à postura superficial de apenas consumir as atividades da casa espírita, sem se envolver. É preciso ter rede! É preciso o fortalecimento de laços de ideal e de fraternidade, para que a casa seja um recanto de todos, uma comunidade voltada para o bem! Jesus falou em amarmos o próximo e não previu delegações ou terceirizações para essa tarefa.

Perdidos em casas gigantescas, burocratizadas, impessoais e empresariais, temos dificuldade de tomar parte e isso dificulta a nossa interação, a necessidade de romper esse paradigma da superficialidade. Participar é um dos princípios que regem a casa espírita e também a nossa vivência em sociedade. Jesus, na sua tarefa, prontamente se articulou em uma equipe, que jantou com ele na última ceia.

3 - Quem tem medo da participação?

A participação, ainda que no discurso seja vista como um valor, como algo positivo, nos causa medo, por envolver a autonomia e o rompimento da estabilidade das tradições. A tradição é um albergue seguro, no continuísmo, na rotina, na regularidade. Lidar com as mudanças causa ansiedade e nos leva a se esconder do novo.

Participar é dar vozes a outros atores, a outras visões de mundo, e desse modo, rompe-se as ascendências da hierarquia e os silêncios da obediência. Na casa espírita, na sociedade, no trabalho, a participação somente se materializa pelo exercício democrático, e para isso, devemos colocá-la em prática, aceitando-a, com todos seus "poréns".

Digo "poréns", pois os processos participativos são naturalmente mais lentos, as vezes permeados de conflitos e essa forma de decidir e atuar divide os poderes e ainda que se ganhe na diversidade das potencialidades, perde-se as vezes na velocidade, tão valorizada nos tempos modernos. Muitos enxergam uma oposição entre participação e eficiência, rendendo loas ao autoritarismo prático. Tenhamos em mente que o agir democrático não é fácil, envolve delegações, confiança e que nem tudo pode ser participativo plenamente, por questões de viabilidade, mas que isso não tira o primado da participação como princípio de respeito mútuo e de convivência social, no amadurecimento das partes envolvidas.

As revoluções tecnológicas que fazem da informação mais volátil e da transparência uma realidade, trazem um cenário

que auxilia o fortalecimento desse *ethos* participativo. Entretanto, isso não é o suficiente para fazer da nossa existência mais colaborativa, na oportunização de espaço para as diversas vozes, autonomizando os atores.

Mais uma vez, nesse sentido, esbarramos nos velhos inimigos, o orgulho e o egoísmo, que nos atrapalham nessa relação com o outro. Somos orgulhosos e não queremos dividir o mérito da construção dos projetos. Somos egoístas e não repartimos a nossa visão de mundo. Preferimos focar em nós, regados pelo medo e pela desconfiança.

Desse modo, para uma vivência mais participativa, faz-se necessário que todos nós, espíritas, nos diversos papéis que desempenhamos dentro e fora da casa espírita, entendamos o contexto da rede na qual nos encontramos, para ver a participação como um dever que se converte em um prazer, somando forças que operam coisas maravilhosas, daquelas que nós, espíritos encarnados, sabemos bem-fazer quando irmanados no ideal do Cristo, operando em conjunto, de forma coordenada.

Referências bibliográficas:

BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é participação*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos; 95).

DENIS, Léon. *No invisível: Espiritismo e mediunidade*. Trad. de Leopoldo Cirne. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Traduzida da 1. ed. francesa por Guillon Ribeiro. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

SAID, Cezar Braga. *Centro espírita: tendências e tendenciosidades*. Curitiba: Editora Federação Espírita do Paraná, 2009.

42. FAZENDO O QUE DÁ, MAS FAZENDO...

A eficácia nos diz para fazermos o que dê resultado. A eficiência, o que der resultado a menor custo e mais rápido. A conformidade nos diz para fazermos o que a Lei manda e a moralidade nos fala de fazermos a coisa certa. Na vida, vamos fazendo o que damos conta...

Ainda que identifiquemos o que deve ser feito, nossos famosos objetivos reencarnatórios, cabe pensar que como humanos limitados, ainda que isso represente um certo grau de maturidade, temos grande dificuldade de transcender a identificação para a ação. Falar é fácil, fazer é que são elas!

Mas, apesar da pequenez dos resultados, pensemos na grandeza dos esforços, na maravilha de conseguirmos, cotidianamente, insistir no que acreditamos como melhor, com a paciência dos vitoriosos e a teimosia dos que chegam lá.

Roma não foi feita em um dia! A reencarnação não é feita de um dia! A cada passo, humilde, mas firme, avançamos. Como dito certa vez em uma palestra por Divaldo Franco: "(...) *quem faz o que pode, faz o máximo*". Façamos o que está a nosso alcance, fiéis aos nossos propósitos e conscientes de nossas limitações.

Diante de grandes desafios, de tarefas gigantes, como são as montanhas de nossas imperfeições, temos a frente o caminho da inércia, da estagnação, da fuga de nós mesmos. Porta larga que nos conduz a adiar os enfrentamentos naturais da evolução.

Mas, existe o caminho do trabalho, de diante dos problemas, verificar o que pode ser feito, e fazê-lo! Sempre é possível avançar, um milímetro que seja, pelo esforço na tarefa da evolução. Assim o é, as vezes avançamos mais rápido, as vezes demoramos mais, em ciclos, como na vida.

Após o erro, o momento de queda, a tendência é “largar de mão”, mas ali, nessa hora, é que devemos realmente nos ver como jornadaeiros de evolução, como espírito que irá superar mas aquela situação. Vergonha? Somente de não caminhar!

Assim, façamos o que dá, mas façamos. Responderemos pelos nossos minutos encarnados com uma régua de esforço, de intenção, e a benção da oportunidade deve ser sempre aproveitada, da melhor maneira. Possível...

43. O RAPAZ DA PRANCHETA

Dagoberto desencarnou. Se viu do outro lado da vida. Se espantou com o que viu... era igual, mas era diferente. Se sentia mais leve, mais ainda se sentia ele. Enfim chegava ao grande mistério da existência, mas não sábio o que fazer, para onde ir... Logo se aproximou um rapaz, de semblante sereno, com uma prancheta a tiracolo.

O rapaz se aproxima e após cumprimentar Dagoberto gentilmente, começa a fazer-lhe perguntas. Nome... Quantas pessoas ajudou... Quanta vezes lutou para fazer o que era certo... Na terceira pergunta Dagoberto se indigna e diz, mas espantado ainda: "- Não vai perguntar que eu fui, qual foi a minha religião?".

Como o protagonista de nossa história introdutória, alimentamos cotidianamente a ilusão que ao final da jornada terrestre seremos inquiridos sobre aspectos formais de nossa existência: títulos, cargos, vinculações religiosas, posses etc. Esquecemos que o questionário trazido pelo "rapaz da prancheta" busca avaliar os avanços que obtivemos naquela encarnação como espíritos, pela ótica da vida eterna.

Essa nossa prestação de contas da existência se dá, como toda prestação de contas, focada nos objetivos acordados. Certamente acordamos antes da encarnação avanços no sentido da melhoria no campo dos sentimentos, do aprendizado no amor e tudo isso que fazemos ou vivenciamos, inclusive a religião, é (ou deveria ser) um instrumento para avançarmos como espírito. Não confundamos os meios com os fins!

O rapaz da prancheta que nos abordará não estará interessado em capas ou couraças, e sim no nosso avanço interior, de que forma nós fizemos uso desses instrumentos

para nos tornarmos um pouco melhor ao fim dessa encarnação. Um questionamento que devemos nos fazer a cada dia, antecipando as inquirições da prancheta.

Se fosse ao contrário, se essas coisas valessem por elas mesmos, não teríamos o reinício pela reencarnação, com a benção do esquecimento, na qual levamos na bagagem apenas o interior. Tudo na Terra é transitório, a exceção dos avanços que fazemos no campo do espírito. Esse é o tesouro que Jesus falava, que a ferrugem não corrói e os ladrões não roubam.

O questionário da prancheta do rapaz é universal. Cabe para espíritas ou para vinculados a qualquer denominação religiosa, para nascidos em qualquer parte do globo terrestre, para todas as raças e povos. Ele quer saber dos nossos avanços no amor, uma grandeza universal, que se manifesta dia a dia, impulsionado é verdade, mas para além de roupagens transitórias que ostentamos, as vezes garbosos, na jornada terrena.

44. QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ

“Lá vai ele de novo para o trabalho assistencial... Tem coisa melhor para fazer não? Busca dominar suas tendências ancestrais, ele diz. Faz esforço para que no mundo da ação, pelo menos, não se manifeste o pensamento. Besteira! Estuda, reflete, discute e cresce... é o que ele diz... Se reveste dessa tal de prece, busca sintonizar com esses chamados amigos espirituais, gente nova no pedaço. Como pode? Quem te viu, quem te vê, Arnaldo!

Não se lembra mais aqueles tempos, as coisas que fazíamos... Mudou seus valores, rapaz, nos abandonou... Rompeu compromissos que nos sustentam há séculos... Mas, tenho certeza que ele está aí, o homem velho. O nosso velho amigo se esconde em algum lugar dos recônditos de sua mente e nas horas surdas, de dor e solidão, sentimos ele aparecer, clamar pela volta, triunfante. É, Arnaldo, queremos você de volta, longe dessa baboseira de gente fraca, de perdão, de amor, de caridade...

Não nos convence essa sua nova capa, esse envelopamento que chamas de “novas disposições” e esconde a sua verdadeira essência... Sabemos que o Arnaldo das antigas, o cara da pesada, não vai resistir a esses problemas que insistentemente chegam a sua vida. A doença, a carência material, a ingratidão, o chamado do prazer. Para que resistir, se assim é a condição humana? Essa coisa horrível que Deus colocou na Terra, que mata e destrói seu semelhante por prazer. Somos isso mesmo, Arnaldo, essa coisa que não presta e a nossa esperança, a nossa fé, é apenas no que pudermos levar nas mãos, para atender nossos desejos, nossa satisfação...Imagem e semelhança (risos)”

Diante dessa manifestação psicofônica na reunião mediúnica semanal, Juvenal sai apreensivo a frente dos

desafios da reforma íntima preconizada na Doutrina Espírita. Pensa o dirigente a que pressões se submete o candidato a renovação em mais uma encarnação, as demandas de amigos do passado, as suas próprias tendências, os chamamentos do mundo, em tempos de prazer hipervalorizado, de egoísmo e orgulho proclamados. Desesperança campeando pelas falas e discursos, uma visão pessimista do homem e a sua natureza.

Pela rua, chutando lata, voltando para sua humilde residência, para seus problemas cotidianos, pensa Juvenal nos jornais, nos amigos, nas suas dificuldades, dos pensamentos que as vezes lhe assaltam a mente e se indaga sobre as lutas que se avolumam na existência, as chamadas "montanhas do eu" que se erguem, ao fim de cada escalada, de cada esforço. Uma luta solitária, que respondemos perante a nossa consciência. Uma luta que aparentemente se faz ingloria, mas que traz como prêmio o amadurecimento espiritual. Luta, dia a dia...

Recorda nosso introspectivo protagonista de pessoas que superaram esses desafios com louvor, que venceram o mundo. Algumas célebres, outras anônimas. Mas, que pelo seu esforço, avançaram um degrau da evolução, rompendo a inércia, se tornando mais leves. Pensa nos seus desafios, nas suas dificuldades íntimas, e lembrando da mensagem sobre Arnaldo, recorda que cada um carrega a sua cruz, proporcional as suas forças. Lembra de rezar por Arnaldo, ainda que não o conheça, mas que deve ser objeto de pressões e perseguições dos espíritos que se manifestaram.

Chega em casa o esforçado dirigente, atua em afazeres domésticos, beija a filha adormecida e deita-se ao lado da esposa, no repouso que buscará refazer o corpo que cedo acordará para a labuta honesta. Faz seu exame de consciência, sobre o que é, e no que tem se tornado. Arrepende-se do que fez e do que não fez. Agradece a família, a saúde, a vida, e a possibilidade de ter uma filosofia que permite a ele enxergar a

realidade espiritual. Vira-se para o lado, cansado e ensaia o merecido processo de sonolência.

À medida que o sono chega, Juvenal acorda sobressaltado, em um pulo na cama, pela ação de uma voz, entre terna e rancorosa, que diz no interior de sua mente:

“Boa noite, Arnaldo!”

45. ROMANA LEGIO OMNIA VINCIT

Essa expressão curiosa, título do presente artigo, um lema do exército romano criado pelo imperador Júlio Cesar (110 a. C. a 44 a.C.), traduzida do latim, significa que "*Legião Romana a tudo vence*", uma exaltação as vitórias seguidas da máquina de guerra que Roma montou e que lhe garantiu, em determinado momento histórico, a conquista de grande parte do globo terrestre e com isso influenciar toda a cultura ocidental. Hoje, está nos anais da história...

O espírito desta frase nos remete aquelas pessoas que tem na vida um tapete vermelho, que tudo vencem, que sempre se dão bem. Ilustrados na literatura pelo Rei Midas, pelo Gastão da Disney, são antíteses do Jó bíblico, com um caminho florido e ajustado na qual tudo concorre para seu sucesso. Pessoas "*Omnia Vincit*".

Certamente, conhecemos muitas delas. Algumas pessoalmente, outras apenas como celebridades. Com fartos atributos combinados e valorizados pela sociedade-beleza, riqueza, inteligência, fama, carisma, família estruturada-potências que somam-se ao seu esforço e dedicação, que combinados com o que chamamos erroneamente de sorte, tem-se que em tudo que eles tocam, vira ouro.

Objeto de inveja e de admiração, esses vencedores na ótica da vida terrestre, pela visão da vida maior, carregam fardos, por vezes imperceptíveis, no orgulho e na vaidade que os atormentam, no medo do fracasso nunca experimentado, na solidão de não saber em quem confiar, nas ameaças do egoísmo que o isolam do mundo, na evidência que torna postiças suas relações.

Seduzidos pelos gramados verdes dos vizinhos, esquecemos que essas pessoas, para qual as coisas parecem fáceis, esforçam-se e lutam, em batalhas internas e externas, e

apesar de parecer que elas tudo vencem, amargam também derrotas em campos muitas vezes desvalorizados. Imagine, estimado leitor, no exercício da indulgência, a pressão que sofrem esses vencedores...

A doutrina espírita, pela lógica da reencarnação, vem trazer a essa questão uma outra percepção. São provas o papel de perdedor, mas também a vitória no mundo. Nas diversas roupagens que experimentamos, crescemos na dor, mas evoluímos também pelas posições de mando e de destaque, de maneiras diferentes. Em tudo, a lógica divina aproveita para o crescimento do espírito. O que as vezes ressoa como um canto de sereia, figura como uma armadilha mortal, nos ensina bem a literatura espírita, por nos trazer uma visão ampliada.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o espírito de Lacordaire, em bela mensagem sobre o bem e o mal sofrer, nos diz que: *"(...) poucos sofrem bem, poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzir ao Reino de Deus. (...) Tendes ouvido frequentemente que Ele não põe um fardo pesado em ombros frágeis. O fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem."* Mas, temos dificuldade no mundo e em seus valores, de identificar o que são fardos e qual o seu tamanho, e que nestes também cabe o "bem sofrer"!

A lei é de amor, e o amor paira além dessas relações. Muitos desses iluminados, robustos em inteligência e posses, padecem da falta dessa competência essencial e encontram na cesta de oportunidades que a vida lhes oferta um caminho para desenvolver esse amor, as vezes negligenciado. Jesus dizia que venceu o mundo... Interessante refletir sobre que natureza de vitória seria essa!

Tudo é passageiro, é experiência, é aprendizado. Mesmo que brademos para nós mesmos que tudo vencemos, sabemos que na verdade não é bem assim. Todos somos frágeis meninos nas lutas da vida, dependendo do pão nosso de cada

dia, da saúde, da família e dos amigos. Somos ovelhas do rebanho divino e ele nos pastoreia, cada um a seu jeito, conforme sua necessidade. Espiritual.

46. ARRANJOS PRODUTIVOS DA MEDIUNIDADE

Caminhamos pela rua e vemos nos postes, outdoors e filipetas anúncios de prestação de serviços de natureza mediúcnica, nas artes da adivinhação e nos famosos serviços que objetivam a busca de riqueza ou a volta da pessoa amada, com variantes e promocionais típicos da mercadologia, na qual se estabelecem prazos para a execução de serviços e a ação gratuita – denominada caridade, para chamar a atenção do cliente para o nosso estabelecimento, diante de outros eu ofertam produtos similares.

A série “Médium” (2005-201), exibida na TV por assinatura e que tem como protagonista a médium Allison Dubois, interpretada de forma primorosa pela atriz Patrícia Arquette, é baseada em uma história real de uma médium que atua como consultora, na resolução de crimes, situação corriqueira nos Estados Unidos, na qual médiuns utilizam seus dotes para encontrar pessoas desaparecidas e para auxiliar a polícia, geralmente de forma remunerada, suprindo o que a ciência forense não consegue resolver.

Jovens reunidos animam suas noites com a brincadeira do copo, perturbando e sendo perturbados, em uma visão frívola da relação com os desencarnados, perguntando sobre amores e o futuro, se divertindo e servindo de diversão para espíritos que ainda não despertaram para a luz. Tudo isso após assistirem aos famosos filmes de terror, fascinados pelo desconhecido e ansiosos por sentir a sensação de medo.

Programas televisivos dos nossos irmãos evangélicos mostram incorporações de espíritos, em rituais de exorcismos, com gritos, cantos e muita exaltação, na qual os espíritos dos mortos recebem a alcunha de “Espírito Santo” e de “Demônios”, em espetáculos que misturam conceitos do cristianismo e de cultos afro-brasileiros, atendendo a

demandas diversas, na carência material e espiritual, na espetacularização das mazelas humanas.

O fenômeno mediúnico aparece por aí, no cotidiano vivo das pessoas, independente de sua filiação religiosa. É um fenômeno da natureza, orgânico, como já asseverava Kardec. Estas manifestações, entre outras, mostram a inserção da mediunidade na sociedade, seja na adivinhação que remonta a Grécia antiga, na terceirização de favores espirituais alcunhada de feitiçaria, no apoio a resolução de casos policiais, ou ainda, em situações mais incomuns, como a previsão do tempo e a busca de respostas administrativas em consultas aos espíritos.

Assim, relacionam-se espíritos encarnados e desencarnados, de formas por vezes bizarras, em consórcios para finalidades comuns, regidos pela lei de afinidade, em propósitos por vezes nem tão nobres assim, como nem tão nobre é o moto das ações dos encarnados.

A seara espírita nos brinda com um paradigma diferente... Na chamada mediunidade com Jesus, naquela que busca associar planos para produzir o bem em ambas as dimensões, se procura exercer a comunicação com o plano espiritual como um ofício na produção do bem, na qual o propósito elevado comanda as tarefas a serem desempenhadas, para além de interesses pessoais e da frivolidade.

Na carta consoladora do ente desencarnado, em prática consagrada por Chico Xavier e exercida por tantos outros companheiros, encontramos o consolo daqueles que se associam ao desespero diante do fenômeno da morte e que tem naquelas palavras um novo alento para a vida, um despertar de novas disposições.

Na ação curativa, traz-se a reflexão aos que sofrem as enfermidades, sobre as causas de suas dores e de que a verdadeira cura deve vir do espírito, aliviando dores, mas apontando a necessidade de reformas no espírito.

A mensagem psicografada que esclarece e orienta, enriquecendo o estudo de grupos e organizações, no entendimento das verdades da vida do lado de lá, é outra aplicação útil da mediunidade, no texto que se converte em livros que fortalecem os processos de estudos e por vezes subsidiam peças teatrais, músicas e filmes, como instrumentos de reflexão e de avanço espiritual.

E de todos esses arranjos produtivos, destacaremos um nesse breve artigo. Objeto de estudo do saudoso Hermínio Miranda, de recente retorno a Pátria espiritual, ele se apresenta na sua obra magistral: "Diálogo com as sombras-teoria e prática da doutrinação", editada pela Federação Espírita Brasileira há quase 40 anos, na prática das reuniões de atendimento aos chamados espíritos sofredores.

Hermínio, com a técnica e a didática que lhe são peculiares, aborda nessa obra a organização e a atuação de um grupo mediúnicos de socorro aos desencarnados, analisando as tipologias e os papéis dos trabalhadores encarnados e do atores desencarnados, discorrendo sobre a estrutura do trabalho e as técnicas de atuação, mesclando a sua experiência com o estudo das obras basilares sobre o assunto, tendo como produto final um guia básico para aqueles que se aventuram a atuar nesse tipo de trabalho.

Entretanto, para além das questões práticas, o livro apresenta a reunião mediúnica de atendimento aos desencarnados como um exercício de amor, de vivência evangélica, em situações reais, nas quais crescem espiritualmente trabalhadores encarnados e desencarnados, refletindo sobre os valores da vida, a transitoriedade da reencarnação e o que nos compete nesse exíguo tempo aqui encarnados. Iludidos, achamos que vamos ali "ajudar os espíritos".

As reuniões mediúnicas dessa natureza apresentam-se como verdadeiras aulas, de forma que o intercâmbio mediúnicos

não se prende a mensagens e conteúdos e sim ao aprendizado interativo nas vitrines vivas que se descerram, que são tão sofredores como nós, na longa jornada da evolução. A mediunidade ali se apresenta de forma dinâmica, integrada em equipes de ambos os planos da vida, no trabalho que demanda espíritos mais próximos daqueles que ali sofrem, mas que também nos abastece de luz, em reuniões nas quais, a cada dia, morremos um pouquinho, como nos dizia um antigo dirigente.

No portfólio de arranjos produtivos para a atuação mediúnica que nos brinda o cotidiano, não nos cabe criticar ou atacar as manifestações que surgem, nas suas diversas formas e propósitos, dentro do nível de maturidade de cada agrupamento. Cabe-nos, como espíritas esclarecidos, valorizar a atividade que contribua com o bem geral, aquela que forme homens de bem e que ajude a construir o reino de Deus aqui na Terra, como aplicações úteis dos talentos fornecidos aos médiuns de diversos matizes.

A mediunidade é um manancial de esclarecimento, e carece na sua prática, de orientação e reflexão, principalmente no que tange aos seus propósitos. Mais do que regras e posturas, é preciso saber se na prática mediúnica trilhamos o caminho do bem e do aprendizado. Isso caracteriza a mediunidade com Jesus e não apenas lembrar-nos de seu nome.

E a reunião mediúnica de atendimento aos espíritos sofredores, prática presente em grande parte de nossas casas espíritas, deve ser estimulada e fortalecida, pelo estudo e pela vivência, como forma de aplicação dos potenciais mediúnicos em uma dimensão ampla e integrada, no trabalho em equipes multidimensionais, como um estágio para ocupações que lutamos arduamente para ter assento em outros planos no futuro, mais por misericórdia do que por merecimento.

47. FRODO BOLSEIRO

A magnífica obra “O senhor dos anéis”, escrita pelo inglês J.R.R. Tolkien (1892-1973), é de uma beleza ímpar, inspirada por um sem número de lendas europeias, na construção de um mundo de criaturas mágicas, em uma densa história que discute, entre outras coisas, o poder como uma categoria humana importantíssima.

O personagem principal dessa obra é um *hobbit*, chamado “Frodo Bolseiro”. Criados por Tolkien, os *hobbits* são uma espécie de criatura mitológica de pequena estatura, pacatos e habilidosos e que vivem em tocas, a feição de vilas, passeando descalços, ostentando o seu curioso pé peludo.

Frodo, no épico “O senhor dos anéis”, recebe de Gandalf, o mago, a atribuição de conduzir até a destruição nas lavas de um vulcão o “um-anel”, um dos anéis do poder, um anel que possuía vontade própria e sempre era atraído pela vontade de seu criador, Sauron, o vilão dessa história. O anel era tão poderoso, que qualquer um que dele se apossasse se via corrompido pelo poder adquirido, o que levou ao próprio Gandalf a entregá-lo a um *hobbit* de coração puro e alma serena, como foi Frodo, para garantir o sucesso da empreitada.

Mesmo com a sua alma pura, Frodo se viu tentado pelos apelos do Poder, necessitando da ajuda de seus amigos para superar os obstáculos de sua missão. Surge no decorrer da história um personagem singular, um outro *hobbit* chamado Sméagol, que depois vem a se denominar Gollum, que teve em suas mãos o anel por muito tempo e se definiu, em uma relação destrutiva com o poder ali contido, se transformando em um frangalho humano.

Esse introito não teve como objetivo incentivar o leitor a conhecer mais amiúde a obra de Tolkien, ainda que, creio que

este seria um grande aprendizado a todos. A explicação se deve a necessidade de esclarecer a metáfora que será utilizada nesse artigo, onde discutiremos a mediunidade, como potencialidade da alma e a sua relação com o médium.

A mediunidade, como o anel do poder, é fonte de um poder típico, da comunicação da vida terrena com o país da luz, da abertura do portal entre dois mundos, trazendo bens valorizados no plano encarnado, como a cura, a informação e a predição do futuro. Assim, a mediunidade, tal como assombra também fascina, trazendo em si a carga da evidência, da submissão e em alguns casos, da adoração. Esse anel também é entregue a pessoas, com uma missão, que ao contrário da obra *tolkeniana*, não é com a finalidade da sua destruição e sim para a sua reprodução em bênçãos de conhecimento e consolação.

Imagino sempre que vejo a fala das pessoas em relação aos médiuns famosos, a carga complexa que estes levam as costas e a necessidade de equilíbrio diante do cotidiano. Não somos caridosos, somos exigentes e críticos em relação a estes, e esquecemos a sua dimensão humana, no endeusamento. A obra "Trilhas da Libertação", de psicografia de Divaldo Franco, espírito de Manoel Philomeno de Miranda, mostra um caso emblemático da queda de um médium sobre suas próprias pernas, ilustrando a relação do médium com esse seu "superpoder" e de como podemos tropeçar em tantas possibilidades.

O receptáculo desse presente necessita, como Frodo, ter sua alma pura, possuir um espírito desprezioso, e disciplinado, que o permita conviver com tamanho poder e ainda, cumprir a contento sua missão, que por vezes dura diversas décadas, entre o açoitamento da incompreensão popular e por vezes, do lamentável interesse escuso, exigindo destes médiuns ostensivos uma abnegação incomensurável.

Tomando a lição de Frodo como exemplo, vê-se que este perseverou e venceu seus desafios com o auxílio dos amigos, que pelas palavras e pelo apoio incondicional, o ajudaram nessa tarefa, de vencer a si mesmo diante dos desafios do poder. Amigos do médium, os que o cercam, bem como os familiares, tem nesse sentido grande responsabilidade, no conforto e no auxílio a este em suas tarefas, não esquecendo jamais a sua dimensão humana.

Uma bela história como essa nos traz lições diversas, entre elas sobre a conduta do médium, da importância da humildade e do apoio dos amigos nessa tarefa. Ser médium é um fardo, mas também é uma benção. É missão, mas é prova. A mediunidade, como o poder, é uma potencialidade que nos foi ofertada por Deus na construção de um mundo melhor. Mas, como toda forma de poder, guarda em si um potencial destrutivo, se não for observado seu rumo...

48. MANTRA

Em um culto religioso de raízes afro-brasileiras, todos os presentes entoam um ponto de determinada entidade, aguardando no decorrer daquela ladainha a manifestação daquele espírito.

Em uma prática originária da Índia, fiéis entoam repetidas vezes o mantra "*Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare*"

Em uma igreja católica, fiéis seguram fervorosamente o terço nas mãos, rezando repetidas vezes a oração do Pai-Nosso e a Ave-Maria, na busca de completar o rosário.

Em uma tribo de índios do Alto Xingu, antes do ritual religioso, os indígenas entoam cantos repetitivos, lembrando os espíritos de seus antepassados.

Na modesta casa espírita, antes da prece de abertura da reunião, um jovem da mocidade com o violão promove a ambientação com suave melodia acompanhada por todos os presentes.

O que teriam em comum essas manifestações religiosas diversas na busca de sintonizar com o seu conceito de "Plano espiritual"? Seria um ritual exterior ou existe nessas práticas uma explicação do nosso processo de sintonia com o "alto"?

Na oração em suas múltiplas manifestações no decorrer dos séculos e culturas, a sintonia com o alto nem sempre foi valorizada por ser expressão do sentimento, mas por muitas vezes apenas pela quantidade de repetições ou pela emissão de determinada expressão sagrada. "*Nenhum sinal cabalístico ou palavra sacramental tem efeitos sobre o espírito e sim o pensamento*", como afirma peremptoriamente a pergunta de número 553 de *O Livro dos Espíritos*.

Porém, o fato de ser decorado ou repetido não implica necessariamente que seja um ato mecânico ou ritualístico. Como a religião é uma expressão da cultura de um povo, geração a geração o indivíduo vai aprendendo e modificando a sua forma de relação com a divindade através da oração, buscando colocar a emoção e o fervor que lhe demanda aquele momento. Lembremo-nos que o Pai-Nosso surgiu quando perguntaram a Jesus como rezar... Um pouco de psicologia nos ajudará a entender esse processo.

As experiências do famoso pesquisador russo Ivan Pavlov (1849 – 1936), que foi o precursor da teoria behaviorista da psicologia, demonstrou a existência no seres vivos de uma reação típica aos estímulos, o famoso *reflexo condicionado*, ao realizar uma experiência simples. Ao alimentar um cão confinado, antes de servir a refeição acendia uma luz. Após vários dias repetindo esta prática, ao acender a luz o cão já salivava, preparado para receber o alimento. Ou seja, mediante um estímulo exterior (luz), o seu organismo reagia para o ato a que ele fora condicionado.

Essa relação de condicionamento se reflete nos nossos processos mentais, como bem apresenta o espírito André Luiz no livro *Mecanismos da Mediunidade*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, demonstrando que os estímulos externos na criatura humana, ainda presa a realidade terrena, fornecem mecanismos de indução mental, de sintonia de nosso pensamento.

Uma conversação, essa ou aquela leitura, a contemplação de um quadro, a ideia voltada para certo assunto, um espetáculo artístico, uma visita efetuada ou recebida, um conselho ou uma opinião, representam agentes de indução, que variam segundo a natureza que lhes é característica, com resultados tanto mais amplos quanto maior se nos faça a fixação mental ao redor deles (André Luiz Apud XAVIER, 1991, p. 94).

Ou seja, a nossa relação com o mundo é uma relação de nossa vontade e os estímulos que recebemos do mundo material e espiritual. Seja a influência dos encarnados, desencarnados ou do ambiente.

Resgatado as ideias dos psicólogos interacionistas, como foi o famoso Jean Piaget, utilizaremos os conceitos do redescoberto psicólogo Russo L. S. Vigotzky, quando ele apresenta a nossa relação de apreensão da realidade como uma relação mediada por signos e instrumentos, onde para que esses estímulos sejam melhores apreendidos, eles necessitam ser significados por um elemento mediador. Ao longo do processo de maturação do indivíduo (e das coletividades), este processo vai se internalizando, onde os signos exteriores não são mais necessários, sendo substituídos por signos internos.

O processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria-prima fornecida pela cultura não é, pois, um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. Esse processo é, para Vigotzky, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. É como se, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo “tomasse posse” das formas de comportamento fornecidas pela cultura, em um processo em que as atividades externas e as funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. (OLIVEIRA, 2001, p. 38)

Os objetos e pessoas, ou seja, o ambiente, interagem conosco ao longo da nossa história, onde nos modificamos e modificamos o mundo a nossa volta. Esses estímulos do ambiente, se vinculados a signos, são melhores apreendidos por nós, através da mediação. Como uma criança que colore as teclas do piano para identificar melhor as notas. Com o tempo, abandonamos as dependências desses signos, pois eles vão se internalizando, transformando-se em referências internas.

A nossa relação com o processo de comunicação com a divindade segue essa lógica também, onde as pessoas e grupos religiosos necessitam de signos que ativem aqueles mecanismos de condicionamento que as desliguem do mundo exterior e suas preocupações e em um dizer jungiano, as remetam para a vida simbólica, interior, onde é conectado o canal com a divindade. Com o tempo nós vamos internalizando esse processo com muita meditação e reflexão. Entretanto, alguns se acrisolam mais no signo do que na divindade.

No mundo material, onde vivemos lutando pela sobrevivência, pelos bens materiais necessários, exigir das civilizações essa sintonia com a divindade imediata, como o desligar de uma chave ON-OFF, seria impossível. Com o passar dos tempos, foram sendo criadas culturalmente artifícios para esse processo que similar ao "transe", permita a criatura olhar para seu mundo interior.

A ladainha repetida condiciona a mente a sintonizar com aqueles momentos de reflexão anteriores, ajudando a fixar na ideia nova, auxiliando a romper com o mundo físico. Quantas vezes, incluindo nas atividades de desobsessão, utilizamos da mentalização de imagens e frases na busca de romper uma ideia fixa e empedernida? A mentalização é parte desse processo de introjeção desses signos. Infelizmente, muitos se utilizam desses mecanismos em artifícios de sugestão hipnótica e dominação, sejam estes encarnados ou desencarnados.

Em toda a parte, desde os amuletos das tribos mergulhadas em profunda ignorância até os cânticos sublimados dos santuários religiosos dos tempos modernos, vemos o reflexo condicionado facilitando a exteriorização de recursos da mente, para o intercâmbio com o plano espiritual (André Luiz Apud XAVIER, 1991, p. 94).

Não se traduzem então essas manifestações em meros rituais mecânicos (como por vezes generalizamos), onde com certeza o sentimento, a vontade e a reflexão poderiam estar

presentes, determinando o processo de sintonia com o plano maior. Cada religião desenvolveu seus mecanismos de sintonizar a mente dos seus fiéis, repletas de preocupações com o mundo material, com o chamado Plano espiritual.

Curiosamente, o fato da prece ser espontânea, não traduz necessariamente que a mesma esteja permitindo a sintonia com as forças maiores, bem como o fato do indivíduo buscar na sua religião um artifício para sintonizar a sua casa mental com os espíritos amigos não implica em um ato mecânico. O fator determinante desse processo não é externo e sim interno. A fé, aquela que Jesus nos advertiu pela falta dela, é que nos permite essa sintonia. Muitas vezes mascaramos a nossa espontaneidade em atos mecânicos e que não são repetitivos.

Vemos instituições respeitáveis, nas quais um outro tipo de ritual, mesmo onde se diz detestá-lo, vai tomando corpo e devorando a espontaneidade: é o formalismo, que poderíamos também chamar de indiferença e desamor (MIRANDA Apud FRANCO, 1991, p.152).

Por vezes nos preocupamos com repetições e na perseguição do que é ritual, quando o formalismo demonstra grandes doses de mecanicismo e frieza nas nossas atitudes, desligando a nossa essência da divindade, ainda que a retórica da prece seja magnífica.

Devemos entender que na obra divina tudo é um processo, pois "*ninguém chega ao cume de um monte sem vencer o vale e as anfractuosidades da rocha, no esforço de ascender* (MIRANDA Apud FRANCO, 1991, p.25)", e que na contabilidade divina o entendimento da criatura é sempre um dado computado na avaliação das questões.

As obras espíritas, principalmente de André Luiz, são fartas de orações luminosas em ambientes ritualísticos. O fato da forma não atrair os espíritos não implica que não haja sentimento e fé nas manifestações ritualísticas. Deus não desampara os que pedem com fervor e merecimento...

Posto isso, amigo, quando na visita fraterna aos enfermos estes pedirem humildemente que seja rezado o "Pai-Nosso", por serem a única oração que conhecem, vamos fazê-lo com fé e emoção, remetendo aquele momento do sermão da montanha onde Jesus proferiu aquelas palavras. Antes de realizarmos uma linda prece, verifiquemos se aquelas palavras saem de nosso coração e que os "canais estão abertos" para a sintonia com o criador. E se após o dia na defesa do pão material na labuta diária, na reunião pública da casa espírita necessitarmos de uma canção para harmonizar o ambiente, que seja cantada remetendo a nossa mente para as boas imagens e boas ideias, elementos que serão utilizados pelos espíritos que trabalham na reunião. O ritual é uma questão íntima...O próprio Kardec apresentou sugestões de preces, ciente de nossas dificuldades de abstrair o plano material.

A vida verdadeira é a vida espiritual e não queremos retornar as repetições contemplativas e punitivas de tempos passados, elementos de dominação e escravização do pensamento. Mas, na obra da divindade, nada é em vão e essas repetições permitiram e ainda permitem, nos momentos de dor e louvor, ligar a criatura a Deus. E nós, encarnados como somos, ainda não dispomos dessa "internalização" completamente. Mas, chegaremos lá...

Bibliografia:

- 1 FRANCO, Divaldo Pereira – Manoel Philomeno de Miranda (Espírito)- *Loucura e Obsessão* – Rio de Janeiro, FEB-1991.
- 2 KARDEC, Allan – *O Livro dos Espíritos* – Rio de Janeiro, FEB – 1993.
- 3 OLIVEIRA, Martha Kohl de – *Vigotzky, aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico*. 4º Edição. São Paulo. Editora Scipione – 2001.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido – André Luiz (Espírito) – *Mecanismos da Mediunidade* – Rio de Janeiro, FEB, 1991.

49. NOSSA RELAÇÃO COM A MEDIUNIDADE

Não anda muito boa, como desde sempre... Continuamos idolatrando médiuns, principalmente os chamados médiuns de cura. Ainda buscamos respostas para o nosso problema pessoal X e a nossa dúvida Y na via mediúcnica, o que um pouco de reflexão e a leitura edificante poderia resolver facilmente. Mistificamos salas, mesas, objetos, reuniões, como se não houvessem espíritos por toda a parte e todo lugar não fosse criação do Pai celestial.

Nós valorizamos ainda o livro psicografado, mesmo que nele estejam um sem-número de inconsistências; mas relevamos a segundo plano obras de encarnados fruto de longas reflexões. Confundimos as orientações mediúnicas com a vida administrativa da casa espírita; gostamos da foto daquele mentor, ilustrando as dependências da casa espírita e, ainda, fazemos filas para assistir ao maravilhoso fenômeno, como que curiosos da era vitoriana.

Os espíritos são os homens desencarnados, amigos e inimigos de ontem que se alternam conosco nas lutas da matéria. Isso Kardec já asseverava com propriedade e em inúmeras passagens, em especial na obra *O Livro dos Médiuns*. A mediunidade é via bendita de trabalho, na reunião mediúcnica de atendimento a espíritos sofredores, no consolo as mães aflitas, nas mensagens de esclarecimento e reflexão, como bem exemplificou na conduta mediúcnica Francisco Cândido Xavier, que apesar de suas faculdades, se mantinha a par de personalismos, na valorosa mediunidade com Jesus.

A mediunidade não é um superpoder de um herói de filme e nem uma tenda de milagres, a substituir as nossas lutas necessárias. É uma possibilidade, que se não for bem conduzida, pode enveredar para caminhos perigosos. Entretanto, o médium é ser humano, falível, com necessidades

e anseios. Os espíritos também, homens de outras eras, que estão conosco nesta caminhada evolutiva no orbe terrestre.

Por isso, insta analisarmos a nossa relação com a mediunidade, a nossa e a dos outros. O que queremos dela? O que pensamos disso? Precisamos estudar, não só os aspectos práticos e científicos da questão mediúnica, mas o seu aspecto filosófico, para não nos tornarmos vítimas de armadilhas e de ilusões.

Somente assim poderemos enxergar a mediunidade com a naturalidade que lhe é própria, ainda que requeira cuidados e preparo, como qualquer potencialidade do ser humano.

50. FRAUDE ESPÍRITA

Allan Kardec, no capítulo 28 de *O Livro dos Médiuns*, trata do charlatanismo e do embuste, o que pode parecer a princípio um tema antigo, perdido no auge das manifestações físicas na época da codificação, mas um breve passeio pela internet nos mostra que os assuntos afetos ao intercâmbio mediúnico são sempre envoltos em grande popularidade, mesclando medo e curiosidade, o que motiva situações nitidamente fraudulentas, e que ganham curtidas, compartilhamentos e destaques, inclusive entre os espíritas.

Diversas fotos e vídeos trazem aparições de espíritos, além de povoarem as redes sociais previsões e comunicações bombásticas, sobre temas afetos a política e celebridades, e dado que a mediunidade não é um patrimônio dos espíritas, diversos desses fenômenos podem sim ser fenômenos efetivos, mas também estão passíveis de serem fraudulentos, em um contexto que envolve a natureza destes, mas também as intenções ocultas e ainda, a consistência do seu teor.

A fraude é uma atuação intencional no sentido de se omitir a realidade com uma versão que atenda aos interesses do fraudador. Qualquer transação humana é passível de fraude, e a relação com os desencarnados não se faz imune desse mal. Inclusive, desde os tempos de Kardec até hoje, ainda somos acusados de fraudadores pelos nossos detratores, como se pode verificar em uma rápida pesquisa na mesma internet. Aliás, contrapor argumentos e provas é muito mais difícil do que desmerecer pela acusação da fraude, mas isso não quer dizer que não exista muita fraude por aí.

Vamos dividir, para fins da presente análise, a fraude em dois aspectos...um relacionado a veracidade do fenômeno, e outro, complementar, ligado ao teor da comunicação. Todos podem ser objeto de uma ação fraudulenta, e nesse sentido,

pontuamos, nas linhas do codificador, que quanto mais maravilhoso, quanto mais espetacular, maior o risco de fraude, pois existe aí o interesse político, financeiro ou de evidência embutido. Mas o fato é que esse interesse se apresenta por vezes de forma sutil, exigindo sempre cautela.

No que tange a fraude da veracidade, mais ligada a fenômenos físicos, temos que um indivíduo busca por truques, por mecanismos naturais ou outros dispositivos, simular fenômenos e atribuí-los a ação de espíritos, podendo se tratar aí de materializações, aparições, mas também de comunicações inteligentes, como as vidências, previsões futurísticas e cartas do além, e que ao vivo ou por meio de filmagens/fotos, iludem as pessoas da presença de espíritos, motivando o atendimento de interesses, que não demoram a transparecer. O interesse do indivíduo é mostrar que ele tem poderes sobrenaturais e com isso angariar credibilidade.

O que nos importa na fraude de veracidade é identificar se ali existe um fenômeno mediúnicamente verdadeiro, e nesse sentido, a idoneidade do médium é um fator determinante, como assevera Allan Kardec. Necessário, mas insuficiente, posto que é preciso também analisar o que ocorre ali, com um certo olhar científico e investigativo, verificando se não se trata de uma ação deliberada oriunda de uma fraqueza da pessoa, dado que aspectos morais estão sujeitos a chamamentos e tentações. O mundo sempre nos surpreende...

No que tange ao teor, é uma decorrência da fraude de veracidade, presa a aspectos das manifestações inteligentes, e diferente de uma mistificação, na qual o espírito se utiliza do médium para trazer informações equivocadas, nesse caso o próprio suposto médium se utiliza de sua simulação para introduzir "verdades" que atendem ao seu interesse. Alimenta seus objetivos por revelações e afirmações, que cedo ou tarde lhe trarão algum ganho, e que proliferam, em especial próximo a eventos de grande relevância, ou de pleitos eleitorais.

Além da análise da idoneidade do médium, a boa fórmula kardequiana do crivo da razão, do uso da lógica e da comparação entre diversas fontes, bem como com os conhecimentos sedimentados pela Doutrina espírita, apresentam-se como boas medidas, associando possíveis interesses aos absurdos divulgados nessas mensagens. Discutir, analisar, ponderar é uma boa prática e que, longe de ser ofensiva, é nosso legado espírita para navegar de forma segura em mares de tantas informações incertas.

Antes de clicar o botão “compartilhar”, antes de propagar aquela foto do sobrenatural, aquela mensagem psicografada, respiremos fundo, lembremos do nosso estudo, e nos atenhamos a olhar com mais carinho o que se apresenta ali. Lembremos que espírito superior não se detém a questões comezinhas e que a responsabilidade da encarnação é nossa. A teoria da comunicação assevera que o foco é o receptor, e este tem grande responsabilidade na assimilação e na reprodução do que chega a ele, em tempos de vida em rede.

51. HOAXES E COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

A internet mudou a nossa relação com a informação, e com a sua credibilidade, de forma que multiplicaram-se os problemas de conteúdo, e conseqüentemente, diminuiu o tempo de consumi-los e criticá-los.

Nesse sentido, a cada dia, nas redes sociais, matam uma celebridade que está vivinha da silva, viralizam montagens fotográficas, e se espalham versões sem fatos, movidos por interesses por vezes claramente identificados, ou simplesmente pelo desejo de se obter cinco minutos de fama a todo custo.

O boato, ou hoaxes, é um fenômeno inevitável da internet e das suas redes sociais, sediado na natureza humana, e que pela sua expansão tem como frutos dissabores, crimes, trazendo insegurança e medo por uma gama de notícias bombásticas e catastróficas, que inibem a credibilidade desses meios de comunicação, com as verdades perdidas nesse mar de invencionices.

E os estudiosos do assunto nos prescrevem medidas simples para que, como usuários das redes sociais e também como produtores de conteúdo, não sejamos propagadores de inverdades ou que não sejamos ludibriados em nossas opiniões e decisões pela boataria infundada.

Assim, verificar o teor do que é dito a luz da razão, do bom senso, cotejando a informação com outras fontes de outros lugares e tempos, certificando-se da sua origem e base documental, é o cerne de todas as medidas preventivas nesse assunto.

Ah, mas dá um trabalhão isso, nesse mar de informações em que estamos imersos. É verdade, e por isso, a prudência e a paciência devem estar em nossa cabeça quando o dedo coça para apertar o botão de compartilhar.

Essa lógica de verificação do teor do que é recebido também se aplica a prática mediúnica. Harmonizado aos métodos de Allan Kardec, em especial n' *O Livro dos Médiuns*, pode-se, em uma comparação grosseira, dizer que a internet é o plano espiritual e que os sites produtores de conteúdos são os médiuns e deles recebemos cotidianamente informações, muitas delas replicadas na internet de verdade.

E assim, como o internauta incauto, que em tudo acredita e compartilha, nós como espíritas, por vezes recebemos ingenuamente tudo que vem do mais além, esquecidos da necessidade de usar a razão como guia para a verificação daqueles conceitos, servindo-se também das múltiplas fontes preconizadas por Kardec.

Aceitam-se, assim, coisas estapafúrdias, absurdas, incoerentes com os pilares da doutrina e a boa lógica, por vezes confiando simplesmente a identidade dos médiuns e do suposto emissor desencarnado, sem atentar para a mensagem.

O professor Rivail, quando lançou as obras básicas, assumiu um pseudônimo e ainda, das diversas comunicações mediúnicas utilizadas, pouco se sabe da identidade dos espíritos e nada das dos médiuns. Há um grande aprendizado nessa postura.

Quanto mais informação circulando na internet (ou no circuito mediúnico de livros, psicografias e palestras), maior o risco de se levar um gato por lebre, o que enseja cuidados ao ler, aceitar ou replicar verdades oriundas da comunicação mediúnica, independente do médium ou espírito comunicante.

Os hoaxes, boatos da internet, como fenômeno da comunicação de massa, tem muito a nos ensinar no que tange a comunicação mediúnica, não só pelos remédios preventivos, mas pelos prejuízos que causam a coletividade informações inverídicas. Podemos citar vários casos, seja nos casos da internet, mas também pelas informações mediúnicas que afrontam a razão.

A solução é antiga. Kardec já dizia... e esta que manteve até hoje a sua obra com credibilidade e sustentabilidade. Utilizar-se da razão, de múltiplas fontes, com o bom senso que nos permite navegar não só pela rede, mas pela vida e seus mares revoltos.

52. OBSESSÃO: NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

O Canal de TV por assinatura "Viva" estreou recentemente a série "Meu amigo encosto", uma comédia que explora a cultura popular de se associar problemas pessoais a ações de espíritos, aproveitando-se dessa vertente espiritualista latente na nossa terra.

A despeito da adesão pelo tema, estampada nas diversas explorações comerciais da temática, tratada na série televisiva por um especialista, o "encostologista", a Doutrina espírita, ainda que muitos pensem de forma diversa, não comunga dessa visão "encostologista" da ação dos espíritos ditos obsessores.

Para o Espiritismo, as nossas agruras têm a sua origem em causas presentes e passadas, e a atuação do espírito é mera consequência, sem esquecer a memorável lição do codificador de que os espíritos são, nada mais, nada menos, do que as almas dos homens, em outro plano de existência.

Nesse sentido, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no seu Capítulo XII, assevera de forma límpida:

"Antigamente, para apaziguar os deuses infernais, depois chamados demônios, mas que não passavam de espíritos maus, sacrificavam-se animais e até pessoas. O Espiritismo vem provar que esses demônios são apenas almas de homens perversos que ainda não se livraram dos instintos materiais, e que somente se pode pacificá-los sacrificando-se o ódio que possuem, por meio da caridade; que a caridade não tem apenas o efeito de impedi-los de fazer o mal, mas também de conduzi-los ao caminho do bem e contribuir para sua salvação. É assim que o ensinamento de Jesus: Amai os vossos inimigos, não está unicamente limitado ao Planeta Terra e à vida

presente, mas inclui também a grande lei de solidariedade e fraternidade universais."

Assim, não faz sentido essa visão persecutória em relação aos espíritos desencarnados, convertida, muitas vezes, em paranoias, alimentadas pelo pânico e que conduzem a criatura, por vezes, a ser vítima da extorsão, da exploração de seus receios e medos, por serviços de eliminação ou banimento desses pretensos espíritos malignos, a feição de tratamentos dados a parasitas.

No Espiritismo, a visão é do "espírito sofredor", filho de Deus como nós e essas abordagens coisificadoras desses espíritos merecem de nós uma profunda reflexão em relação ao próximo, a lei de causa e efeito e o primado do amor contido em nossa doutrina.

O tema obsessão é tratado, inicialmente, na obra kardequiana, em *O Livro dos Médiuns* e *A Gênese*, em que é ela definida como a "*ação persistente de um espírito sobre o outro*", classificada pelo codificador em três tipos: obsessão simples, fascinação e subjugação, não se tratando, nem de longe, de uma exclusividade espírita, dado que a história é farta em processos dessa natureza.

Trata-se de uma relação entre espíritos-construída e desconstruída-, em processos gradativos, alimentados pela invigilância e pautados no ódio, na vingança e na inimizade-forças poderosas. Para a sua extinção, cabe a letra evangélica do amor aos inimigos, da outra face e ainda, do amor que cobre a multidão de pecados e do perdão que liberta as almas, pelas vias da reparação.

Relações complexas que não se resolvem de forma simples, com fórmulas mágicas ou soluções imediatistas. Só o contato que cicatriza as feridas pode trazer avanços, no exercício do amor, na reconstrução de relações. Coisificar, expulsar, amarrar o espírito são visões paliativas de um problema que

não tem a sua sede na mediunidade e sim nas relações e nos sentimentos.

Obviamente, a casa espírita pode ajudar nesse processo, na chamada profilaxia da obsessão. Entretanto, ainda que essa ofereça os passes que reequilibram, a prece, a palestra e as reuniões de atendimento, faz-se necessário focar no encarnado, na sua renovação íntima que convença a nuvem de testemunhas da mudança daquele espírito, na visão de que as palavras convencem, mas os exemplos arrastam.

Da mesma forma, no trato da obsessão, devemos ter zelo na sua associação a doença mental, não dispensando a atuação médica em hipótese nenhuma, sem descuidar do poderoso aliado contido na terapêutica espírita.

Como visto, adensando-se no paradigma espírita, fundamentado na codificação kardequiana e nas obras complementares que com seriedade essa questão, no que tange a obsessão, "nem tudo que reluz é ouro", em discursos no qual nos enganamos entre vítimas e algozes, querendo ressuscitar o "céu e o inferno" ou "anjos e demônios", esquecendo-se que nas aulas da vida, pautadas pela Lei de causa e efeito, não temos inocentes, temos apenas causas anteriores e presentes e que o importante é a percepção que a hora é agora, de diminuir os débitos e de resgatar dívidas.

Não existe mágica! O espírito sofredor que supostamente nos persegue está ligado por forças poderosas, laços afetivos de vidas passadas, de feridas que não fecharam e que nos conduzem a reparação nos bancos escolares da reencarnação. Como na alegoria do evangelho, do pastor que sai para buscar uma única ovelha, tenhamos em mente que Deus se preocupa conosco e com ele também. Aquele que chamamos de perseguidor, inimigo invisível, obsessivo e que pedimos contritos que seja afastado pelos amigos espirituais, Deus vê apenas com mais um de seus filhos, afastado da luz.

53. O MARTELO AINDA ECOA, A CHAMA AINDA ARDE: A MEDIUNIDADE E A CAÇA ÀS BRUXAS

O martelo das feiticeiras (*Malleus Maleficarum Maleficat & earum haeresim, ut framea potentissima conterens*), obra alemã de 1487, com autoria atribuída a Heinrich Kraemer e a James Sprenger, é um verdadeiro manual de combate a heresias, um guia para o processo de inquisição que manchou o cristianismo na Europa e nas Américas na segunda metade do segundo milênio, na tristeza das fogueiras onde se queimavam as intolerâncias e das salas de tortura que envergonharam a humanidade.

Parece distante no tempo esse cenário, mas eventos recentes trazem sua marca, como o ocorrido em fevereiro de 2017, na Nicarágua, no qual a Sra. Vilma Trujillo, de 25 anos, foi amarrada e queimada viva numa fogueira em uma tentativa de exorcismo promovida por um grupo cristão, e ainda, o linchamento em maio de 2014 da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, em Guarujá-SP, a partir de um boato de redes sociais de que ela sequestrava crianças para utilizá-las em rituais de magia negra.

Ser cristão no mundo atual é ser perseguido em alguns locais, mas também é perseguir com atos de violência em tantos outros, com um espírito que afronta as ideias centrais de Jesus. O martelo ainda ecoa...

Essa intolerância etnocêntrica, pautada em um medo que se alimenta da ignorância, vítima todas as crenças não hegemônicas, em ocorrências que vão desde injúrias até a depredação de templos, expondo nosso lado mais hostil em relação aos outros e suas características [1].

Mas, além dessa discussão, da intolerância oriunda de outras religiões, o presente artigo traz à baila uma nova

abordagem, da questão da intolerância endógena, do Espiritismo com tudo que for mediúnico e que difira dele. Questões oriundas de relações mal resolvidas com a mediunidade.

Sim, o martelo ecoa também em nossas mentes, mas com um timbre diferente. O nosso país, surgido para o mundo ocidental poucos anos após a primeira edição de o "Martelo", amargou na sua gênese não somente a sombra da inquisição, como teve as crenças indígenas e africanas proscritas, gerando a necessidade de um sincretismo que possibilitasse o exercício livre da prática religiosa desses grupos em seus aprisionamentos.

Essa inquisição que rotulou de bruxaria as religiões com traços mediúnicos oriundas dos escravos e dos nossos habitantes originais, se fez presente mesmo após a chamada abolição da escravatura e a Proclamação da República [2], dado que o Código Penal de 1890, que até 1942 ainda estava vigente, trazia no seu Art. 157 a previsão de crime "por se praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans (SIC) e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestais (SIC) curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública."

Esse marcante temor da questão mediúnica, que trazemos insculpido em nossas personalidades, por esse longo processo histórico sucintamente aqui descrito, associando o não hegemônico ao negativo, contaminou a prática mediúnica no âmbito do próprio movimento espírita, revestindo essa de uma formalidade relevante, convertida em uma prática encapsulada, assustada e burocratizada, e por vezes, até negada como exercício de nossa espiritualidade.

Assim, ultrapassando os limites do respeito e da prudência, essa formalidade torna a mediunidade na casa espírita um assunto para poucos, reservado, com um ar de sigilo, de

mistério. Por vezes, visto como desnecessária, em uma postura curiosa em relação ao pedagogo francês que estudou esse fenômeno em salões de diversão.

A defesa do presente artigo é de que essa postura não é apenas uma questão de respeito pelos espíritos desencarnados, tratados por vezes como divindades [3], ou mesmo de apuro quanto aos escolhos da mediunidade, mas sim uma herança desse passado de proscisão da questão mediúnica, como motivo de vergonha e de medo.

Da mesma forma, muitas vezes no Espiritismo torcemos o nariz para outras manifestações ditas espiritualistas, que têm práticas similares ao que fazemos no Espiritismo, com a agregação de outras culturas, vistas muitas vezes pelos espíritos como inferiores, mistificadas, animismos, ainda que os espíritos insistam nas suas falas que não importa o local, pois onde houver trabalho no bem, lá eles estarão.

É mais um triste exemplo da lógica do Educador Paulo Freire, quando diz que se a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor, o que fazemos repetindo o som do "Martelo" em nossas ações, quando tentamos moldar as relações mediúnicas aos nossos formatos, cheios desse medo antepassado, e de preconceitos de toda ordem.

Todo esse cenário se resume, por fim, em desprezo pela importantíssima dimensão espiritual na prática espírita, um fato que se reflete na carência literária, de estudos, e de palestras que adentrem mais amiúde nessa questão, gerando fatos curiosos, da pessoa que frequenta a casa espírita e quando tem questões de foro mediúnico, termina por buscar, meio que clandestinamente, essas casas espiritualistas.

Esse medo, esse aprisionamento, é diverso do espírito da doutrina de conhecer e pesquisar, de conviver e respeitar, buscando avançar sobre a ideia da "letra sagrada" para o campo do crescimento do conhecimento, nas trincheiras das discussões sobre energias, chacras, materializações, apometria,

transcomunicação instrumental e regressão de memória, o que só enriquece a chamada mediunidade com Jesus, que é essa da prática do bem, nas chamadas reuniões de desobsessão. Não existe esse muro.

Sob a batuta de tachar coisas de antidoutrinárias, fechamos portas ao conhecimento, aos avanços, à discussão, encastelados em nossas posições, como se a prática espírita fosse uma coisa hermética e fossilizada no tempo. Kardec se posicionaria assim diante dessas questões nos dias de hoje?

Não se está advogando aqui a irresponsabilidade e a frivolidade com o tema, fiel ao espírito de Kardec n' *O Livro dos Médiuns*, e sim de enxergar que essa trajetória de perseguição de nosso traço menos hegemônico nos marcou em uma visão encapsulada da prática mediúnica, varrida por vezes para baixo do tapete de nosso cotidiano espírita e que isso se reflete em medos, perseguições e negações.

Perceber isso – que o martelo ainda ecoa – e que a chama ainda arde, é um caminho para que rompamos esses modelos de caçar demônios travestidos de obsessores, e de renegar práticas e conhecimentos que fujam do estreito aceitável, elitizando e empobrecendo a prática mediúnica, ainda que ela insista em surgir na natureza de diversas formas, que contrariam dia a dia os nossos moldes.

[1] Para saber um pouco mais, recomendo ao artigo “A intolerância é uma palavra feia”, disponível em <http://www.agendaespiritabrasil.com.br/2016/01/31/tolerancia-e-uma-palavra-feia/>

[2] Para se aprofundar mais no assunto, recomendo o artigo “O baixo Espiritismo e a história dos cultos mediúnicos”, de Emerson Giumbelli e disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n19/v9n19a10.pdf>

[3] Esquecem o contido na Introdução de *O Livro dos Espíritos*: "O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição"

54. OS PROBLEMAS RESULTAM DOS DEMÔNIOS

Vá lá, ilustre leitor, desculpe, mas esse foi um título somente para chamar a sua atenção, utilizando-se de um apelativo duplo sentido... Um artifício, dada a aridez do tema. Não, não se trata de um texto evangélico e nem da culpabilização de entidades extracorpóreas voltadas ao mal de nossas mazelas terrenas. Contrariando o senso comum atual, os demônios a que se referem o presente texto são outros...

Falamos aqui dos demônios interiores, que nos consomem dias a fio. Alimentados das nossas tristezas, frustrações, medos e arrependimentos, são filhos dos fantasmas do passado desta e de outra vida, e que arrastamos em nossas mentes, como uma tormenta que nos conduz aos consultórios médicos, as clínicas terapêuticas e as casas espíritas, na busca de uma solução ou quiçá, de um alívio a esse fardo.

Cada um tem os seus, em maior ou menor lotação, e por vezes, nos vemos dominados por eles, em uma possessão de dentro para fora e que termina por atrair outras consciências que, utilizando dessas nossas sombras, nos fazem sofrer. Um sofrimento oriundo do medo da própria dor, do remorso de decisões e da decepção com a nossa fraqueza diante dos desafios que se colocam em nosso caminho de crescimento espiritual.

Vai o remédio, o tratamento espiritual, a conversa, a reflexão e assim vamos conseguindo domar nossos demônios interiores, à espera de mais uma crise, uma emergência que os tragam a superfície, a nos infernizar. Muitos buscam soluções químicas, ou a violência da revolta, outros ainda perseguem santos e gurus, mas eles ainda sim continuam lá, impressos em nossa alma, nos lembrando de sua existência.

Vencê-los? Ignorá-los? Superá-los? Acho melhor entendê-los... dialogar com eles, buscar compreender a sua dimensão, as suas raízes, e contando com a ajuda de amigos, profissionais e dos espíritos amigos, buscar a sua transcendência. Trazer eles para o seu papel, de melhoria, de agulhão que nos impulsiona da insondável estrada da evolução.

O remorso de algo negativo reclama a reparação... A tristeza demanda o recomeço construtivo... A frustração nos leva a refletir sobre como o orgulho nos faz subestimarmos a nós mesmos... O medo quando bebe da fé sincera e coerente, encontra rachaduras em seus alicerces... De cada fantasma, de cada sombra, temos na encarnação a oportunidade de trabalhá-los, fazendo luz, sem mágicas ou milagres, mas de maneira produtiva, que não os permita vencer, mas que não os extermine, pois são parte de nós e tem seu papel nessa narrativa.

Necessitamos crescer com os nossos demônios interiores, sem que nos consumam. Precisamos entendê-los como uma carta do passado que precisa ser reescrita. Construídos de fatores de nossa história, esses algozes interiores alimentam e são alimentados por nossa e por outras mentes, chamados erroneamente de demônios, e que são um reflexo dos interiores, conhecidos de outros cenários, e que precisam de nossa ação firme e produtiva para também se libertarem, na magia reencarnatória da reconstrução de laços.

Paliativos são válidos... Mas, a luta interior, o bom combate no amadurecimento psicológico, este não pode ser abandonado. Afinal, nossos problemas residem nos demônios anteriores, que nada mais, nada menos são do que o homem velho que está lá, oculto, ruminando suas questões e buscando chegar a superfície. E para essas lutas, além das citadas ajudas da clínica, do hospital e do passe, temos outras ferramentas imprescindíveis, como a palavra amiga e o bem

desinteressado, todos elementos fundamentais nesse processo de reconstrução, a remexer o decantado lodo de nosso ser.

Nosso interior, visto como porão ou como universo, é parte de nós, um local que não vive apenas de lógica positivista, mas também de sentimento, e que interage constantemente com o mundo exterior, pelos sentidos conhecidos ou não, e se reconceitua a cada dia. Quando acabar a romagem terrestre e nos despirmos dessas vestes carnisais, será esse interior que sobrar e nos veremos mais amiúde, de forma inevitável, com os demônios que ignoramos dialogar, nos balanços periódicos entre uma encarnação e outra.

55. PUXÃO DE ORELHA DOS ESPÍRITOS

Francisco, estudioso da doutrina espírita, palestrante, praticamente criado no centro, passava por um período conturbado em sua vida, daqueles que todos nós vivenciamos, nas quebradas da reencarnação.

Saudades de um parente desencarnado, problemas no ambiente profissional, arrependimento por posturas adotadas, confusão diante das decisões... Aquela nuvem negra pairava sobre a cabeça de Francisco, que andava para lá de atormentado.

Amigo do trabalho indicou a Francisco uma dita casa espiritualista, na qual os médiuns, incorporados, davam consultas aos visitantes. Disse lá ser muito bom e que, com certeza, encontraria a ajuda que buscava.

Meio ressabiado, Francisco tomou o rumo do templo indicado no dia agendado, é lá se juntou a fila de consulentes. Na vez anterior a sua, o espírito, com o linguajar apropriado daquela circunstância, orientava mulher que havia sido abandonada pelo marido. Na vez de Francisco, curiosamente, o espírito manifestante deixou de lado o linguajar típico e de forma sutil perguntou o que ele fazia ali, no mais puro vernáculo.

Francisco, meio envergonhado, narrou suas angustias e o espírito, de maneira firme e afetuosa, informa-o que ele já detinha os elementos necessários à superação daquela situação, recomendando que ele lesse determinado capítulo de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e que não descuidasse da prece e da vigilância dos pensamentos.

Nosso consulente sorriu para o espírito, percebendo o puxão de orelha fraterno, agradeceu a orientação e seguiu

reflexivo, com disposições renovadas para a mudança de atitudes.

André Luiz, na obra *Agenda Cristã*, psicografia de Chico Xavier, afirma que "*Não viva pedindo orientação espiritual, indefinidamente. Se você já possui duas semanas de conhecimento cristão, sabe, à saciedade, o que fazer.*" Gandhi, conforme obra de Huberto Rohden, dizia que "(...) *se se perdessem todos os livros sacros da humanidade, e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido*". Os caminhos evolutivos são simples na teoria e complexos na prática.

Conselhos diretivos provocam mudanças, mas o primado é da reflexão. Ignoramos o tesouro que trazemos, nos conhecimentos libertadores da Doutrina Espírita, um manancial que esclarece, consola, orienta e que nos dá base segura para prosseguir. Não é adorno, é ferramenta de evolução, colete salva vidas nas situações difíceis, farol nas nossas decisões, chave libertadora dos medos.

A prática espírita nos apresenta ferramentas que trazem autonomia ao religioso, como o estudo que fomenta a reflexão, a prática que abranda o coração e a reunião mediúcnica de socorro aos espíritos sofredores, que nos trazem uma percepção produtiva do fenômeno mediúcnico.

Faz-se necessário reconhecer a dádiva do Espiritismo vivo e praticado e de como ele pode servir de instrumento para a nossa encarnação. Fórmulas mágicas, atalhos, rituais, simbolismos, elementos naturais do espírito encarnado e que nos ajudam a nos encontrar, mas que podem nos escravizar a forma. A tática espírita vem munida da reflexão vinculada à prática e tem um caráter libertador, que nos possibilita prosseguir, a passos firmes.

Cada credo, cada segmento trabalha a espiritualidade dos seus, de acordo com a cultura, com a afinidade, a história e o seu grau de entendimento. A doutrina espírita apresenta um

caminho, por nós escolhido, que também possui os elementos necessários para a nossa libertação espiritual, nos possibilitando avançar sem muletas.

Quem nunca tomou seu puxão de orelha? Quem nunca esperou uma palavra mais diretiva dos espíritos? O convite posto é a caminhada e o Espiritismo é um dos caminhos nos permite isso de maneira autônoma, consciente, em um desafio da nossa tarefa de evolução, que aceitamos pouco a pouco, a cada dia.

56. TÁ TUDO PRONTO AQUI, É SÓ VIR PEGAR!

A mediunidade se apresenta de diversas formas nos templos e expressões religiosas que se apresentam. Exorcismos, giras, rodas de fogo, cromoterapias... As múltiplas denominações, esotéricas, evangélicas, afro-brasileiras, orientais, todas tem suas formas de interação com o transcendente, e amargam os dissabores comuns a essas ações.

Para se fazer uso dessas potencialidades, como qualquer ação humana, faz-se necessário compreender o fenômeno, seus mecanismos... Necessita-se de conhecimento acumulado que permita, de alguma forma, tirar o melhor daquela relação, evitando fracassos e problemas de toda ordem. Mediunidade não é uma coisa simples...

Em suma... Necessitamos de saberes sobre a mediunidade para lidar com ela. Mas, onde encontrá-los? Seriam em livros ditos sagrados, de caráter religioso, ou em ações mais voltadas a pesquisa, a descrição, a sistematização? Que tipo de literatura serve melhor aquele que labuta no campo mediúnico, independente de sua vinculação religiosa?

Um certo homem, um pedagogo francês do Século XIX, lançou um livro, visando atender a essa demanda. No início desse livro, ele diz sobre o mesmo: "*Ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo*", indicando tratar-se de um manual, um guia prático voltado aqueles que se aventurassem a atuação mediúnica, tratada aqui como prática do Espiritismo.

Além de *O Livro do Médiuns*, de Allan Kardec, pode-se destacar outra obra excelsa nesse sentido, o livro de Hermínio de Miranda chamado *Diálogo com as sombras*, descrito pelo autor como “teoria e prática da doutrinação”, e que na verdade consolida a experiência desse pesquisador na participação em reuniões mediúnicas de doutrinação (ou esclarecimento) de espíritos sofredores.

Podemos citar outros, sob pena de esquecer algum relevante, como *Obsessão/Desobsessão*, de Suely Caldas Schubert; *Desobsessão*, do espírito André Luiz, e ainda, *Diário de um doutrinador*, de Luiz Gonzaga Pinheiro. Ainda que não seja um ramo da produção literária espírita hegemônico (infelizmente), tem-se grandes obras produzidas por estudiosos da prática mediúnica nas casas espíritas.

Não é por outro motivo que nas casas chamadas de espiritualistas, organizações esotéricas ou de matriz afro-brasileira, as publicações dessas vertentes acabem por buscar nas obras espíritas parte de suas referências. Encontra-se em suas livrarias obras espíritas, seus seguidores têm estas em casa. Compõe estudos e discussões. Seria por que todas essas crenças vão convergir para a doutrina espírita futuramente?

Claro que não. Seria uma presunção muito grande a nossa pensar assim. Não só uma presunção, como uma visão equivocada de Deus, das religiões e da relação com o plano espiritual. Isso se dá pela fato de nas obras espíritas, como as citadas anteriormente, existir uma sistematização desse conhecimento, pronto, elaborado. Tá tudo pronto aí, é só vir pegar, um conhecimento que serve a todos que estudam e discutem as questões mediúnicas.

Assim, o implícito aspecto científico contido na Doutrina Espírita trouxe, em especial para a prática mediúnica, um conhecimento sistematizado, que faz de parte de sua literatura. Uma produção útil para outras denominações que se defrontam com as questões da mediunidade, nos trazendo

responsabilidades com o que produzimos, dado que podemos com isso ajudar a muitos a consecução de trabalhos no bem, presentes em todos lugares nos quais dois ou mais estejam reunidos em nome do amor.

57. A ABORDAGEM BELIGERANTE DA DESOBSESSÃO

1 A visão beligerante

O escritor argentino Eugenio Raúl Zaffaroni³, no estudo do punitivismo como uma das facetas do Direito Penal, traz como uma das ideias centrais de suas pesquisas que o poder punitivo se construiu na sociedade moderna como uma forma de tratamento hostil para os seres humanos enquadrados em determinadas situações, negando-lhes a condição de pessoa, seus direitos fundamentais, legitimando para estes o tratamento estigmatizante, segregador. Um inimigo do Estado, em uma visão polarizada do mundo, que produz um estado de guerra permanente, que gera medo e coalizão, mas uma união de trincheira.

Essa visão do inimigo que deve ser perseguido e exterminado não figura apenas no Direito Penal punitivista, mas também surge no histórico religioso do fenômeno da Inquisição, como sistema jurídico canônico para combater a heresia, esta que seria capitaneada por uma entidade sobrenatural causadora de todo o mal, que agiria por meio de ardis e tentações.

Modelos tão antigos, mas tão atuais.

Muito ódio permeia essas abordagens de questões religiosas e sociais, e olhando mais amiúde a literatura espírita sobre o fenômeno da desobsessão (a oficial e a controversa), sejam os livros mais técnico-procedimentais, sejam as obras

³ ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *O inimigo no direito penal*. Tradução de Sérgio Lamarão. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2007. (Coleção Pensamento Criminológico).

mais romanceadas, figura por vezes, de forma sutil ou ostensiva, uma visão dos espíritos sofredores como inimigos a serem combatidos e expulsos.

Um superdimensionamento conspiratório das organizações dos desencarnados em sofrimento, que é uma visão recorrente no Movimento Espírita, presente também nas falas e práticas, nas quais as pessoas revelam síndromes de perseguição nas quais atribuem suas mazelas aos obsessores, ou ainda, taxam de obsidiado qualquer um que apresente opinião divergente do *status quo*.

Esse discurso de medo, que lembra as histórias de súcubos e de bruxas da Idade Média, ou ainda, lendas escapistas como o Boto no Brasil amazônico, alimentam uma visão teológica de medo e de delegação das responsabilidades individuais, com medidas saneadoras no sentido de se combater esse inimigo, que ainda que chamado de irmão, é visto não como alguém, mas como algo.

Alimentam-se, assim, paranoias, que abrem espaços, inclusive, para que as pessoas sejam vítimas da extorsão por médiuns interesseiros, ou ainda, para que se comportem como soldados de uma guerra sem sentido, buscando estratégias para atacar esse suposto inimigo, motivados no trabalho de assistência espiritual por fatores estranhos a essência dessas atividades.

2 Quem é o inimigo?

Essa visão do inimigo do bem, do Espiritismo, da casa, ou seja, "meu" inimigo, surge então na prática da desobsessão nas casas espíritas, constituindo mais um atavismo, uma importação de paradigmas de tempos inquisitoriais, ou de outras denominações religiosas, que tem como foco o exterior, um mal alienígena que precisa ser expulso, ou exorcizado, e que devemos orar e vigiar, em um binômio que poderia ser traduzido como temer e se proteger.

Essa abordagem não adentra nas relações que suportam o processo da obsessão, as paixões, os compromissos passados, e traz tudo para uma visão de uma eterna labuta entre o bem e o mal, como se existissem dois poderes rivais no governo do mundo, e que devêssemos nos posicionar em relação a estes, em uma visão oriunda de uma época em que o homem se encontrava ainda incapaz de, pela razão, penetrar a essência do Ser supremo⁴. Uma matriz desumanizada e que difere em muito da visão da Doutrina Espírita dos atributos de Deus, e do nosso papel na evolução, como encarnados e como desencarnados.

Aí ouvem-se os discursos de que temos que estar atentos, pois querem derrubar o nosso trabalho. Narrativas mirabolantes de tramas que são feitas na espiritualidade para destruir reuniões, parecendo, por vezes, que em nossas residências estaríamos tranquilos e que basta nos filiar a um trabalho, para sermos objeto de uma perseguição desenfreada.

Terminamos assim por enxergar os espíritos desencarnados não como seres em evolução, como nós, mas como inimigos que precisam ser combatidos. E nesse desiderato, nos arvoramos como cruzados nas lutas contra as forças do mal das falanges desencarnadas. Esquecemos nossa natureza, que somos todos filhos de Deus, e preferimos o comodismo de um pensamento maniqueísta que busca bons e maus absolutos, indicando apenas a quem devemos combater. O mundo é mais complexo que isso.

Idealizamos heróis, vilões, e aventuras fantásticas, nas quais queremos arregimentar um exército e clamamos por união motivados pelo medo do que poderá nos acontecer se

4 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. [Tradução de Manoel Justiniano Quintão]. 61. ed. 1. imp. (Edição Histórica) – Brasília: FEB, 2013.

não encararmos esse inimigo de forma coesa, como em uma organização militar, na busca de uma vitória de Pirro.

O espírito sofredor, agindo individualmente ou por meio de alguma organização, é um agente motivado por interesses, forças, desejos, paixões, como nós, e se busca agir contra casas e trabalhos, vociferando e ameaçando, merece de nós uma postura mais refletida, mais amena, para além de se colocar como inimigo em uma guerra, na qual não devemos nos alistar.

3 Quem é você?

Nesse sentido, a pergunta é qual o nosso papel nessa prática de lidar com obsessores e obsidiados em nossas reuniões mediúnicas? Se focarmos em ardis, escaramuças e ainda, na busca da vitória que não virá, pois não é uma batalha, nos afogaremos nessa lógica de buscar o inimigo, e de expulsá-lo ou exterminá-lo, em um paradigma antigo, ainda que por vezes fantasiados por palavras doces e cândidas.

A atividade do dialogador, outrora chamado equivocadamente de doutrinador, não é uma tertúlia racional na qual se impõe a um contendor as nossas verdades, ou de uma doutrina. Assemelha-se muito mais a um esclarecimento ou acolhimento, do que um duelo verbal. Não resgatamos vítimas de obsessores, e sim buscamos atender espíritos que estão irmanados em um sofrimento mútuo, aparentemente vestidos de algozes e vítimas.

Não somos soldados. Somos vetores do amor.

Não podemos patrocinar visões incoerentes com a mensagem de amor do Espiritismo, em propostas que fortaleçam o medo, a exteriorização das mazelas, lembrando

a lição de Kardec⁵, que indica que “*No tocante ao Espírito obsessor, por mau que ele seja, é necessário tratá-lo com serenidade mas ao mesmo tempo com benevolência, vencendo-o pelo bom procedimento, orando por ele*”, ensinando-nos que a forma de vencer essa guerra é não vê-la como um confronto. Não nos cabe jogar querosene nessas fogueiras, e sim, água!

O problema não são os espíritos sofredores, magos das sombras, e as suas diversas formas de organização que apimentam a nossa imaginação, e sim como encaramos nas atividades mediúnicas essas interações. Agiremos da mesma forma de outrora, como uma guerra fluídica, energética, verbal, ou entenderemos que a nossa abordagem é que deve ser diferente, pautada no amor, no exemplo, e no conhecimento de forma instrumental que ajude aquele irmão a romper aquele ciclo?

Por óbvio, que quando o espírito se manifesta na psicofonia com ameaças e bravatas, é normal que tenhamos medo, mas é preciso compreender a lógica da causa e efeito trazida pelo Espiritismo, e ainda, que nosso papel ali não é de guerreiro que combate o inimigo ali trazido, devendo dar respostas à altura, mas sim de um irmão pelo qual a espiritualidade instrumentaliza o atendimento aquele outro irmão em humanidade, e ainda aproveita aquela interação para ensinar lições profundas a todos que participam da reunião.

4 Conclusão

O livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, uma obra pouco lida, citada e estudada, trata mais do que da Justiça Divina, e sim da quebra dos paradigmas da teologia cristã, mostrando que o Espiritismo enxerga essas relações metafísicas de outra

5 KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução da 2ª. edição francesa por J. Herculano Pires. São Paulo – LAKE, 2004.

forma, consoante com a visão de um Deus justo e bom, e ainda, das vidas sucessivas.

O fracasso dessa quebra de paradigmas se reflete em práticas e discursos, e no caso discutido aqui, na nossa visão dos espíritos sofredores e da abordagem dada na interação com estes.

A visão do obsessor inimigo, que quer nos derrubar, mascara pela sua polarização as relações de nossas reuniões, nem tão perfeitas e unidas assim, e desses espíritos, desorientados e que sustentam ameaças para esconder as suas fraquezas.

Fiéis a essência do pensamento espírita, enxerguemos o amor como remédio que cura doentes na atividade de obsessão, e não antagonismos que partidarizam grupos, e superestimam nós e eles, quando na verdade somos todos viajores dessa longa estrada chamada evolução.

58. REENCARNAÇÃO, UMA IDEIA LIBERTADORA

A - RELIGIÃO E DOMINAÇÃO

Durante milênios infindos, o homem teve a sua relação com Deus mediada por estruturas sociais de cunho dominador. Estados teocráticos, onde o poder institucional sempre se confundiu com os ministros religiosos, foram (e dependendo do lugar ainda são) a regra.

A doutrina das penas eternas é o arcabouço ideológico que patrocina esta dominação. Vivemos ainda sob o espectro de penas eternas, em um modelo importado do paganismo, onde o céu encontra-se no alto, como o Olimpo dos gregos, como um paraíso materialista, de rios de mel. O inferno situa-se nos lugares baixos, como o Hades da mitologia, rodeado de um fogo que arde e não queima, associado por muitos ao enxofre na credence popular. Conceitos absolutos de destino após a morte, remediados por subterfúgios teológicos, como o limbo e o purgatório, tão artificiais como a Santíssima Trindade e o conceito de Espírito Santo, estranhos ao dito nos evangelhos, mas que visam adequar a lógica as escrituras, pretensamente sagradas.

O Espiritismo buscou romper esses grilhões, em especial na magistral obra "O céu e o inferno", trazendo uma nova lógica do problema do ser, do destino e da dor, ainda que insistamos em adaptar esse modelo a velhas ideias herdadas de mais de 500 anos de catolicismo nas terras de Santa Cruz.

Uma palavra perigosa permeia toda esta relação entre o fiel e a religião, que é o individualista conceito da **salvação**. Este conceito, imbricado do medo do que nos espera na vida futura, faz do inferno e seus habitantes famosos e propalados nas histórias e filmes, na busca de assustar as almas incautas, como se assustam as crianças para não mexer no pote de mel.

Um Deus bárbaro e impiedoso, imagem e semelhança dos seres que são valorizados no mundo, condicionado a preces e favores intermediados por prepostos, na busca de libertar as almas do suplício eterno. E tome indulgências!

Hoje o homem conhece o átomo, vislumbra a grandeza do universo, conhecendo leis e forças que impulsionam o mundo. Mas, acendemos o écran da televisão e vislumbramos espetáculos de crenças no Deus dos Exércitos, com um inferno ardente consumindo uma leva de infiéis. O rompimento destes paradigmas se faz de forma lenta e desigual, não sendo patrocinada por poderes que se beneficiam da subjugação das ideias de penas eternas, que aprisionam mentes nas forças nebulosas do medo, flagelo de nossa época.

B - REENCARNAÇÃO, UMA IDEIA LIBERTADORA

Mas, desde o início da civilização, caminha pelo mundo a libertadora ideia das vidas sucessivas. A reencarnação, crença comum entre os gregos, os egípcios e os Vedas, citada textualmente nos evangelhos por Jesus e defendida por espíritas, Hinduístas e Budistas, traz no seu escopo conceitos que permitem classificá-la como uma ideia libertadora. Libertadora sim, pois permite ao espírito caminhar por si só, sem grilhões que o condenem, em uma visão de justiça e bondade associada a providência divina. Tais conceitos são:

Conceito concreto de vida após a morte: A doutrina da Reencarnação desmistifica ideias de um céu de contemplação ou a espera inerte de um dia do Juízo, construindo um panorama concreto da vida após a morte, mostrando que como no mundo de cá (ou seria o contrário), a vida é eterno movimento e transformação.

Reconhecimento da responsabilidade individual: Ao invés de terceirizar as responsabilidades de nossas mazelas para seres malignos ou para uma antimeritória graça, a ideia da Reencarnação avoca para o espírito encarnado a responsabilidade pela sua salvação (entendida aqui como

crescimento espiritual), fornecendo-lhe os meios para tal empreitada. Ou seja, ao invés de transferir o fardo da vida para outros "a vista", a Reencarnação traz, de forma justa, esta responsabilidade para a criatura humana, "a prazo".

Salvação pela ação individual do espírito: Uma das questões dialéticas das vidas sucessivas, desvendada de forma brilhante na doutrina espírita é que a "salvação", ou seja o progresso, se dá pelo esforço individual do espírito, que só tem sentido no coletivo. Nada vale nos isolarmos na montanha para a melhoria, pois o progresso ocorre na atuação no palco do mundo, no concreto do cotidiano, nos burilando com os nossos pares.

Eliminação de intermediários ou vinculações sectárias: A Reencarnação elimina caminhos exclusivos ou intermediários para o progresso, libertando o homem da dominação da consciência, do atrelamento a grupos ou nações para seu encontro com Deus. O seu progresso está subordinado ao seu burilamento em vidas sucessivas, onde seu esforço construirá um caminho para o crescimento, e a religião não é ponte para condução ao bem e sim ferramenta para a construção desse bem.

Isenção de ameaças e imagem de um Deus justo e bom: Demonstrando que todas as dores do mundo tem sua causa, a reencarnação isenta a criatura humana de ameaças amedrontadoras quanto a ao futuro, que será construído no agora pelo espírito, colhendo o que ele plantou e semeando o seu futuro. Sem medo, cai a dominação. Reforça também a ideia do Deus justo e bom e pai amantíssimo. Jesus, quando fala da Parábola do Filho Pródigo no evangelho, fala muito mais do que o perdão dos pais pelos filhos e sim sobre a grandeza da filosofia da vida, onde o pai sempre deixa uma porta para o retorno de seu filho, consubstanciando bem o conceito de Reencarnação.

C - SE É UM FATO A REENCARNAÇÃO, POR QUE NÃO É UMA CRENÇA DIFUNDIDA?

Essas reflexões nos conduzem a uma conclusão também contraditória. A Reencarnação hoje, após os estudos do professor Hemendra Banerjee, no seu "Vida pretérita e futura", do professor Ian Stevenson no seu "20 casos sugestivos de Reencarnação" e da obra de Brian Weiss em "Muitas vidas, muitos mestres", todos popularizados, é crença difundida pelo mundo.

Após as revelações das vidas sucessivas por meios mediúnicos e pelas revelações da Transcomunicação Instrumental e a adoção da terapia de Vidas Passadas pelos psicólogos, a Reencarnação consubstancia-se em crença amplamente aceita pela força de sua filosofia e de sua cientificidade. Outrossim, formalmente o mundo nega esta crença. Se é tão óbvio, tão claro, tão libertador, por que o mundo nega essa realidade?

O primeiro fator que temos de analisar é a questão do *achismo numérico*. Estatísticas recentes colocam 28% do mundo como Reencarnacionista, incluindo aí os Hinduístas e Budistas. Mas, crer que esses 72 % não-reencarnacionistas, compostos de Católicos, protestantes e Islâmicos, na sua íntegra não crê na Reencarnação, é pouco provável. A religião professada para muitos se apresenta como um fator cultural. Aqui no Brasil, onde Mãe Menininha do Gantoais, a mais famosa ialorixá do Brasil, declara-se católica diante das câmeras, demonstra o desconhecimento das pessoas do que é a sua convicção pessoal sobre o mundo e o que é a sua participação culturalmente em uma religião.

Muitos até acreditam nos pilares espíritas, mas presos aos cultos exteriores, que para eles se fazem necessários, dizem não ser o Espiritismo uma religião (SIC) e sim uma crença, que pode ser compartilhada com outras. Filmes como "Ghost", "Sexto sentido", "Os outros", trataram dos postulados espíritas

de forma séria e ao invés de serem rechaçados por essa maioria não-reencarnacionista, obtiveram altas bilheterias e comentários diversos. A própria representação social de nosso irmão Chico Xavier, demonstra o apreço do povo por essas verdades, independentemente de suas religiões professadas.

Desse modo, não podemos acreditar que em um mundo plural e com acesso a informação que temos hoje, a grande maioria de pessoas acredita que iremos para o céu ou para o inferno. O que existe é um aprisionamento a práticas exteriores, de cunho cultural, que mantém as pessoas nestas outras denominações, ainda que se pensem de outras formas, demandando das crenças a luta burocrática pela preservação das doutrinas. Religião é fator cultural, passado de pai para filho. Nossas festas, nossas datas, nossa estrutura social é fruto e ainda muito vinculada as estruturas religiosas.

Um outro fator a ser analisado é que a doutrina das penas eternas e seu terrorismo com a glória futura, serviu sempre aos interesses das classes dominantes, no seu objetivo de manter os povos no " cabresto", reservando em todas as religiões os conhecimentos mais avançados aos iniciados nas cúpulas do poder. Obviamente, não se patrocinará a ideia libertadora das vidas sucessivas, quando se pode jogar com a esperança das pessoas, através de promessas e vinculações salvacionistas a grupos sectários, que durante a história serviram e se confundiram com o poder institucional. Livros sagrados, mistérios e dogmas incontestáveis ainda permeiam a vida das religiões no mundo e as ideias reencarnacionistas continuam taxadas de subversivas.

As próprias implicações das ideias reencarnacionistas constituem entraves a sua aceitação por muitos, por conta das estruturas sociais. Como explicar a um norte-americano racista do século XIX que ele poderá reencarnar como um negro para trabalhar nas fazendas? Ou como aceitará um nobre inglês que ele poderá nascer plebeu? Na Índia, a ideia da reencarnação recebeu o conceito de castas para aplacar o orgulho das

pessoas, que não aceitariam mudar de posição social. No mundo que valoriza as posses, a posição social, muitos cegos não querem ver que tudo pode mudar, para atender aos ditames do progresso.

D - CRER E VIVER, EIS O DESAFIO

Como o dia que nasce, nos sucedemos neste planeta... Apesar de muitos não acreditarem ou aceitarem tal fato, a vida se perpetua e o amor é a lei. Sim, mais do que acreditar na pluralidade das existências, cabe-nos viver como seres eternos. Vivemos olhando a vida com a ótica da pluralidade, vendo a dor, a doença, a miséria e a morte sob esse novo prisma e não trazer a nossa crença como algo para responder no momento do censo ou na conversa com os amigos. O progresso é a base de tudo. Não o progresso discriminatório que faz do homem europeu superior aos demais e sim o progresso da pluralidade de vivências em diversos povos e situações que nos conduzem a perfeição. Nosso compromisso é com a lei e a lei é de amor. Sob este prisma que seremos interrogados após a morte... E pela nossa própria consciência.

59. A RÉGUA DE DEUS

A avaliação sempre foi uma tarefa complexa para os seres humanos, em especial pelo seu natural grau de subjetividade e pelos jogos de poder a ela relacionados. Apesar disso, avaliamos continuamente as pessoas, as situações, os dias... Sempre na busca de uma ideia, uma representação em nossa mente sobre alguma questão, e que subsidie a nossa tomada de decisões. Essa demanda de se posicionar, de construir uma referência no nosso mundo interior, advém da nossa necessidade de segurança em relação ao incerto e ao exterior, onde nós formulamos juízos que preparam defesas e abrem sorrisos.

Jesus, no evangelho, assevera que com a medida que medirmos, seremos medidos, exemplificando a mecânica da avaliação divina, a "régua de Deus". Entretanto, em um errôneo pensamento inverso, pensamos que seremos medidos pela nossa medida, julgando que a divindade se utilizará de nossa ótica para nos avaliar, crendo ingenuamente que Deus usará a "nossa régua".

André Luiz, pela psicografia de Chico Xavier, no livro *Conduta Espírita*, nos informa que "*não é a posição que exalta o trabalhador, mas sim o comportamento moral com que se conduz dentro dela*". Sabedoria profunda emana dessa sentença, que afirma que a avaliação divina é contextualizada sem ser, no entanto, vinculada a amplitude temporal ou situacional do cargo. O júbilo está na interação coração-coração e não na dimensão da plateia que nos assiste. "*O essencial em seu êxito não é tanto aquilo que você distribui e sim a maneira pelo qual você se decide a servir*", complementa ainda o mesmo André Luiz, a obra "Sinal Verde".

Ou seja, se desconhecidos ou celebridades, a Régua de Deus nos medirá na conduta que apresentamos e não na

relevância do cargo ou da empreitada. Às vezes nos detemos na busca de inaugurarmos hospitais, esquecidos dos necessitados trabalhos que estão em andamento. Buscamos as vezes descerrar placas, esquecendo do verdadeiro envolvimento com as pessoas e com a prática do bem. Cabe sempre lembrar que o saudoso Chico Xavier nos falava da necessidade de querermos encargos e não cargos. O cargo, a evidência, constituem prova para o espírito encarnado, exigindo dele grande sacrifício. Na busca de fazer o bem e colaborar, não podemos nos esquecer que os meios geram conseqüências para os fins.

Não por outro motivo a literatura espírita é farta em pessoas famosas na vida terrena confrontadas a ilustres desconhecidos, que pelos seus méritos galgaram alto nível de elevação em sua encarnação. A carne é efêmera, a Terra é a escola e a conduta reta é a medida, em que pese a nossa era da comunicação de massa exaltar o contrário.

Celebridades ou anônimos, somos todos espíritos em evolução se alternando em papéis na nossa longa jornada evolutiva rumo a perfeição. Amados pelo Pai criador e orientados pelo Mestre Jesus, somos todos, do átomo ao arcanjo, sujeitos aos imperativos da Lei, e dessa forma é que Deus nos verá.

60. A RELIGIÃO DE DEUS

Ainda que saibamos que é religião, em linhas gerais, é uma coisa benéfica, um progresso para a humanidade, nos entristece ver que essa prática social se vê frequentemente arrolada em conflitos entre pessoas, comunidades e nações, servindo como mote da divisão e do poder que explora.

As experiências ecumênicas, valorosas, por vezes descambam para comparações estéreis de visões de mundo e em tertúlias sobre os méritos salvacionistas, desperdiçando oportunidades de entendimento e de fraternidade na frieza do loteamento de eventos e produções gráficas, sobre a égide de isso ser ecumenismo.

Deus, quando nos permitiu se reunir na busca da comunhão com Ele, certamente (perdoem-nos o antropomorfismo) não pensou isso como um instrumento de dissensão. Quantas mortes sangrentas o passado e o presente nos brindam, a luz da religião? Como é contraditório ver o filho de um carpinteiro, que pregava o amor ao próximo, cercado de pessoas humildes, alçado ao madeiro, sendo então convertido em elemento de desagregação e de jogos políticos.

Cristo cósmico, espiritual, divino, salvador... A figura do Rabi da Galileia, imerso na força da dominação e da tradição, converte-se em um sincretismo político-religioso, no senhor dos exércitos, príncipe dos eleitos e provedor de riquezas materiais.

O formalismo, como meio de compensação do caos da incerteza e as formas retas, como amparo e segurança, transformam-se em fins ensimesmados, aprisionando a ideia de Deus em visões deturpadas e interesseiras, que por vezes fazem da religião um clube de interesses econômicos e

políticos, e um index de normas demarcadoras desse mesmo clube, como elemento de exclusão e de poder.

Essa incômoda reflexão nos aparece toda vez que alguém tem dificuldade de entender que o Espiritismo é uma religião, apesar de não se enquadrar pelo no pensamento Kardequiano nesse paradigma de religião. Ou ainda, pelo fato de ser religião, alguns de nossos confrades buscarem introduzir essas práticas reprováveis na casa espírita, por uma questão de isonomia com outras denominações.

Incomoda, pois isso acarreta viver a religiosidade sem refletir nos seus fundamentos, no que existe de mais intrínseco nessa nossa forma de se relacionar com Deus, que deseja a construção de seu reino, pelo respeito as raças, etnias e povo, com justiça e caridade.

Dizermos que somos religiosos é mais do que apenas o formalismo da prática exterior. Cada religião é um portal de comunicação da criatura com Deus, a sua maneira. Como tudo, a religião pode ser instrumento de opressão e dominação, de luta e discórdia, mas também de comunhão e fortalecimento dos laços.

O crescimento do ateísmo detectado nas pesquisas, em especial na Europa, nos leva a refletir se o problema está em Deus, se é que isso é possível, ou se na forma na qual as religiões têm trazido Deus ao mundo, restando as pessoas buscara paz pela negação da divindade.

Graças a Deus, religião como denominação não é sinônimo de elevação espiritual. A religiosidade, refletida na postura de comunhão com Deus, representa essa sim caminhada firme rumo a evolução, ainda que insistamos, por vezes, a conta de nossa influência judaico-cristã, proferir bravatas sobre povos eleitos, imputando a Deus as nossas imperfeições.

61. EM 150 ANOS

Supondo que os Espíritos Superiores que conduzem o destino do planeta Terra resolvessem, em um período de 150 anos, renovar os espíritos aqui encarnados, façamos um exercício mental, um aprendizado pela imaginação e pensemos como seria esse cenário...

Assim, a cada espírito encarnado, a Terra receberia um espírito altamente evoluído, de forma que no espaço de um século e meio teríamos sobre a superfície terrestre somente espíritos iluminados, de escol, criando um processo de regeneração induzida, pela substituição dos atores.

A nova Terra teria habitantes preocupados com as questões sociais, na qual uma criança faminta mobilizaria mais a opinião pública que uma partida de futebol. O saber e a fraternidade seriam exaltados e o respeito, ah, esse seria um valor sentido nas ruas.

O meio ambiente seria preservado de forma consciente, por cada um, e o consumo não seria um fim e sim um meio da vida digna e justa, com os direitos fundamentais a orientar o caminho de cada irmão, e o bem-estar seria uma construção coletiva, de mobilização de todos.

O preconceito, a competitividade, a violência cederia lugar a outras formas de resolução de conflitos, baseados na cooperação e no diálogo. Cada um cresceria em valores e potencial, pensando no coletivo, nos desvalidos, e na criação de coisas que realmente melhorassem a vida humana.

A escola cederia lugar à prisão, o livro preencheria o tempo ocioso e o sorriso campearia as relações, de maneira profunda, de forma que cada um seria tratado como um irmão em humanidade. As guerras se extinguiriam, as armas seriam

aposentadas e a dor, natural da vida humana, seria vista como um instrumento de reflexão, de aprimoramento moral.

Passada a transição de 150 anos, na qual os espíritos mais amadurecidos substituiriam os aqui encarnados, os desafios da vida humana nesse mesmo planetinha azul seriam superados pelo esforço contínuo e integrado de todos, tornando a existência mais afável e mais fraterna. Assim, essa geração nova comprovaria que é possível um mundo melhor.

Utopia? Certamente... Mas, uma utopia que nos ensina que grande parte dos problemas do ser humano encarnado advém da sua conduta moral, de sua falta de amor e da sua imperfeição, tendo a regeneração esperada sentido apenas quando falamos de uma reforma íntima, que construa em cada coração o mundo novo, dado que essa luta é nossa.

A cada dia, como espíritos encarnados no orbe terrestre, somos convidados a fazer diferente. Pelas nossas escolhas, a cada encarnação, a cada dia, a cada minuto, trazemos em nossas mãos e em nossas ideias as possibilidades de um mundo melhor. Podemos, em um novo dia, tornar a Terra regenerada, como o sal da Terra e a luz do mundo.

Em 150 anos, em uma ação radical, com a substituição da escalação atual, poderíamos virar totalmente o jogo. Mas, não é isso que esperam de nós Jesus e os outros espíritos superiores que velam pela nossa comunidade. Eles esperam de nós, sujeitos dessa existência, a mudança que permita a transformação de sombras em luz, pelo expurgo do mal que resiste em habitar em nós.

Ao reclamarmos de Deus, do destino, da natureza, do azar... Lembremos da nossa posição do planeta. Olhemos para fora, para a janela, e vejamos tudo de bom que a nossa civilização construiu, bem como todas as mazelas que nós arrastamos. Superamos distâncias pela internet e ampliamos a expectativa de vida em muitos países, mas amargamos ainda a

fome, a ignorância, a miséria, o preconceito, a guerra, a nos envergonhar na categoria humana...

Quando os espíritos nos falam que nossas maiores mazelas são o orgulho e o egoísmo, eles querem dizer exatamente isso, que romper as mazelas humanas, dentro de nós, fará reformar a Terra, mas de dentro para fora e não com uma intervenção divina.

Não, apesar de nosso exercício mental, Deus e os espíritos superiores não vão nos substituir na Terra, colocando aqui um time de notáveis. O embate é nosso, a ser travado na escola da encarnação. Se quisermos o bem, devemos trabalhar por isso, enxergar que enquanto o mal campear, não seremos plenamente felizes nesse mundo e que isso não implica, no entanto, em nos sentarmos, acomodados, esperando o bem que virá.

A hora é agora, e o momento de agir é sempre e cada minuto é uma oportunidade ganha ou perdida de vencermos as nossas lutas interiores e as batalhas coletivas. Fugir disso é aguardar dormindo o juízo final, um paradigma que Kardec nos deu elementos para superá-lo.

Fora da caridade não há salvação... se reconhece o espírita pelo seu esforço... meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem... A nova era não virá, será construída por nós, e isso, amigos, é mais que uma dádiva.

62. ESTUDANDO O EVANGELHO (*THE BIBLE SAYS*)

Nos áureos tempos do ensino médio, nas aulas de história militar, estudávamos preocupados com a prova que cobrava as batalhas do Brasil Império e colônia, seus detalhes e seus comandantes, com nomes, dados e números. Muita decoreba, pouca reflexão e um aprendizado que ficou dos momentos cômicos de sala de aula, mas pouco do que podemos aproveitar no presente com a história e o com o sacrifício dos que nos antecederam.

Essa visão da história, dos dados decorados, predominou no Brasil no segundo quinquênio do século passado, demorando a surgir uma visão da história que priorizasse o entendimento das relações, das forças sociais e de que forma isso tudo nos ajuda a explicar o mundo como ele é hoje. Penamos, nos bancos escolares, com a memorização de dados e fatos estranhos a nossa realidade, achando que isso seria aprender história. E nos gabávamos desse saber! No máximo, nos preparávamos para um programa televisivo de perguntas e respostas.

Em uma época que exaltamos o estudo da "Bíblia" *in natura, com especial valorização do velho testamento*; em que se tem a descoberta recente do Evangelho de Barnabé, mais um texto que com suas polêmicas recebe alcunhas de apócrifo e abala as estruturas calcadas em textos evangélicos; ou seja, momentos em que os acontecimentos da passagem de Jesus pela Terra (encarnado) voltam com força pela sua verdade histórica às prateleiras e discussões, penso que merece uma singela reflexão a nossa postura diante do estudo do evangelho, sob pena de cair na armadilha dos números e detalhes, do saber por saber.

O que queremos nós, espíritas, do estudo do texto evangélico? Vemos ali um livro sagrado, imutável, valorizado

pela letra que mata e que deve ser estudado e repetido, como o terço e o rosário de outros tempos? Vemos neste uma fonte de estudos dos hábitos e a cultura de uma época, estranha a nós em um mundo moderno, esquecendo-nos da “parte boa” contida nas lições da moral? Ouço as pessoas dizerem que é importante estudar a Bíblia... Mas, por quê? Somente ela, com essa abordagem, dará conta de nossas questões como espírito encarnado no planetinha azul?

Completamos este ano os 156 anos de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, obra magistral na qual Kardec trata do aspecto religioso do Espiritismo, da sua relação com o cristianismo, tendo em suas páginas iniciais estampado que a referida obra trata da “*explicação das máximas morais do cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*”, apontando de forma clara que o foco é o Espiritismo e como ele nos ajuda a entender as máximas morais de Jesus, de forma a nos tornar o ambicionado Homem de Bem, propósito maior.

Nesse sentido, a porta estreita de nos determos em tertúlias sobre detalhes e ocorridos da vida de Jesus e dos discípulos que os seguiram, em que pese seu valor histórico, pode ter um baixo potencial de nos auxiliar na transposição do Reino de Deus para os dias atuais. E ainda, necessitamos, como já advertido pelo próprio Kardec, filtrar a Bíblia, em suas múltiplas traduções, permeadas de guerras e lutas políticas, oriunda de uma história oral e carregada, em especial no velho testamento, de passagens sexistas e contrárias à ciência, que podem nos levar a adotar uma visão restrita disso tudo, convertendo a nossa fé raciocinada na faca amolada da fé cega. Filtrar a bíblia não é interpretá-la a nossa maneira, mas sim entender que o texto, como base de nossas reflexões, padece de interferências históricas e culturais. No Espiritismo, não existe livro sagrado...

No estudo do evangelho, do livro que fundamenta o cristianismo no mundo todo, é preciso mergulhar no espírito

daquelas passagens, entender a mensagem em cada situação, na qual o cristo se usa de parábolas ou de situações reais para exemplificar o que nos servirá para a eternidade. Kardec propôs isso... Interessa-nos essa história vista do alto, no contexto da época e trazido para a nossa realidade. É preciso superar os 500 anos de catolicismo arraigados em nossa alma e entender que o paradigma é diferente, é o da fé raciocinada, do livro que fala mais do que seu texto e de uma religião que rompa mitos e formalismo, como nos deixou o legado Kardequiano.

Na nossa jornada reencarnatória, necessitamos da mensagem do evangelho a iluminar nossa rota, como um farol a nos guiar. Mas precisamos ter "olhos de ver" para enxergar essa luz, lembrando as guerras que a história da humanidade viveu com base em interpretações desses mesmos livros e de que a religião, como forma de relação com a nossa espiritualidade, pode redundar em absurdos, onde a razão precisa nos orientar. Quem não lembra o clássico filme da década de 80, "*Footloose*", onde o texto evangélico serviu como proibição da dança, mas também argumentou para a sua liberação naquela pequena comunidade. Jogos de palavras no qual a fé cega pode se servir... Interpretações literais sobre o que não temos certeza.

Estudos históricos, detalhes da época, nomes de personagens, hábitos de judeus, saduceus e diversos "eus"... Francamente, com todo respeito a essas figuras históricas e seus sacrifícios, estes devem nos servir para algo mais do que decorar a nossa cultura sobre o povo judeu de 2000 anos atrás e o modo de vida no oriente médio, como se falássemos de seres supra-humanos. Kardec, ao falar do objetivo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, reforça que ele trata da questão moral, daquela que se afasta da controvérsia e dos sectarismos e permanece para além dos séculos, e apesar dessa supremacia, demanda estudo e reflexão.

Quando vejo os textos do Novo e do Velho Testamento carregados de pronomes de pessoais em desuso na língua coloquial, como o "Vós", fica claro que isso se deve a uma fossilização do texto, que não pôde ser mudado pelo seu caráter sagrado. Resquícios de uma cultura do texto sagrado, na qual o próprio livro, fisicamente, é cultuado em um altar. Mas, e a ideia... Esse é o cerne dessa discussão, abandonar o formalismo do texto, do fato e avançar sobre a essência, ainda que o primeiro caminho seja mais fácil. Lembremos que a queima dos livros em Barcelona, na época de Kardec, foi visto como uma questão benéfica para a difusão das ideias espíritas.

Leonardo Da Vinci dizia que "(...) *a simplicidade é o último degrau da sofisticação*". Gandhi, em sua sabedoria, nos asseverou no século passado que "(...) *se toda a literatura ocidental se perdesse e restasse apenas o Sermão da Montanha, nada se teria perdido*", apontando que as coisas simples do evangelho são as mais necessárias a nossa evolução. Lembremo-nos de André Luiz no livro *Agenda Cristã*, quando diz "(...) *não viva pedindo orientação espiritual, indefinidamente. Se você já possui duas semanas de conhecimento cristão, sabe, à saciedade, o que fazer.*" Isso não é um abandono do estudo e sim uma orientação da abordagem que ele deve adotar.

Nessa época de valorização da informação nua e crua, do grande acúmulo de dados pelas pessoas em seus equipamentos portáteis, ficamos extasiados com minúcias históricas e suas nuances e esquecemo-nos da vida real, da aplicação daquele conhecimento em um contexto mais amplo. Hoje, posto que com a internet tenhamos uma infinidade de dados ao alcance de nossas mãos, nos detemos em saber muito, sobre coisas e suas superficialidades, e estamos perdendo a competência de discutir e refletir. Navegamos na superfície, nos seus detalhes exteriores e esquecemos a essência.

Da mesma forma, a nossa sociedade valoriza o espetáculo, o bom produto a ser consumido e buscamos mergulhar nas histórias e nos tornamos aficionados pelos nossos personagens, com bonecos nas mesas do trabalho e *posts* nas redes sociais. Fazemos assim com nossos heróis evangélicos, endeusados pelos seus superpoderes, na releitura dos fenômenos de canonização, distantes em um mundo inatingível de fantasia a divertir nossas tardes de domingo.

Não se trata de uma redução do papel de Jesus, para o qual endereçamos, contritos, nossas preces antes de dormir. Citado na pergunta nº 625 de *O Livro dos Espíritos* como o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo; entendido pelas obras psicografadas por Chico Xavier como governador espiritual do planeta, Ele merece ser resgatado desse míope papel de Deus encarnado e salvador propagado pelas religiões, para uma visão na qual seja forte pelo seu legado, pela sua mensagem a se perpetuar na orientação de nossas questões mais íntimas.

Trata-se de fugir do atavismo, de uma divinização de Jesus na busca de cada detalhe de sua vida, como um fã incondicional que coleciona palhetas de guitarras, em posturas que redundam em outros conceitos no plano teórico, como o corpo fluídico e a evolução em linha reta do Cristo, como negações da grandeza do universo e da nossa pequenez nesse contexto. A adoração, como dito no mesmo *O Livro dos Espíritos*, agrada a Deus quando do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal. E isso se dá com estudo e reflexão, com pensamento e ação, no diferencial teológico do Espiritismo, uma herança grandiosa do nosso codificador.

A discussão do evangelho deve ser libertadora, como deve ser o ensino de história nos bancos escolares. Para além de fatos, hábitos e nomes, importa extrair dali o conteúdo para a nossa vivência. Na história, em suas discussões modernas, nos interessa a investigação complexa, atenta a estrutura profunda

dos diversos fenômenos sociais, se debruçando sobre os conflitos, as hegemonias e as contradições, em uma visão de totalidade do evento histórico.

Assim, enriquece-se o estudo do evangelho quando transcende a questão narrativo-explicativa, do fato e seus detalhes e se prende aos valores, a postura das pessoas e aos seus desafios, tudo isso como fonte de educação ao espírito. Para isso, não importa-nos manusear o texto original simplesmente e sim buscar em cada obra no manancial espírita essa sabedoria, em discussões e reflexões.

Por fim, recordo-me dos mercadores da Idade Média, que comercializavam falsas relíquias sagradas, lascas do madeiro de Jesus, e as pessoas, que sem ter a certeza da origem daquele artefato, se apegavam a ele na sua fé cega. Kardec nos oferta em um mundo novo, a fé raciocinada, não no sentido de amplitude da superfície, conhecendo de forma extensa apenas a aparência, mas no mergulho da essência que relaciona o posto, o contexto e as outras realidades, passadas e presentes. Nas palavras de Kardec: *"(...) A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade."*

Queremos ao fim da vida, retornando ao Plano Espiritual, trazer algo mais do que eu trouxe das aulas de história e seus detalhes exaltadores de personalidades. Queremos trazer aquele evangelho vivo, refletido em conduta e pensamento. O "amai-vos" e o "Instrui-vos" não figuram isolados e sim como elementos integrados, no qual estudamos para amar com mais qualidade e amamos impulsionados pelo entendimento da vida e de seus objetivos. Para isso, incumbe-nos saber amar, mas também saber a melhor forma de estudar...

63. FAÇA O QUE JESUS ENSINOU

Seu Galindo vinha andando pela rua, depois de mais um dia atarefado de trabalho. Resolvera cortar caminho pelas entrequadradas, que apesar de mais desertas, o conduziriam mais brevemente ao repouso de seu lar.

Enquanto caminhava, viu no meio do gramado uma pessoa caída. O medo urbano o fazia pensar que aquilo seria uma armação, antecedendo um assalto. O preconceito o fazia pensar que seria mais um ébrio perdido no alcoolismo. O egoísmo, o fazia pensar que ele tinha mais o que fazer e que deveria seguir o seu caminho. Mas, o amor... ah, o amor, esse soprava em seus ouvidos a frase: "*Faça o que Jesus ensinou...*"

Galindo se aproximou do homem caído e viu se tratar de um senhor bem-vestido, possivelmente voltando do trabalho como ele, e que havia sofrido um ataque. Galindo percebeu que o homem estava ainda com seus sinais vitais e rapidamente, pela facilidade de seu telefone celular, chamou a ambulância, que informou que ainda demoraria um pouco a chegar.

Utilizando de seus poucos conhecimentos de primeiros socorros, obtidos em seu período como escoteiro, Galindo procurou liberar as vias aéreas da vítima e buscou aguardar o socorro. Mas uma voz, aquela mesma voz de outrora, soprou de novo em seus ouvidos a frase "*Faça o que Jesus ensinou...*"

Galindo, então, recordando os ensinamentos espíritas, concentrou-se e em oração sintonizou com a espiritualidade superior, aplicando no homem caído um passe, buscando pela sua crença e pelo seu amor no coração passar aquele desconhecido energias benéficas.

Galindo começou a se preocupar, pois o socorro não chegava. Estaria em algum engarrafamento? Mas aquela

mesma voz sussurra em seus ouvidos: "*Faça o que Jesus ensinou...*" e Galindo continua as suas preces, com a fé e a confiança na providência divina.

E então chegou o socorro material, por meio da ambulância e Galindo buscou prestar aos socorristas as informações necessárias. A vítima foi levada então a um hospital, onde pode se recuperar após longo período de internação.

*

Os ensinamentos de Jesus: O amor ao próximo, a oração, a confiança na providência divina; estes têm plena aplicabilidade no mundo moderno. Ainda que tenhamos equipamentos de última geração, que tenhamos alcançado as estrelas, que tenhamos rompido as barreiras do micro e do macrocosmo, ainda se faz extremamente necessário fazer o que Jesus ensinou. A lição ainda não foi aprendida.

64. LOUVAÇÃO

A palavra louvor tem a si associada os verbos elogiar, exaltar, glorificar e vangloriar. São atos que conduzem a divulgação de virtudes ou atos valorizados por um determinado indivíduo ou grupo. A palavra louvor tomou no sentido religioso da expressão "Louvar a Deus" um sentido próprio, onde através de cantos, orações e cerimônias, diversas denominações religiosas no decorrer da história renderam graças as suas divindades, com motivações que passam do escambo ao medo e do orgulho a fé.

O Livro dos Espíritos trata da Lei de Adoração, onde poderíamos classificar o louvor como um dos aspectos exteriores dessa adoração, ou seja, dessa relação do indivíduo com a divindade. Jesus já nos falava dessa questão, ao nos apresentar a parábola do publicano e do fariseu, que exemplifica a relação do homem com as forças maiores.

A adoração entendida como elevação do pensamento a Deus, onde a criatura reconhece a grandeza do criador e com ele cria um elo de ligação e de afinidade, conforme nos apresenta as declarações dos espíritos, fazem do conceito de louvor um pouco diferente do habitualmente aceito. Mas, às vezes não percebemos essa mudança de paradigma...

Nosso entendimento do criador deve abandonar de vez resquícios antropomórficos e se falamos em exaltar e glorificar, não será no sentido da lisonja, pois essas querelas do espírito encarnado não se aplicam a Deus. O exaltar não é focado na divindade e sim no sentido de individual ou coletivamente demonstrar a valorização dos sentimentos que emanam de Deus. O louvor vivo deve ser sempre associado à ação no bem, como corrobora a pergunta nº 654 de *O Livro dos Espíritos*: "*Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal*". Francisco de

Assis, na Idade Média, teve um *insight* que mudou sua existência, fundamentado nessa questão.

Sem fórmulas ou ritos especiais, a pedra de toque é o sentimento puro, a emanção que permita a criatura sintonizar com o criador, independente de fatores sociais, geográficos ou étnicos. A oração como forma mais consagrada de louvor é onde a criatura se liga a fonte criadora, como o raio de luz que atinge as plantas que vivem no fundo do oceano.

Essa mudança no paradigma é importante para a condução do nosso cotidiano, onde preocupados com aspectos exteriores, vivemos presos ainda a ideia de agradar a Deus. Essa carga atávica é muito forte, pois foram séculos da figura divina sectarista do "Senhor dos exércitos". Agradar a Deus é lembrar as palavras de Jesus, quando diz: "*Quando fizerdes a um destes pequeninos, é a mim que fazes*". Qualquer outra parafernália pode se transformar em instrumento de prepostos que se arvoram a ser Deus, com seus caminhos exclusivistas, na longa sina da dominação do homem pelo homem, utilizando entre outros sistemas a religião.

Cantar, orar, louvar, agradecer... Verbos que se "recheados" de sentimento puro, exprimem a nossa comunhão com o mais alto. No momento do testemunho, o pedido. No momento da alegria, o agradecimento. O Espiritismo vem acrescentar a esse binômio, com a pergunta nº 654 de *O Livro dos Espíritos*, um terceiro vértice: O louvor. Louvar a Deus sim, de forma sincera e coerente, no amor as criaturas e ao nosso próximo. Somente com esse louvor sincero e construtivo, integrado e interdependente, construiremos a fé nos testemunhos e a sabedoria nos peditórios. Exaltar o bem é repeti-lo, exemplificá-lo, valorizá-lo. O bem não pode ser tímido... Se algum aspecto formal assumir valor maior no nosso louvor, as expensas de agradar ao nosso Pai, lembremos que o maior exemplo que esse Pai nos enviou nasceu em um humilde estábulo, e que na hora de ensinar a rezar o "Pai Nosso",

cercado do povo, lembrou-nos de "santificar o vosso nome, assim na Terra como no céu".

65. O DEUS DA POLINÉSIA

O humor em toda a história da humanidade teve como propriedade romper estruturas, questionar poderes e permitir ao homem por vezes rir da sua própria tragédia, de suas situações ridículas, típicas da natureza humana, viajar da estrada da evolução. Rir para refletir, refletir para contestar e contestar para agir!

O contexto atual não é diferente. A internet tem servido de canal para mensagens, vídeos e situações engraçadas, algumas replicadas em programas televisivos. Dessas, se destaca recentemente pela sua audiência o "Porta dos Fundos", que nos fornecerá por meio de um de seus vídeos, contando na data de confecção desse artigo com mais de 4,5 milhões de visualizações, uma profunda reflexão no campo religioso.

O vídeo a que me refiro, intitulado "Deus", mostra em seus quase quatro minutos a história de uma jovem que ao desencarnar descobre que o céu correto era aquele suportado por uma doutrina de povos tribais da Polinésia, ilhas retiradas no Oceano Pacífico. Ou seja, que o Deus certo a se acreditar era o "Deus da Polinésia" e como ela escolheu o Deus errado, estava fadada a perdição no fogo do inferno, por não ter se filiado a escola religiosa correta. Assim, a jovem incauta descobre, ante a pilhéria de um caracterizado Deus polinésio, que o fato dela ter seguido os ritos de sua religião, como ir à missa semanalmente, não foram úteis na sua salvação.

Piadas a parte, rimos do absurdo que não é tão irreal assim. A ideia de um Deus certo, de um povo eleito, como caminho exclusivo da salvação, permeia a teologia de crenças predominantes no globo terrestre e comparece de forma incidente em discursos e textos, onde achamos normal tudo isso, rindo ao mesmo tempo do Deus da Polinésia. Afinal, os

polinésios são tão primitivos... E pior, essa ideia vincula a crença e a salvação a práticas exteriores, a filiação a grupos, subordinando a divindade a agremiações humanas ou ainda, a adesão a determinadas ideias.

A dramaturgia portuguesa da era de Cabral, no texto teatral do "Auto da Barca do Inferno" de Gil Vicente, já indicava ao Sapateiro que pergunta ao diabo no momento pós-morte: "*Quantas missas eu ouvi, nom me hão elas de prestar?*", eis que recebe como resposta: "*Ouvir missa, então roubar, é caminho per'aquí*". Sempre perturbou a humanidade, em seus conceitos mais naturalistas de justiça, a ideia de que apenas algum povo nesse "mundão de meu Deus" possuísse a chave da salvação e que o bem proceder não lhe adiantasse de nada. Porém, a religião sempre extrapolou os papéis de ligação com a divindade, servindo de instrumento de poder e de dominação.

Entre as lutas pelo poder terreno e as disputas econômicas, serviu a religião como elemento ideológico que motivou (e motiva) guerras, dissensões, atentados, opressões e toda ordem de ações contra a humanidade, pela promessa da salvação e pelo medo da perdição. Discursos e jogos de palavras, doutrinas e hábitos que formam a identidade de grupos, prometendo a seus membros o paraíso diante das agruras da vida terrestre, tornando a todos obedientes e mantendo a razão distante, isolada lá nos rincões da Polinésia.

Jesus, nesse sentido, foi revolucionário. Ele colocou a chave da vida em amar ao próximo como a si mesmo. Kardec, estudando as palavras do Mestre, indicou de forma ampla que fora da caridade não há salvação. Fórmulas que se aplicam a qualquer tempo, a qualquer local e a qualquer pessoa, independente de crenças, de dogmas, de rituais ou de filiação a grupos. Amar, simplesmente, como se isso fosse de alguma forma simples. E a religião, esta tem nesse contexto um relevante papel de agregar valor à nossa capacidade de amar, para que sejamos reconhecidos como discípulos do mestre por

essa característica. O que fugir disso é acessório, longe do essencial que é invisível aos olhos.

Como assevera também Kardec n' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a ideia do "Fora da caridade" se assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade. Reflete assim a visão de um Deus justo, bom, pai de todos, sem predileções ou povos eleitos. Podemos acrescentar que a visão de evolução e de vida após a morte é uma decorrência da nossa visão de Deus e o Espiritismo, de forma coerente, assim se posiciona. Deuses vingativos, com preferências, defensores de determinados grupos, em um arremedo de antropomorfismo, decantam em teologias salvacionistas e segregacionistas, enxergando irmãos e não-irmãos.

Assim, como espíritas, temos nessa singela peça de humor disposta na internet uma oportunidade ímpar de reflexão, sobre o que trazemos na nossa consciência em relação ao que realmente importa na vida ou se descansamos em berço esplêndido na prática religiosa morna, que iria nos garantir o acesso às benesses do Paraíso. Esquecemos, por vezes, que o Espiritismo nos coloca que a vida é trabalho em ambos os planos da vida e que a criatura constrói seu processo de evolução, no tempo e ritmo definidos pelo seu esforço e pela sua vontade. No Espiritismo, há céu para todos, mas há também inferno, quando alojamos em nós os caminhos para esses estados de espírito.

A filiação a casa espírita, a prática das atividades doutrinárias, tudo isso não nos faz diferentes ou melhores que ninguém. Nos faz melhores que nós éramos se interiorizarmos aqueles ensinamentos. Não temos privilégios e temos amparo, como tem apoio da espiritualidade nossos irmãos da Europa, da África e também, da Polinésia. Assim, nossa religião não nos garante a salvação, mas se apresenta como uma das ferramentas de apoio a nossa evolução como encarnados,

assim como são as outras religiões ou ainda, a família, a escola e tantas outras oportunidades que surgem.

Difícil pensar assim. Afinal, nos esforçamos, vamos à casa espírita toda semana, tomamos o passe, bebemos a água fluidificada. E ainda sim, nada nos garante. Garante-nos, ainda tomando emprestado o pensamento kardequiano, o esforço por uma conduta reta e se tudo isso – água, passe, reunião – não contribuir para o projeto maior do “Homem de bem”, voltaremos as antigas fórmulas de sepulcros caiados, das quais já fomos advertidos há mais de dois milênios pelo meigo nazareno. O Espiritismo traz um novo paradigma religioso, e não apenas uma transposição de práticas de outras religiões, com outros nomes.

Por isso tudo, achamos graça do Deus da Polinésia, de suas exigências ridículas para garantir o acesso ao paraíso. Achamos graça da forma que nós vemos Deus, que não é muito distante da divindade pintada pela genialidade dessa peça humorística, mas que se observada com os “olhos de ver”, pode nos trazer uma reflexão, que de cômica, passa a ser perturbadora, de que a senda da evolução é complexa e que demanda de nós muito mais que fórmulas exteriores, em um compromisso nosso com a divindade, forjado no momento de nossa criação.

66. OS OLHOS AZUIS DE JESUS

Passeando pelas lojas do Shopping Center, observamos várias telas representando a figura de Jesus. Nas revistas do jornaleiro, na locadora, várias representações do meigo nazareno. Em todas essas imagens observamos os olhos azuis de Jesus... Sim, o mestre é geralmente representado nas diversas situações pertencente a uma etnia europeizada, com belos olhos azuis. Que segredos se escondem por detrás desses olhos?

Não existem segredos e códigos ocultos nesses olhos. O que a princípio parece uma questão da forma, traduz conteúdos que se irradiam sobre outros posicionamentos na questão religiosa que adotamos. Que no local onde Jesus nasceu, a Palestina, a aparência europeia não seria possível, isso é óbvio. Até por que se ele fosse tão diferente assim (como um oriental nascido no seio da África pré-colonização), esse fato seria citado ao longo dos escritos sobre a sua vida.

Hoje observamos que Jesus se fez diferente por outros motivos... Mas, no processo histórico de consolidação do cristianismo, como supor que o Senhor dos Exércitos poderia se assemelhar aos povos tidos como inimigos? Como crer que nos dois mil anos de cristianismo, onde a religião perseguida sobe aos píncaros do poder, estimulando guerras e invasões, que o Cristo fosse representado por pintores e escultores em expressão diferente da beleza clássica tão exaltada?

Passaram-se os séculos e a sociedade ocidental imortalizou a figura de Jesus com seus traços nórdicos principescos, na cultura valorizada pelos dominantes e vencedores, depois colonizadores dos países hoje fortes no cristianismo. Das *"fantasias, das ficções e das deformações que nos foram impingidas pelos que se dedicaram, no passado, a inglória tarefa de utilizarem-se do Cristo como peça importante no*

tabuleiro de suas paixões, no qual disputam as maiores fatias de poder transitório" (MIRANDA, 1998, p. 43) surgiu a representação gráfica do Cristo que vemos estampada por aí, carregada da influência dessa ideia clássica do renascentismo.

Esses atavismos, imbricados de pensamentos ingênuos e ainda presentes, como os que pensam que o espírito vestido de branco é um espírito de luz, ou que a beleza física exterior é sinal de evolução espiritual, pois é uma beleza angélica (anjos loiros e de olhos azuis como nos afrescos renascentistas), trazem consequências muito mais profundas para a nossa vivência evangélica do que possamos imaginar.

Essa lógica da forma predominante rejeita a lógica de valorizar o espírito e a essência. Não podemos nos esquecer de que a roupagem carnal é instrumento para a nossa evolução, conforme apresentado no planejamento da encarnação de Segismundo no livro *Missionários da Luz*, de André Luiz, e não reflexo de nossos dons espirituais.

A beleza é culturalmente relativa, como comprovam os estudos antropológicos, e a etnia é parte da nossa roupagem com relativização de sua importância no tempo e no espaço. Nascer negro no período da escravidão é diferente de nascer negro na África dos dias de hoje, em termos de provas e vivências. Essa diversidade é ferramenta de crescimento e evolução e após séculos, vivemos hoje dias de maior tolerância e compreensão das diferenças, e, pelo menos, no discurso as pessoas estão valorizando a nossa essência comum.

Quando, no Capítulo II de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Allan Kardec e os Espíritos superiores falam da realeza de Jesus e do ponto de vista, torna-se claro que a ótica que as questões devem ser observadas é a da vida espiritual. Jesus não era o Rei que todos esperavam e esperam, assim como os valores da vida não são os que valorizamos... Nesse balaio se ocultam conceitos elitistas e salvacionistas que contrariam a lógica da reencarnação e da prática do bem. Essa

deve ser a ótica da nossa vida como espírita. Se procurarmos valorizar os “olhos azuis” em detrimento dos “olhos do espírito”, serviremos sempre as realezas terrenas, desprezando os valores espirituais. Valorizaremos os “megaeventos”, os confetes e os holofotes, esquecendo os dividendos no campo espiritual. Não há beleza maior que o amor. O formato é do campo do mundo terreno, servindo tão somente para a transformação dos espíritos, da essência.

Se os “Olhos de Jesus” eram azuis ou castanhos, negros ou verdes, isso não importa. Tanto que esse dado não se perpetuou nas passagens evangélicas, ainda que tenhamos a necessidade de representar Jesus graficamente. Esses olhos que nos observam permanentemente, com certeza são olhos cheios de um amor incomensurável para os nossos padrões terrenos. São olhos que se enchem de lágrimas quando tratamos uma pessoa pela sua aparência e gastamos a nossa energia em atividades voltadas apenas para o exterior. São olhos firmes que enxergam apenas o espírito endividado que somos, mas que com certeza está fadado acertar nessa nova oportunidade bendita.

Terminamos com a lição do espírito André Luiz, no final do capítulo X da magistral obra psicografada pelo saudoso Chico Xavier, “Libertação”, onde a bela mulher encarnada acompanhada de obsessores ao sair do corpo físico pelo sonho mostra aparência perispiritual tão aterradora que assusta até seus algozes. Lição válida e atual em dias onde a beleza e a aparência tem ocupado cada vez mais as nossas mentes em suas nuvens de transitoriedade. Lição válida para que não olvidemos Jesus, que sempre falou da beleza eterna, da beleza da alma humana, criada a “imagem e semelhança de Deus”.

Bibliografia:

1 MIRANDA, Hermínio C. de – *Cristianismo: A mensagem esquecida*. – Editora O Clarim – Matão, SP – 1998.

2 KARDEC, Allan – *O Evangelho segundo o Espiritismo* – FEB, Rio de Janeiro – 1993.

3 KARDEC, Allan – *Obras Póstumas* – FEB, Rio de Janeiro – 1993.

4 XAVIER, Francisco Cândido – *Libertação* – FEB, Rio de Janeiro, 1984.

5 XAVIER, Francisco Cândido – *Missionários da Luz* – FEB, Rio de Janeiro, 1990.

67. PLURALIDADE

As manchetes de todo o globo estampam a fotografia tirada por uma sonda lançada a Titã, lua de Saturno repleta de gás metano, mostrando a um mundo estarecido a imagem de animais estranhos, similares a águas-vivas, flutuando e se alimentando diante das lentes curiosas do engenho terráqueo.

Não havendo o que contestar, as imagens caem como uma bomba nos países, mesclando comemorações com protestos, alguns violentos, insuflados por comentários de especialistas de toda natureza. Religiões aparecem tentando dar explicações estapafúrdias, cogitam-se suspeitas de fraudes conspiratórias, as bolsas quebram, suicídios e histerias coletivas ocorrem em várias partes do planeta.

Seres pacatos flutuando nas nuvens de metano causam o caos em um mundo egocêntrico, localizado a milhões de quilômetros, diante de uma verdade sabida e negada, que pela sua força causa a quebra de paradigmas e desequilibra os jogos de poder e dominação habituais, onde a ciência mais uma vez muda as relações entre os povos sem pedir licença, dessa vez sem a mordada da fogueira.

A narrativa desses três parágrafos, apesar do seu fundamento científico sobre a lua de saturno e sua composição, é uma obra de pura ficção, fruto da imaginação do autor desse texto. Em uma predição de como reagiria nosso mundo a questão patente da pluralidade dos mundos habitados, nesse universo de tamanho insondável, só resta ao autor um cenário pessimista, de caos e confusão, mesmo diante do óbvio.

Enquanto escrevo essas linhas proféticas, a sonda estadunidense "Curiosity" pousa no solo marciano com sucesso, com um diferencial de que esse artefato busca

estudar o mesmo metano, presente também em Marte, na busca de desvendar as hipóteses de vida no planeta vermelho, hipótese que anima pesquisadores e investimentos estatais, em Marte, em luas do sistema solar e na manutenção de gigantes antenas miradas para o cosmo.

Mas, onde encontrar a vida? A vida se faz presente em nosso planeta em várias condições, formas e tamanhos. Mesmo no calor intenso e no frio extremo, na falta do oxigênio ou de luz, diversos estudos demonstram organismos vivos que se adaptaram e sobreviveram nas condições mais adversas. Ainda que negados, os estudos de Darwin explicam o sem número de fósseis de seres que aqui já viveram, reforçando a pluralidade de formas de vida que abriga a crosta de nosso orbe, hoje e no passado.

Da mesma forma, a cada dia descobrimos uma nova fronteira de nosso universo, nos lembrando que estamos distantes de sermos os maiores, os mais brilhantes ou mais centrais na miríade de galáxias que pululam na lente de cada novo telescópio desenvolvido. Passamos agora a descobrir planetas, encontrando em cada estrela um conjunto de globos que mostram que o nosso sistema solar não é uma aberração e sim mais um sistema entre tantos outros.

Tudo isso demonstra que estamos cada vez mais perto da confirmação do que já sabemos: que não estamos sozinhos no universo! Não adentrarei a casuística dos estudos ufológicos e dos seus sem número de casos inexplicados, no presente e no passado. Deter-me-ei apenas na constatação de que a vida é um fenômeno surpreendente e que não pode ficar restrita a esse pequenino planetinha azul, por uma simples questão de lógica, diante do tamanho do universo e da existência de Deus.

Apesar da grande quantidade de filmes que tratam desse assunto no campo da ficção, percebo ainda que o mundo está distante de um amadurecimento que permita receber a notícia do “dia em que faremos contato” com mansidão. Não é uma

questão de medo de uma invasão, enxergando mais uma vez o homem no alienígena. Trata-se de uma verdade incômoda para as concepções religiosas predominantes, muitas delas ligadas ao poder político, pois estas se fundamentam em deuses encarnados em nosso planeta e povos eleitos do universo, na visão estreita que nos rememora a Idade Média.

O Espiritismo, vanguardista em muitas de suas concepções, incorporou em seu cabedal de ideias básicas a pluralidade dos mundos habitados, consoante com a sua construção doutrinária de um Deus amoroso e a concepção de progresso e da reencarnação. Conforme dito n' *O Evangelho segundo o Espiritismo*: "A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos", rompendo de vez a nossa visão etnocêntrica de se achar o centro do Universo, ainda que isso não diminua o amor de Deus por nós.

Refletir sobre o universo em uma noite estrelada... Ver no firmamento a nossa grandeza e a nossa pequenez. Sentir-nos como um viajante nessa jornada entre vidas e planetas, na busca de conquistar a angelitude. Em cada mundo, uma comunidade, crescendo rumo a perfeição. Não sabemos se nessa encarnação veremos o dia da consagração da pluralidade dos mundos habitados, pelo contato com outros seres, mas esperamos que as descobertas que já vieram e ainda estão por vir contribuam não só para a nossa curiosidade, mas para o entendimento da nossa natureza como espíritos imortais, no universo a caminho da luz.

68. PARA RELIGAR, TEM QUE SINTONIZAR

Em interessante matéria no Jornal Correio Braziliense de 14.04.2006, relevante periódico da nossa capital federal, intitulada "Em busca das ovelhas perdidas", o assunto em tela era uma pesquisa realizada a pedido da CNBB-Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, constatando a evasão nos últimos dez anos da religião hegemônica no Brasil, o catolicismo, para as fileiras das religiões evangélicas, em especial para a Igreja Universal e a Assembleia de Deus. Conforme escrito na matéria, *"As principais conclusões da pesquisa, feita em 2004, são as seguintes: cai o número de católicos no Brasil, aumenta a quantidade de evangélicos pentecostais e cresce o número de pessoas sem religião"*.

O levantamento ouviu 2.870 brasileiros em 62 municípios e 22 capitais, mais o Distrito Federal. Segundo este, entre os motivos apontados para mudar de religião pelos ex-católicos, 35% dizem que saíram da religião por discordarem dos princípios do catolicismo e 33% das pessoas vindas do grupo "outras religiões" (hinduísmo, budismo, umbanda, Espiritismo, testemunha de Jeová, Vale do Amanhecer e mórmon) se dizem insatisfeitas com as pregações. O acolhimento aos fiéis e o conforto a eles na hora da dor foi também uma das constatações para mudança da religião, expresso na reclamação do distanciamento dos padres.

O artigo também comenta dados do IBGE, onde entre as religiões mais numerosas, os espíritas apresentaram os melhores indicadores, tanto de escolaridade (98,1% são pessoas de 15 anos ou mais de idade alfabetizadas), como de rendimento: 8,4% deles ganhavam mais de 20 salários-mínimos, enquanto para o total da população, apenas 2,7% tinham esse rendimento. Entre aqueles que ganhavam até um salário-mínimo, os espíritas tinham a menor proporção (7,9%).

Já os católicos apostólicos romanos e os evangélicos, registravam as maiores proporções (26,3% para católicos e 23,5% para evangélicos).

Fazendo uma conceituação dos dados colhidos da matéria, podemos considerar sem sombra de dúvida que vivemos um mundo de medo e perplexidade. É o chamado Mundo pós-moderno, onde as mudanças são tão ciclópicas, que quando algo se estabelece, já logo está desatualizado e obsoleto. Esse período também se caracteriza pela facilidade das comunicações em tempo real, fazendo com que em nossa casa cheguem todos os acontecimentos do mundo, confrontando culturas e quebrando paradigmas. Esse panorama de conflitos e mudanças constantes gera em todos um sentimento de insegurança, de busca de um apoio que o homem sempre encontrou na religião.

Religião, aquela que religa o indivíduo a Deus, ao absoluto, a certeza obtida pela fé. Nessa era de incertezas, a religiosidade deveria aumentar, o que contraditoriamente faz diminuir, aumentando o número dos sem-religião. Analisemos os dados apresentados.

O nosso país é culturalmente um país religioso e os povos compuseram a formação do nosso povo, como os portugueses, indígenas e africanos, traziam uma grande carga de religiosidade. Entretanto, o modelo hegemônico de religião formal e carregada de ritos exteriores começou a se esgotar e se tornar insuficiente, com as mudanças da pós-modernidade. Essas mudanças aumentaram a demanda por igrejas mais próximas do homem, com a "salvação" ao alcance de todos, resgatando a proposta de Lutero, onde essas dúvidas pudessem ser aplacadas pelo crer incondicional e pelo "calor" com aqueles que aceitavam o mesmo salvador.

Esse acolhimento, esse clima fraterno e *de "grupo-forte-que-vence-o-mal"* foi um grande chamariz para aquelas pessoas que tinham com a religião aquela relação vazia de

não-praticante, evidenciando esta afirmativa nos dados apresentados na matéria sobre o aumento dos evangélicos. Mas, muitos desses, encontrando apoio em outras formas de relação como a psicanálise, a programação neolinguística e a autoajuda, desiludidos dessas relações de dominação ideológica e práticas patrimonialistas contidas em algumas religiões, passaram a se denominar sem-religião. É aquele famoso grupo do "ateu não, à toa". E ainda que muitos tenham uma conduta ética exemplar, outros desse grupo introjetaram de maneira incondicional os valores da sociedade de consumo, fazendo de sua vida uma louca escalada baseada em premissas materialistas.

Em que pesem as explicações sociológicas para os fatos, uma mensagem oculta se faz nessa pesquisa para todas as religiões. No caso particular do Espiritismo, evidenciado pelo artigo como uma religião de pessoas mais instruídas e de melhor condição financeira, não nos preocupa essas mobilidades religiosas, pois sabemos que no dizer de Chico Xavier, *"o patrão é o mesmo, só muda o guichê"*. Também não nos assola a responsabilidade de traçar estratégias a nível macro para obtenção de fiéis, prática já abominada pelo codificador. Preocupa-nos os dados apresentados que nesse mundo pós-moderno, esse perfil de escolaridade elevada possa estar refletindo na frieza das nossas relações na casa espírita. Aquela mesma insegurança do fiel de outras religiões abate o frequentador de nossa casa, habitante encarnado do mesmo planeta Terra e a Casa espírita, lugar de estudo e trabalho no bem, não pode olvidar o abraço fraterno e a palavra amiga. Ainda que não tenhamos prepostos, como padres e sacerdotes, cada frequentador é corresponsável pelo clima de apoio fraterno da casa, ainda que exista esse serviço de forma organizada na maioria das casas espíritas.

Por vezes nos ocupamos de temas de extremo valor científico, mas esquecemos de religá-los a vida cotidiana e a dúvida existencial dos ouvintes. Se falamos das galáxias, temos

que chegar até o trabalho assistencial, fazendo o elo entre o átomo e o arcanjo, para que não tenhamos ritualismos ideológicos, valorizando mais o saber do que as pessoas. A casa espírita também é nossa casa, é um espaço onde na oração e no trabalho tentamos ser um pouco melhores e mostramos um pouco do nosso melhor, em um exercício permanente de fraternidade.

Esses movimentos de mudança de denominação são frutos de mudanças sociais, das mudanças do mundo refletidas nas pesquisas que indicam outras demandas e necessidades. Mas a nossa lógica deve ir além da comparação entre as denominações, uma tentativa de *benchmarking*⁶ religioso, atentos sim aos avisos contidos nesses dados, que indicam um desamparo das pessoas diante do futuro, das questões cruciais da filosofia: “De onde vim, o que sou, para onde vou”, que a Doutrina espírita soube responder com tamanha maestria. Mas essas verdades precisam estar envolvidas, sintonizadas com o público e apresentadas com fraternidade, como um belo diamante apresentado em uma exposição e não arremessado, ferindo a quem ouve, lembrando a famosa metáfora de Emmanuel sobre a verdade.

6 Benchmarking – Conceito de marketing, significando o processo por meio do qual uma empresa adota e/ou aperfeiçoa os melhores desempenhos de outras empresas em determinada atividade.

69. TRONCOS

Da minha residência para o trabalho percorro diariamente o famoso Eixão Sul da Capital federal, uma reta de 8 km banhada pelo céu de Brasília. Nessas manhãs secas e primaveris, observo as frondosas árvores à beira da estrada. Suas copas, desfolhadas lembram uma grande raiz, espraiada pela atmosfera para absorver dali o oxigênio necessário a fotossíntese.

Da mesma maneira, sem me descuidar da direção, imagino a grande raiz que sustenta aquele ser. Espraiada pelo solo, além de garantir o equilíbrio físico a árvore, permite buscar os nutrientes do solo e a água infiltrada das chuvas. Atento aos limites de velocidade, vejo que entre essas duas antenas, copas e raízes, a absorver de cada ambiente o seu alimento, figura o tronco, como síntese robusta desse ser híbrido, com o pé no chão e os braços no ar. Nascidos de uma pequena semente no solo, caída do céu.

Mesmo dirigindo, é impossível não pensar como essas árvores se assemelham aos espíritos encarnados na Terra. Sínteses de contradições que vivem no plano material e dele necessitam tirar suas necessidades, mas que pela sua natureza híbrida demandam bênçãos celestes do plano espiritual, em eterno intercâmbio. Nascidos de uma semente vinda da espiritualidade, que floresce na terra do mundo corpóreo, como troncos os espíritos encarnados, aglutinam essa vivência, entre a terra e o céu, um pouco cá, um pouco lá. Como as árvores a beira do caminho, possuem grandes instrumentos de captação, na copa e nas raízes. Tudo é necessário: O sol e o oxigênio, a água e os sais minerais. Como troncos robustos seguem os espíritos.

O Eixão Sul já está chegando ao fim. Já diminuem as árvores e aumentam os prédios, lotados de pessoas-troncos,

na luta cotidiana, muitas vezes esquecendo de suas folhas e flores, detidos apenas nas suas raízes, ignorando as oportunidades de fazer sínteses. Apesar de Jesus, o sol que brilha em nossa vida e de tantas outras estrelas que foram ofertadas a vida da humanidade, apesar do vento que beija as nossas folhas, das aves e insetos que auxiliam a nossa polinização, com medo dos destinos do vento, nos prendemos as raízes, firmes no solo. Não somos só raízes, não somos só copa. Fica a lembrança da frase "viver no mundo sem ser do mundo", ou seja, ser tronco...

Acabou-se o Eixão, viro para a Esplanada dos Ministérios. Vou cuidar das raízes, mas não posso esquecer-me da copa frondosa, de ser um tronco forte, nos moirões da humanidade. Não posso me esquecer de gerar flores e sementes, para no solo florescer novamente a vida. Assim nos quis o Senhor da vida, crescentes e híbridos, amando e evoluindo. Sínteses de luz...

70. UM DIA DE BUDA

Fruto de um acidente doméstico, Aristeu teve parte de seu corpo queimado. Foi grande a dor na hora e insuportável depois, entre bolhas e o medo da infecção, além do estigma das cicatrizes.

Aristeu, que levava uma vida pacata e tranquila, se viu às voltas com os efeitos daquele acidente doméstico, que mobilizou família e amigos na assistência ao bom companheiro. Após o atendimento emergencial, restou a ele dar continuidade ao seu tratamento em um hospital especializado em queimados, onde dia sim e dia não ele seguia o rito de pomadas e de unguentos, na troca de curativos sob o olhar atento dos profissionais de saúde.

Na fila de espera, na antessala dos ambulatórios, Aristeu observava atentamente que havia casos piores que o seu. De cada dor, de cada caso narrado, descobria o sofrimento de seu irmão desconhecido, que ele ignorava no conforto do seu lar, vendo o mundo e suas agruras apenas pela tela da televisão.

Assim seguiu o tratamento de Aristeu, que tratou seu corpo e a sua alma, que foi-se iluminando à medida que via no olhar do seu irmão dor maior do que ele jamais imaginava sentir. Nas queimaduras cicatrizadas nasceu uma nova pele. No seu espírito, regenerado, nasceram novas convicções e visões de mundo.

*

Assim, nos isolamos do mundo, longe de suas realidades, e quando o destino nos empurra para fora dos muros de nossos palácios, nos defrontamos com a doença, a morte, a pobreza e toda sorte de provações.

A ideia de nos pouparmos do mundo, de seus desafios, nos impede de crescer. Preferimos o paraíso da redoma, crer que o mundo é uma propaganda de refrigerantes, com jovens sorridentes, para se debulhar em lágrimas nos dramas das telenovelas, concluídos com um apertar de botões.

O mundo não é só dor e sofrimento... O mundo não é só alegria esfuziante... O mundo é um mosaico de histórias e desafios, de sorrisos e lágrimas, que nos conduzem a um processo de amadurecimento como espíritos, na bendita escola que chamamos de planeta Terra.

Negar a dor do próximo não nos isenta do compromisso com os nossos irmãos. A chaga mais proeminente nos dias de hoje, o individualismo, nos leva ao isolamento em castas econômicas, nas quais ignoramos os desafios alheios e deixamos de aprender com isso.

Essa discussão nos conduz a uma profunda reflexão de como conduzimos nossos trabalhos assistenciais na seara espírita. Que indicadores estabelecemos para classificar esses trabalhos como satisfatórios? Seria a quantidade de bolsas distribuídas? O volume de recursos arrecadados? Será que esquecemos nesse sentido o valor da troca, do olhar, do abraço? A importância do trabalho no bem está no aprendizado profundo do abraço que damos no nosso irmão em dor!

Em hipótese alguma defendo aqui o turismo da caridade, emblemático na visita as comunidades cariocas pelos estrangeiros, como um safári da pobreza. Defendo a nossa interação interventiva e pessoal no trabalho do bem, de forma a falarmos e ouvirmos, nas visitas a hospitais, orfanatos, asilos e toda sorte de instituições que concentrem pessoas necessitadas, tanto quanto nós necessitamos de ouvir aquela palavra de resistência e luta, diante das provas mais agudas, que virão ou nos atormentam.

Sidarta Gautama, o Buda, criado no luxo e na opulência, teve a sua iluminação ao sair de suas suntuosas dependências

para encontrar as dores humanas. Aristeu também nasceu de novo, reformulando a sua disposição diante da vida. De cada experiência, de cada dor, colhemos o aprendizado, mas ofertamos também a palavra amiga e o sorriso de esperança, em um exercício permanente de amor, na interação com o próximo.

A nossa iluminação se faz quando rompemos as paredes que nos isolam do mundo, no encontro do próximo. Às vezes, precisamos de dias de Buda para refletir sobre essa realidade. Precisamos trabalhar o nosso coração, torná-lo robusto no amor, um exercício que se faz no encontro com o outro, na alegria e na tristeza.

71. LIÇÕES DA PRAIA

Criado no Rio de Janeiro, como criança tive meus primeiros contatos com a praia acompanhado de meus pais... E foram muitos “caixotes” e tombos, para aprender a navegar de forma segura no imenso mar.

Agora, passados mais de 30 anos, levando a minha filha de 7 anos para a bela praia da Barra da Tijuca, debutando esta nas ondas e nos “caixotes”, vêm à minha mente as lições que meu pai me deixou nas vezes em que estive na praia, lições de procedimento e segurança, que repasso agora atenciosamente a minha filha.

Lições simples, que servem para a praia, mas que servem também para a vida de encarnado no planetinha azul. Parafraseando a ideia da bela canção, que diz que a “vida vem em ondas, como o mar”, vamos tentar estabelecer alguns paralelos dos conselhos paternos para a segurança no mar e a nossa existência terrena.

Boca fechada – A primeira dica paterna foi essa. Diante das imprevisibilidades da onda, a boca fechada nos mantém protegidos de beber água salgada, situação indesejável. Na vida encarnada, penso que devemos pensar no que falamos, via de regra cultivar o silêncio, mas também ter a coragem de abrir a boca quando necessário. Na água, diante do perigo da onda que se avizinha, vale a pena avisar o amigo e com isso romper a regra de não abrir a boca.

Pernas abertas – Uma base forte se obtém com o afastamento das pernas e que nos mantém, mesmo no mais raso, seguros quanto a eventuais choques de ondas, especialmente em momentos de distração. Uma base firme, que nos sustente nos momentos difíceis da vida, deve ser construída pelo esforço cotidiano. Diante das ondas que

assolam a existência de todos, mais cedo ou mais tarde, somente com uma base forte nos mantemos de pé.

Olhe sempre para água – É de lá que vem as ondas... Esqueça os parentes, os vendedores, o vôlei e as demais atrações da areia. Mantenha, via de regra, seu olhar na água, e não serás surpreendido. Na nossa existência, temos que focar a atenção no que é importante em termos espirituais, naquilo que pode nos derrubar, mas também nos traz prazer, como a onda que nos permite “pegar jacarés”, rir e se divertir.

Fique na linha dos outros banhistas – Um indicativo de segurança que meu pai me trouxe como dica era observar se haviam outros banhistas na mesma linha de afastamento da praia, compartilhando a percepção de riscos, para verificarmos se estávamos em algum risco. É importante saber como as outras pessoas enxergam determinadas situações, para sopesarmos, na vida, as nossas impressões de determinados cenários, fugindo a ilusões.

Cuidado com a corrente – Essa, a cada onda, nos puxa para o mar. Assim, na vida, após alguns traumas, somos levados pelas correntes da tristeza e da desilusão para o mar da depressão. É preciso resistir, nadando paralelamente a praia para fugir desse caminho, contando por vezes com a ajuda dos amigos.

Atento sempre – Praia é diversão, mas não é brincadeira. Atento sempre ao movimento das ondas, as pranchas, as ondas, aos buracos. O hábito de ser cioso, de se preocupar demonstra maturidade na vida e nos garante a alegria com responsabilidade, levando a nossa existência de forma produtiva.

Meu pai deixou uma lição que repasso aos meus, que serve para a vida nesse balneário carioca, sempre ensolarado, mas que também serve para a vida como espírito, levando a vida “como uma onda no mar”.

72. LÁ NO SERTÃO DE GOIÁS

Clássico na voz de Tonico e Tinoco, sucesso da música caipira desde a década de 40, a canção "Chico Mineiro" narra, de forma poética, a história de um homem que descobre, que seu amigo e subordinado era na verdade seu legítimo irmão, apenas após a morte deste. A bela música, cantada até hoje nos programas de televisão de música raiz, traz em si um grande ensinamento, como veremos nesse artigo.

O Evangelho segundo o Espiritismo, em seu Capítulo XIV- "Honrai vosso pai e vossa mãe", no tópico cinco, nos fala da passagem evangélica na qual Jesus pergunta: "Quem é *minha mãe e quem são meus irmãos?*", trazendo as considerações de Kardec sobre a parentela física e a espiritual. Entretanto, a lição traz outras reflexões, não explicitadas, apoiadas pela história do Chico Mineiro, ocorrida lá no "sertão de Goiás".

Relembramos que na visão reencarnacionista recebemos na família amigos e inimigos de outras existências, no cadinho depurador do lar, como mecanismo de evolução espiritual. Disso não temos dúvida, como ideia que reforça o nosso compromisso com os que conosco dividem os laços genéticos.

Entretanto, assim como Jesus perguntou sobre quem era seu irmão, a interrogação vagueia nossa mente, na reflexão de que a necessidade de fazer o bem não deve se circunscrever ao lar. A fraternidade não pode ser restrita a uma visão corporativista de ajudar apenas aqueles que ostentam nosso sobrenome.

Não falamos de abandonar os compromissos familiares, e sim que o amor é uma força que se expande, sem muros ou barreiras. E constitui uma força que se reproduz. Quantas vezes em nossa vida precisamos amar o próximo mais distante, para aprender a amar nossos familiares?

O fato é que o amor somente pelos familiares não basta. Faz-se necessário expandir esse sentimento, pois pela lei divina da reencarnação, as famílias se mesclam, por força dos laços construídos nas encarnações, nas lutas cotidianas, pela amizade e pelo casamento, assim como pelo ódio. Como disse Jesus, não sabemos quem são nossos irmãos. Ou quem será. Resumindo, importante termos em mente que somos todos irmãos e a reencarnação torna isso uma verdade concreta.

Por isso, o fato de ser citado na letra da música o espanto do boiadeiro ao saber que o Chico Mineiro era seu legítimo irmão demonstra como estamos distantes desse ideal de fraternidade universal, de enxergar em cada indivíduo encarnado, independente de etnia, raça, nacionalidade, um irmão.

O nosso irmão é nosso próximo. Quando perguntaram a Jesus quem era o nosso próximo, ele respondeu com a bela Parábola do Bom Samaritano, mostrando que o próximo é todo aquele que necessita de nosso concurso, nas batalhas da vida, para além de denominações temporárias.

Esse amor fraternal é que dá liga, como um visgo a unir a humanidade. O Amor fraternal é o sentimento de responsabilidade e cuidado por qualquer outro ser humano e como dito pelo escritor Erich Fromm, no seu interessante "A arte de amar" (1966), esse tipo de amor caracteriza-se pela falta de exclusividade, pela solidariedade.

Assim, queremos mais que um milhão de amigos, queremos um mundo mais irmão. Entretanto, irmão não é quem comunga a nossa ideologia, é sim todo ser criado por Deus, nosso Pai. Jesus nos lembrou disso em várias passagens, ao afirmar o amor ao próximo como o mais importante de tudo.

Os versos de Chico Mineiro continuarão sendo entoados, como bela canção do repertório nacional. Porém, ao ouvirmos seus acordes, nos lembraremos também que, como espíritas

temos consciência de que os que nos cercam são nossos legítimos irmãos, companheiros na viagem que chamamos de existência.

73. GRAÇA, MÉRITO E OUTROS ASSUNTOS AFETOS AO AMOR DIVINO

Por conta da conclusão do ensino médio de pessoa próxima, compareci a um culto ecumênico, no qual houve espaço para a fala dos diversos segmentos religiosos representados. Nestas, destacou-se uma que tratou da temática da graça, como caminho de salvação e de redenção da criatura humana, a despeito de sua conduta ou dos conceitos mais elementares de justiça.

Defendeu o companheiro, em um discurso conhecido de outras plenárias e atores, a visão de uma salvação que viria pela fé, independente das suas obras. Fé em um conceito difuso, que mistura um sentimento íntimo e de superação com uma crença específica em determinada entidade, no caso Jesus. Uma dita salvação dos filhos de Deus que nega aspectos geográficos e históricos, distribuindo bênçãos de forma segregadora e não universalizante, como uma loteria salvacionista.

De Lutero as indulgências da Idade Média, essas ideias e discussões são antigas, imbricadas nos velhos jogos entre a religião e o poder formal. Surgem às vezes travestidas com roupagens do novo, perambulando por aí, nos discursos, nas ideias sedutoras de sermos salvos por uma opção momentânea, ignorando a grandeza do que pensamos ser uma vida eterna. Causa-nos espanto, mas são posturas concretas e que se materializam em situações tragicômicas do bom ser tomado pelo mau, na desconsideração da sentença cristã que se reconhece a árvore pelos frutos.

Instigante discussão esta, que pode aplacar consciências ao justificar os atos mais reprováveis, dissociando, de forma lamentável, a ação, a intenção do espírito encarnado e o seu

destino futuro, subordinando essa vinculação a crenças determinadas, ao humor divino, em um movimento que fortalece os sectarismos, as lutas e as politicagens que pululam na história das religiões.

Dependeríamos, nessa ótica, da graça, como um bem imerecido, um dom gratuito que Deus concede à humanidade, motivado pela sua misericórdia, em situações que, apesar de parecerem sem lógica, são regidas por regras implícitas, como a fé ou a adoção de determinados ritos, que fariam esse Deus sorrir para nós.

Aí, surge o “pulo do gato” de Kardec e dos espíritos da codificação. A proposta espírita é diferente! É uma proposta que conjuga a ideia de mérito e a de misericórdia. Alia justiça com amor...

Mérito na Lei de Ação e Reação, na necessidade de reparação do ato que prejudica o próximo pelo próprio autor, na sementeira livre, mas que tem a colheita obrigatória, Lei de “causa e efeito”, pela qual erramos e aprendemos. Segundo Emmanuel, “*Jesus a ninguém prometeu direitos sem deveres*”⁷. Ideias estampadas nas próprias obras espíritas, nos romances e narrativas do plano espiritual e que elevam a ideia de justiça a outro patamar.

O mérito é pedagógico, permite ao espírito aprender e crescer, com erros e acertos, tornando factível o conceito da vida eterna. Não importa nesse sentido o punir e sim o crescimento, a luta, na justa interrogação de *O Livro dos Espíritos*: “*Onde estaria o merecimento sem a luta?*”⁸

7 *Caminho Espírita*, psicografia de Francisco Cândido Xavier. Espíritos Diversos.

8 *O Livro dos Espíritos*, Pergunta 119.

Entretanto, Deus é amor e assim também é a sua Lei... O que seria de nós sem a misericórdia divina? É necessário compreender a fragilidade da criatura humana, e a sua luta para superar seus desafios diariamente. A obra evangélica transmite essa compaixão em várias passagens, nas quais Jesus mostrou que conhece bem a natureza do espírito encarnado, suas fraquezas e possibilidades.

A palavra misericórdia vem da fusão das palavras *miserere* (ter compaixão), e *cordis* (coração), ou seja, um novo olhar da realidade com amor no coração. "A *misericórdia é o complemento da mansuetude (...) Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas*⁹." Amor com equilíbrio, pois o perdão das ofensas não implica em abandonar o conceito de justiça e a ideia de que o espírito necessita aprender para crescer.

O psicólogo Erich Fromm tratou bem da questão dessas duas grandezas, quando se referiu ao equilíbrio entre o princípio paternal e maternal, representado o segundo pelo amor incondicional, sem recompensas, e o primeiro pelo amor em razão dos próprios méritos¹⁰. Deus tem os dois princípios em harmonia. Ama seus filhos incondicionalmente, mas exige deles compromissos com o seu crescimento espiritual, na medida de suas capacidades. Esses princípios permeiam toda a evolução da humanidade!

A graça, por esse prisma, seria fruto de um Deus carente, sequioso de servidores para adorá-lo, como eram os deuses da antiguidade que inspiraram alguns desses paradigmas. Voltamos aos deuses antropomórficos! Essa visão teológica tornaria valores como respeito ao próximo, trabalho e justiça sem sentido. O mundo seria um paraíso da inação, com todos

9 *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

10 *A Arte de Amar*. Erich Fromm. Editora Martins Fontes.

a espera dessa graça, como ocorreu concretamente na Idade Média, em espetáculos de hipocrisia e de miséria moral.

Não se trata só de uma questão de justiça, de punir, e sim uma questão de pedagogia, de evolução, de crescimento e aprimoramento, como necessidades intrínsecas do espírito. Que graça teria sermos criados apenas para acolher um caminho que muitos não tem acesso, para sermos salvos de um pecado que não cometemos, por circunstâncias ao bel prazer da divindade?

Assim, no paradigma espírita, para todos é possível crescer, nas diversas roupagens reencarnatórias, e esvaziam-se instrumentos de poder e caminhos exclusivistas, pois a justiça e o mérito se fazem para cada um, mas tem como fiel da sua balança o amor, a misericórdia divina, que com seus múltiplos acréscimos, nos conduz diante das provas duras da existência, para a cada dia recomeçar.

O Espiritismo, como se propõe a ser uma doutrina libertadora, de amadurecimento e evolução de espíritos, nos aponta o crescimento espiritual pela construção de nosso caminho, com os outros, convivendo e vivendo, amando e sendo amado, errando e tentando acertar, mas sob o olhar de um pai amoroso, que vela por nós, ajudado por outros espíritos como nós.

74. O HOMEM PARA ALÉM DO TRABALHO

O repouso repara as forças do corpo e é também necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, para que se eleve acima da matéria. (O Livro dos Espíritos, questão 682)

O título desse artigo é oriundo de uma disciplina que cursei na minha licenciatura em Pedagogia. A disciplina, em especial, foi muito interessante e tratava do trabalho alienado e da humanização das atividades laborais. Apesar do tema descrito, o nosso enfoque aqui será outro.

Não falaremos do trabalho alienado e sim da alienação por conta do trabalho, fato comum em uma época que, a despeito de toda a tecnologia e equipamentos, não dispomos de tempo livre para nada e quando conseguimos um ócio, para o lazer e para a família, esse ainda tem que ser de alguma forma “produtivo”.

O trabalho tem tomado muito tempo de nossa vida. Na busca da clamada qualidade de vida, que pode ter gradações infinitas em uma sociedade onde o consumo é a lógica, derrubamos do topo de nossa tabela de valores Deus, a família e até a saúde, alçando ao cume o trabalho.

Trabalhamos arduamente durante o dia e a noite trabalhamos em outro emprego, ou estudamos para trabalhar mais. No fim de semana, ficamos com coisas do trabalho. Continuamos em um ritmo frenético, em uma loucura que só é superada pela nossa ânsia de consumir. Toda essa correria ciclópica nos conduz a divórcios, problemas de saúde, problemas com os filhos e tantas outras mazelas que na economia divina aparecem no final do balancete como saldo negativo em nossa vida.

Temos esquecido a singeleza do ensinamento do adágio postado em tantos caminhões e adesivos de carro por aí: *"nenhum sucesso no trabalho compensa o fracasso no lar"*. É de uma sabedoria muito grande essa frase, além de uma impressionante obviedade. É preciso tempo para conviver, para viver em conjunto. A convivência é o combustível da família, que permite o diálogo fraterno como lubrificante das relações.

Entretanto, insistimos em esquecer a convivência e abrimos o nosso coração a outros chamamentos. Penso que toda essa problemática se encerra no conceito que temos de felicidade. Essa é uma discussão complexa, até por que Jesus asseverou que a felicidade não é deste mundo, tratando-se de uma discussão para nós ainda, digamos assim, alienígena. Mas é uma discussão necessária, pois ela é a bússola que nos indica os caminhos terrenos.

O Livro dos Espíritos, de forma tão simples como a frase citada anteriormente, elucida a questão na pergunta n.º 922, quando perguntado se existe *alguma* soma de felicidade comum a todos os homens. Observem a singeleza e ao mesmo tempo a profundidade dessa resposta:

"Com relação à vida material, é a posse do necessário. Com relação à vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro."

Ah, falarão muitos; "– Mas o que é o necessário para você?" Outros dirão ainda: "– Quem tem a consciência tranquila?" Alguns outros falarão: "– Como ter fé no futuro no mundo da incerteza." Questões que interferem no nosso conceito de felicidade...

Tudo isso é verdade, o que reforça o caráter relativo da felicidade terrena. Mas, os espíritos ali nos indicam sentidos, direções. Quem não tem o necessário, sabe bem o que é a falta dele. Sempre teremos uma necessidade a ser satisfeita, se não dermos um limite para elas. A paz na consciência não é a ausência de máculas e sim o entendimento da nossa condição de espírito na caminhada. E quanto à fé no futuro,

Deus nos dá provas diárias de estamos em seus braços. Justificativas carecem de reflexões.

Esses pressupostos do que entendemos por felicidade nos conduzem a essa desenfreada corrida para trabalharmos pela alimentação de dois monstros insaciáveis: o nosso ego e a nossa ambição. Essas duas caixinhas são um poço sem fundo. E a razão cara e exótica que elas gostam é do dinheiro. Dinheiro que puxa os bens, que puxa a evidência e que termina, por vezes, a ser um fim em si mesmo em nossa vida. Ser feliz é ter e não ser.

É importante termos bem firmes a nossa visão do mundo, da vida e da felicidade, para aí construirmos a nossa tabela de valores. Somente assim encontraremos sentido na vida para além do trabalho. Que o trabalho e a realização profissional são fontes de felicidade, isso não resta dúvida. Mas, essa felicidade tem que encontrar eco em outras formas de realização. A pretensa justificativa do trabalho na busca da posse do necessário não pode afetar a nossa consciência tranquila quanto a nossa família e a nossa dimensão de espírito imortal.

Todo trabalho é digno e valoroso. Entretanto, é preciso buscar o equilíbrio e valorar. O que para mim é importante? Quais são meus valores? Como um novo “conhece-te a ti mesmo” socrático, essas perguntas devem invadir nossa mente todo dia antes de dormirmos, pois elas revelam muito do que somos, ou estamos. É importante sempre sopesarmos o que estamos nos tornando.

O homem deve buscar a realização e a felicidade, não uma felicidade egoísta da posse, mas uma que envolva valores universais, como bem falados pelos espíritos. É preciso equilíbrio entre as nossas dimensões corporais e espirituais. Essa felicidade vive para além do trabalho, mais não vive além da vida. É o desafio do cristão, o viver no mundo sem ser do

mundo, em um mundo transitório, mas nem por isso menos importante.

75. BENEFÍCIOS DO SACRIFÍCIO

O Evangelho segundo o Espiritismo, no seu capítulo V, fala-nos, entre outros assuntos, do verdadeiro sacrifício aos olhos de Deus. Capítulo interessante e atual, dado que a vida nos exige sacrifícios e por vezes buscamos estes, sem saber bem o porquê.

Em um primeiro momento, apresenta-se a questão de se é possível reduzir o rigor das provas, dado que estas são instrumentos de nossa evolução. A conclusão é simples, dados que a Lei é de amor e sim, podemos e devemos abreviar a dor de nosso próximo, abreviar as suas provas voluntariamente, pois esse amor nos impulsiona a ser melhores e a evolução se faz em conjunto, nesse nosso planetinha azul.

Ao contrário da visão do Carma adotada em algumas religiões, não devemos deixar nossos irmãos sofrerem para “pagar”, pois a divindade quer que nós aprendamos a amar e não que soframos indistintamente, como um Deus sádico, a exemplo do Olimpo greco-romano.

A dor deve nos empurrar para o amor, e o amor pode sim colaborar para reduzir a dor, na busca da luz, em um contexto de interdependência, de espíritos encarnados em um planeta de provas expiações, na luta da evolução.

De forma simétrica, apresenta-se a questão: é possível então aumentar as suas provas voluntariamente? Ou seja, posso aumentar a minha dor e assim evoluir mais rápido?

O evangelho é claro nesse ponto... e o bom senso também! Produzir dor por produzir pouco contribui com a instauração do reino dos céus em nossos corações. Em muitas facetas se apresenta esse sacrifício voluntário, em roupagens modernas que escondem sentimentos adversos.

As práticas de se prometer coisas para a divindade em troca de bênçãos, como nos sacrifícios muito famosos em festas religiosas, nas famosas promessas, ilustram bem esse sentimento de imolação, como passagem para a felicidade. São os terroristas que esperam o reino de cachoeiras de mel... Uma forma de sacrifício egoísta e de barganha!

Tem-se ainda, de forma reprovável, práticas nesse sentido, adotadas por vezes por celebridades, no campo da automutilação. Com cortes e marcas, as dores corporais buscam substituir sofrimentos emocionais, em uma punição de si mesmo, prima da comiseração, em uma mescla de carência, culpa e remorso. Uma forma de sacrifício focado em si, na troca de suas dores sentimentais por dores corporais.

Esses exemplos atuais nos mostram que o nosso sacrifício ainda está atrelado a uma ideia de egoísmo. O disposto n' *O Evangelho segundo o Espiritismo* indica que o aumento da dor sem reverter para o benefício coletivo é sim egoísmo e que as provações voluntárias somente tem valor quando agregar bem ao próximo.

O sacrifício, o acréscimo de sofrimento por escolha, só tem valor aos olhos de Deus quando significa doação para o bem geral. E para isso, na maioria das vezes, necessitamos de dores muito menores do que imaginamos!

Devemos ficar atentos as motivações que se escondem por detrás dos grandes espetáculos de dor e sofrimento, enxergando o valor do pequeno esforço cotidiano que produz o bem, sem pompa e cerimônia, sem heróis de papel.

Deus nos criou para aprendermos a amar... Para rompermos as nossas imperfeições, por vezes somos impulsionados pelo agulhão da dor, para a senda da evolução. Mas, o grande sacrifício se impõe na conduta reta no cotidiano, por vezes longe de holofotes e luzes...

O fim da evolução é o amor, força divina por excelência, que nos faz mais próximos do homem que queremos ser, nos faz melhores nas batalhas de cada dia e para isso, precisamos entender a função da dor no contexto da justiça divina e do aperfeiçoamento do espírito.

Sacrifícios só trazem benefícios se forem direcionados ao nosso próximo... A doutrina dos espíritos é clara em nos explicar esse mecanismo, do primado do amor! Não busquemos evolução onde pode morar a estagnação!

76. A HIPÓTESE INSUPERÁVEL DE KARDEC

Terminei esta semana a leitura do livro “Kardec, a biografia”, de Marcel Souto Maior. Gostei do livro, com os senões (e vantagens) de uma obra escrita por alguém que está de fora das fileiras espíritas, pelo menos no discurso, mas que soube retratar de forma leve os eventos históricos que conduziram à chamada codificação da doutrina espírita e que hoje nos alenta e nos inspira, nas lutas cotidianas.

Bem redigido, de forma clara e didática, antecipando o roteiro da película a ser produzida, o livro mostra um Kardec homem, com dificuldades, inserido em um contexto político e filosófico, para assim ser o baluarte do espiritualismo moderno, que entre mesas e cadernos, produziu um manancial de conhecimento a influenciar o mundo até hoje, passados mais de 150 anos.

A leitura do livro mostrou-me um homem de ciência, sagaz e bem-intencionado, que diante de fenômenos populares envolvendo mesas girantes, busca identificar a sua gênese e com o apoio das informações fornecidas pelos próprios causadores dos fenômenos, os espíritos, elabora assim uma tese que deu conta daquela casuística, abrangendo um sistema filosófico amplo, sobre a natureza e o destino do ser humano no universo.

Essa tese, fundamentada na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos e nas múltiplas existências, inédita na sua integração, jaz insuperável, influenciando um sem número de produções culturais, que trazem nesse paradigma seu espelho, no qual apesar da baixa difusão percentual do Espiritismo como movimento religioso, tem seus princípios basilares nesses mais de 150 anos conquistado seu espaço ao sol das ilações sobre a vida futura.

A imortalidade da alma, hipótese comum a maioria das religiões, tem mais recentemente ganhado corpo nas pesquisas sobre EQM-Estado de Quase Morte do Dr. Raymond Moody Júnior e Sam Parnia, na análise de pessoas que em estado de coma retornam a vida e narram situações similares. A despeito das hipóteses formuladas sobre a ação do subconsciente, os estudos continuam, amparados na hipótese básica.

As múltiplas existências tiveram também seus baluartes, nas pesquisas e produções de Hemendra Banerjee, Brian Weiss, Albert de Rochas e Ian Stevenson, com destaque para os estudos da Prof. Hellen Wambach, que comparou dados das regressões com informações históricas sobre as sociedades. Recentemente a Terapia de Vidas Passadas se vulgarizou entre os profissionais, tem-se estudado relatos de vidas passadas e marcas de nascença e temos ainda os estudos na Universidade do Prof. Jim Tucker, que vira e mexe aparece nos programas televisivos com intrigantes casos de lembranças de vidas passadas.

No campo da comunicação com o Além, os médiuns brasileiros forneceram grande material de estudo, nas mediunidades de Chico Xavier e os diversos estudos correlatos, em especial na questão da grafologia. Os casos mediúnicos de Divaldo Franco, Arigó, Peixotinho e do médium de cura João de Deus têm sido objeto de estudos que ratificam e fortalecem as ideias postas por Kardec.

O ceticismo ainda campeia, por comodismo, por interesse ou por decepção. Ainda que surjam explicações isoladas de céticos, de forma integrada esses fenômenos encontram guarida nas formulações kardequianas a luz dos depoimentos dos espíritos, o que vem sendo reforçado pela ação dos estudiosos citados e outros desconhecidos, que labutam de forma incansável, enfrentado o preconceito da academia e a pressão de ideologias religiosas, como enfrentou Allan Kardec no seu tempo, conforme bem descrito pela sua presente biografia.

Para além de uma revelação, Kardec apresentou um sistema lógico como resposta ao fenômeno, construído a partir do material coletado das comunicações com os espíritos. Uma hipótese que ele mesmo apresentou as contradições, ao estudar os sistemas no Capítulo IV de *O Livro dos Médiuns*. Ali, Kardec já se posiciona sobre as demais hipóteses em relação ao fenômeno posto e expõe, por argumentos, por que a tese espírita se apresenta insuperável para dar conta da situação. E até hoje, a explicação ainda é válida.

Os pilares, a visão de que o fenômeno derivava de inteligências, que chamadas de espíritos, nada mais eram dos que os homens sem a roupagem carnal, que se sucediam em existências no mundo de cá e de lá, permanece robusta e convergente aos estudos que se seguiram, pelas regressões, comunicações e lembranças. Dizer que Kardec é atual não é tomá-lo pela letra idêntica de um livro sagrado e sim pela força do paradigma por ele proposto na explicação da fenomenologia espírita.

O aspecto filosófico da hipótese espírita, abraçando Deus e o problema do ser, do destino e da dor, traz a essa uma grande força, impulsionando vidas a modificação de disposições, a reforma íntima e a prática da caridade, tornando nosso mundo melhor. Outras hipóteses, além de não atenderem a completude dos fenômenos, baseiam-se em pressupostos teológicos estranhos a razão, com deuses seletivos e injustos, atendendo a injunções e poderes estranhos a visão do bem. O Espiritismo se apresenta como uma verdade ratificada pela razão e pelos fenômenos, na cantiga de esperança que embala a humanidade, mas que se faz incômoda.

Incômoda pois rompe os grilhões filosóficos do mundo antigo, da idade de trevas e das visões escravizantes de vida futura, que Kardec não se furtou a tratar no livro *O céu e o inferno*. Ideias que ainda pululam por aí, com os mesmos

fenômenos de outrora, a busca de soluções razoáveis, que surgiram no século retrasado pelas mãos do mestre Lionês.

Assim como ocorreu na biografia de Chico Xavier, acredito que o livro do escritor Marcel Souto Maior despertará o interesse pela obra Kardequiana no público em geral, obra essa que se apresenta insuperável, pelo método e pela consistência, na resposta aos fenômenos mediúnicos. O estudo sistematizado das obras nos permite entender a essência do Espiritismo e de como chegamos a compreender que mesas que giravam nos forneciam uma resposta filosófica para a existência.

As ideias de Kardec influenciaram o mundo. Ainda que carentes de autoria, talvez como um bom caminho para evitar a captura e a exposição, seguem por aí em filmes e livros, distantes da estranheza de outras épocas. Ideias de um Deus justo, de vidas que não terminam, de mortos que não se calam, de falhas que são reparadas. Uma visão de mundo libertadora, que pelo esforço de um homem, das pessoas a sua volta e das gerações que se seguiram, continua a nos brindar com o consolo que ampara, mas também com a sagacidade que liberta.

77. COM KARDEC EU APRENDI

Com a devida permissão do leitor para me utilizar de uma experiência pessoal, lembro-me dos tempos da juventude, passados quase 25 anos, quando me tornei espírita e frequentava o GECON – Grupo Espírita do Colégio Naval, núcleo religioso que funcionava na escola militar a qual eu pertencia, na aprazível cidade de Angra dos Reis – RJ, nos idos de 1990 e que até hoje atende aqueles jovens em regime de internato.

Nesse grupo, formado de adolescentes estudiosos e disciplinados, a nossa breve reunião ocorria de 17h as 17h50, alterando-se entre terças com o estudo de *O Livro dos Espíritos* e nas quintas com o Estudo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Aprendi muito naqueles crepúsculos de discussão se abeirando nas obras básicas. Aprendi e aprendemos todos, amadurecendo nesse processo de interação mútua, de hora marcada, que às vezes se espraiavam por discussões na hora do almoço.

Dessa experiência inicial, que compartilhei em outros grupos de outras casas espíritas de maneira similar, colhi duas percepções que trago comigo e que penso serem úteis se trazidas a reflexão, em especial no contexto atual do movimento espírita e a sua relação com o estudo doutrinário e temáticas correlatas.

Primeiro, tem-se a importância de se prestigiar o estudo das obras da codificação kardequiana, as chamadas obras básicas. Isso se deve a necessidade de entender uma doutrina pelas suas bases, pelo seu fundamento, entendendo as origens, da mesma forma que em qualquer área do conhecimento humano, estudamos seus autores clássicos e a sua história.

Além disso, as questões postas por Kardec, sua metodologia, os problemas por ele enfrentados encontram-se atuais. Às vezes assistimos a programas de televisão com estudos de reencarnação, sobre a vida após a morte e aquele batalhão de céticos e, quando vemos, está tudo ali nas obras básicas, as ponderações, as argumentações no bom senso que tornou o mestre lionês tão peculiar.

Não se trata de ortodoxia ou bitolação, mas falamos de um contexto de grande profusão de editoras e obras espíritas, de supervalorização de textos psicografados e ainda, de buscas pelas novidades literárias, por vezes com interesses mercadológicos, em uma selva louca e desvairada (parafrazeando Vinicius de Moraes) na qual necessitamos de faróis seguros a nos guiarem e em termos de metodologia e coerência, estou para ver coisa melhor que o Professor Rivail.

Isso não invalida as obras monumentais que temos a disposição, como os estudos e reflexões de autores encarnados do naipe de Hermínio Miranda, Herculano Pires e Richard Simonetti, somente para ilustrar, além daqueles clássicos da psicografia, nas obras pela pena de Divaldo Franco e Chico Xavier, entre outras. Obras essas que trouxeram reflexões e acrescentaram sim a construção da doutrina espírita um tijolinho, dado o seu caráter dinâmico, valorizado, inclusive por Allan Kardec.

Entretanto, penso que a casa espírita deve, nas suas preleções e grupos de estudos, valorizar as obras básicas, não por uma sacralização, mas pelo seu valor basilar, pela sua completude, coerência e metodologia, como forma de autonomia dos espíritas, que o habilitem a trafegar pelos inevitáveis mares no campo do conhecimento transcendente e que andam por aí.

A segunda colheita dessa experiência juvenil é que a abordagem do estudo espírita deve, na minha humilde opinião, valorizar o contato com as obras. Devemos utilizar a

“Pedagogia do manuseio”, na qual os estudantes devem se abeirar do texto da obra, buscando a discussão em grupo, inclusive como o próprio Kardec fazia com mensagens trazidas de espíritos. O coletivo traz sinergia, na máxima de um mais um é sempre mais que dois.

Observo alguns cursos superiores que abandonam os livros e passam a atuar com apostilas, algumas meras cópias de lâminas exibidas nas aulas por professores polivalentes. Essa visão resumitiva, de tópicos, conteudista, é empobrecedora, favorece pouco a reflexão, em uma visão “pasteurizada” da prática educativa. No movimento espírita não ficamos livres dessa cultura apostilada, que por vezes favorece a “formatação” e esquece a reflexão.

É verdade, o pessoal gosta, em geral, de coisas mais facilitadas e a linguagem das obras básicas, por vezes, é complexa, por ser um texto antigo. Nesse sentido, tem surgido esforços de traduções mais contemporâneas, com notinhas explicativas, mas há de se considerar que uma boa discussão em grupo fortalece o aprendizado pela pesquisa e pelas dúvidas, tornando límpido o complexo.

Penso que devemos caminhar para um movimento que enxugue as palestras na grade da casa espírita e que se fortaleçam os estudos em grupo, que de forma autônoma, favorecem a síntese e a discussão, gerando um conhecimento robusto e firme. A palestra chama as pessoas, mas o grupo as retém. A palestra é um mecanismo passivo enquanto grupo é interativo, de construção do saber, potencializado se realizado a luz de uma obra relevante. No grupo de estudos é que forjamos o conhecimento espírita sólido.

O grupo de estudo exige esforço das pessoas, convoca a leitura, a falar, se expressar e se posicionar. Formam-se amigos, é democrático como espaço de participação e de revezamento da condução. Apresenta-se como modelo de

estudo de excelência, antenado com as modernas tendências pedagógicas.

Por fim, insta considerar que valorizar Kardec não é só citá-lo em palestras ou artigos, por vezes com a inserção de trechos de seus livros sem contextualização. Trata-se de estudar a sua obra, entendê-la e transpô-la para nossos problemas atuais, enriquecida, obviamente, pelo que de bom surgir. Se é espírita pelas ideias, pelos fundamentos, e não por um selo nominal.

A quantidade de obras é imensa, mas tudo começou lá na França, passados mais de 150 anos, e aqueles pressupostos, límpidos e razoáveis, ainda aplacam nossos anseios pelos problemas do ser, do destino e da dor. Não defendo a fossilização, saudando as produções vindouras, algumas basilares, mas devemos ter em mente a importância da obra de Kardec em nosso movimento.

Da mesma forma, reputo que esses estudos devem se fundamentar no manuseio de obras, enxergando naquelas linhas potencial de expansão de ideias, que podem ser agregadas pela pesquisa em outras obras e pela opinião dos próprios integrantes do grupo. A doutrina não sobreviveu e se fortaleceu esses anos por ter criado uma bula proibitiva de conhecimentos, pela busca da padronização de ideias, e sim pela valorização do bom senso e da discussão, fortalecendo seus adeptos, diante da razão em todas as épocas da humanidade.

A feição de antiga música do movimento espírita carioca, importa lembramos que "com Kardec eu aprendi, que a vida não termina aqui"... E daí, surgiu tudo isso de belo e consolador que vivenciamos hoje, que impulsiona vidas, ideais, trabalhos e modificações.

78. A BOA MORTE

A morte não existe... Bem verdade... mas tem um negócio aí, um fenômeno natural, uma tal de transição que merece toda a nossa atenção! Esse breve artigo procura tratar o que significa, em termos espíritas, nos prepararmos para uma boa morte. O fato de sermos espíritas não nos credencia a uma transição tranquila, mas sim o uso desse conhecimento libertador na promoção do homem de bem que necessita renascer em nós em cada reencarnação.

Algumas igrejas católicas têm a sua denominação como "Nossa Senhora da Boa Morte" ou ainda "Nosso Senhor do Bom Fim", resgatando a antiga preocupação do ser humano com morrer bem. Morrer bem, para a sabedoria popular, indica o morrer dormindo ou de forma imediata, rechaçando a morte lenta e com sofrimento. Na lógica espírita, de forma inversa, os ensinamentos dos espíritos nos dizem que o sofrimento traz a reflexão que auxilia o processo de desligamento.

A mesma igreja católica do "Bom fim" tem como um de seus sacramentos Extrema Unção, ou Unção dos Enfermos, conferido a pessoas que estão em estado grave de doença, buscando aliviá-lo e prepará-lo para a transição. Os egípcios enchiam a tumba de riquezas e alimentos para atender ao morto do outro lado. No campo da medicina, atualmente, se discute a humanização do momento do desencarne, com cuidados paliativos a enfermos já sem possibilidades terapêuticas.

Percebe-se que o fenômeno da morte é complexo e passar por ele com "sucesso" é oriundo de vários fatores, que ultrapassam aquele momento fatídico. Assim como planejamos a nossa reencarnação, com o auxílio dos amigos espirituais, a nossa vida como encarnados demanda um "Plano de morte", o qual nos preparemos para esse momento, transcendendo as

questões de herança, doações de órgãos, custas ou tipos de jazigo.

Na doutrina espírita, a discussão do bom desenlace se apresenta na literatura mediúnica, como uma relação direta com a conduta na vida encarnada, com o desapego do espírito. Como dito no livro *Obreiros da vida eterna* (André Luiz pela pena de Chico Xavier), *"Morrer é mais fácil do que nascer"*, desmistificando o temor pela morte, mas revelando também, a mesma obra, que grande parte de nossos sofrimentos no desencarne são derivados da decepção pelos avanços não obtidos na encarnação.

A morte, para nós espíritas, é um fenômeno natural, que não o desejamos, mas que o compreendemos, e apesar dessa compreensão, não estamos livres da perturbação natural da transição. Não temos credenciais de uma boa morte, dado que esta se vincula ao aspecto moral, como ilustrado no trecho da obra *"Voltei"* (Irmão Jacob na pena de Chico Xavier), que narra a volta de operoso trabalhador espírita: *"Quantas vezes; julguei que morrer constituísse mera libertação, que a alma, ao se desvencilhar dos laços carnis, voejaria em plena atmosfera usando as faculdades volitivas! Entretanto, se é fácil alijar o veículo físico, é muito difícil abandonar a velha morada do mundo. Posso hoje dizer que os elos morais são muito mais fortes que os liames da carne e, se o homem não se preparou, convenientemente, para a renúncia aos hábitos antigos e comodidades dos sentidos corporais, demorar-se-á preso ao mesmo campo de luta em que a veste de carne se decompõe e desaparece."*

Seria ilusório acharmos que a boa morte seria um privilégio nosso, por termos o conhecimento espírita! A vinculação com a conduta terrena é límpida no processo de preparação para uma boa morte! Da mesma forma, a doutrina espírita aponta a inexistência de santificações no momento da partida e indica sim o fim de um ciclo reencarnatório, no qual continuamos sendo nós mesmos, apenas concluintes de uma etapa

importante e se ajustando a uma nova realidade, a vida espiritual.

Sobre essa questão, merece destaque também as palavras do espírito Emmanuel, na obra "O Consolador", também psicografada por Chico Xavier: *"A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados."*

Inimigos continuam inimigos, nós continuamos com a nossa bagagem de imperfeições e apenas apeamos do trem, para se preparar para um novo estágio de nossa existência. Como toda transição, é complicada...Após a morte, na outra vida, nos encontraremos com nós mesmos, pois *"(...) se queres conhecer o lugar que te espera, depois da morte, examina o que fazes contigo mesmo nas horas livres."*, nas palavras também de Emmanuel, na obra "Justiça Divina":

Assim, um preparo para a boa morte não implica em negar esse fenômeno, ou ainda, colocá-lo no centro de nossas preocupações. Faz-se mister enxergá-lo como uma ocorrência inexorável da vida, uma transição de planos que já enfrentamos outras vezes e que está subordinado, estritamente, a nossa conduta terrena, na construção da reforma íntima e na superação das diferenças de nosso passado reencarnatório.

Vivamos a nossa vida, com trabalho e alegria, amando e sendo amados, sem esquecer que um dia retornaremos a pátria espiritual, que longe de ser um céu ou um inferno, é uma nova etapa de existência, na vida que continua. Teremos a nossa transição, encontraremos os que nos precederam, e

teremos uma boa morte, sorridentes, se tivemos uma boa vida,
fazendo o nosso próximo sorrir.

79. A CARNE

Enquanto dirigia no centro do Rio de Janeiro, retornando do trabalho, vi em um muro a seguinte inscrição: "*Se a carne é fraca, por que perdemos sempre para ela?*". A reflexão sobre essa pérola estampada na paisagem urbana me fez recordar, divagando na direção, de como essa expressão, "*a carne é fraca*", serve para nos justificarmos, perante nós e perante os outros, por deslizes, erros e vacilos. Uma muleta diante do arrependimento e da derrota.

Invocamos a carne é fraca como indicação de que a intenção de acertar é boa, mas as forças atávicas, a animalidade oriunda da carne nos suplanta, nos conduzindo a conduta reprovável, de forma irresistível. Uma visão de culpabilidade, de castigo, justificativas e até de um certo puritanismo, que ignora a nossa condição humana, frente aos desafios e que as lutas são diárias, para todos. Errar e cair faz parte do nosso processo de evolução.

Kardec não desconsiderou essa discussão. Pelo contrário, trata dela de forma bem interessante no livro *O céu e o inferno*, e nesse sentido, destaco o seguinte trecho: "*Pode-se, portanto, admitir que o temperamento é, pelo menos em parte, determinado pela natureza do espírito, que é causa e não efeito. (...) Justificar seus erros pela fraqueza da carne é apenas um subterfúgio para escapar à responsabilidade. A carne só é fraca porque o espírito é fraco, o que reverte a questão, e deixa ao espírito a responsabilidade de todos os seus atos.*"

Colocando assim a gênese das questões no espírito, que em última instância somos nós, na estrada da eternidade. Mas, voltemos ao muro... Se tudo está no espírito, como responsável, por que perdemos para as tentações chamadas da carne, fraca por ser sem relevância? A carne aqui

representa a inserção no mundo material, suas influências, rompendo essa dicotomia corpo-espírito, mostrando de que forma a realidade concreta nos molda e por nós é moldada.

Perdemos, pois, desconsideramos a carne, tentando separá-la da matéria como caixas herméticas. Na senda evolutiva nesse mundo, na carne, interagimos com a realidade que se apresenta, crescendo com ela. A cada encarnação apresenta-se um novo cenário, que nos exige mudanças interiores e exteriores, construindo assim o espírito que necessitamos. Inseparável, a relação espírito-matéria é a fonte do crescimento espiritual, não cabendo o desprezo pela vida material, nem o apego excessivo a esta.

A carne não é fraca. Ela é forte como instrumento que testa as nossas fraquezas, que nos serve de desafio para aferir nosso crescimento, como prova de superação, e não devemos subestimá-la. Pelo contrário, perdemos para ela pela nossa fraqueza, como ressalta Kardec, em colocar no espírito a causa, responsável pelos seus atos, mas não devemos desconsiderar a máxima da proporcionalidade do fardo que recebemos com as nossas capacidades.

Eis a questão. Não devemos subestimar os fardos, o ambiente e a sua influência. A nossa vontade, quando submetida a prova, pode capitular, e devemos atentar para as provas a que nos habilitamos, sabendo se poderemos encarar a derrota, levantar e dar a volta por cima, sem colocar na fraqueza da carne a culpa por tudo. Por vezes abraçamos fardos múltiplos e simultâneos e caímos, se justificando com a desculpa da carne fraca. Os depoimentos de espíritos pós desencarnação são cheios dessas falas.

Só dizer que tudo é culpa do espírito pode ser um discurso também muito cruel com aquele que cai. Quem está na prova, correndo a frente do "Rolo compressor" das dificuldades, sabe que não é fácil e por isso encarnamos, quantas vezes forem

necessários, na busca do aperfeiçoamento. Não cabe “a carne é fraca” para quem se justifica, mas também para quem acusa.

Desse modo, fugindo de uma visão mais pecaminosa, temos o espírito presidindo os processos e lutas, na jornada terrestre na carne, que nos serve de instrumento para os desafios da evolução. Ambos são fortes! O espírito que se supera e surpreende, a cada dia, e a carne, que por vezes nos derruba para levantar de novo. É um processo de crescimento e de autoconhecimento, que nos leva a pensar na magnitude dos desafios, e se às vezes, por eles serem fortes, dentro de nosso fraco espírito, vale a pena encarar alguns deles em determinados momentos ou administrar as questões em recuos estratégicos.

80. PAI NOSSO

Jesus, ao começar a oração mais famosa da cristandade, utiliza a expressão "Pai nosso", indicando que o criador era o pai de todas as criaturas, já que não estabeleceu exceções, utilizando expressões como "pai só dos cristãos", "pai somente dos justos" ou qualquer outra ideia segregativa. Aliás, ele mandou amar ao próximo, e questionado sobre isso, contou a parábola do bom samaritano...

O pai é a nossa origem comum. Dele derivamos, a despeito de todas as roupagens que envergamos em cada reencarnação: riqueza, pobreza, beleza, força, inteligência. Filhos de um mesmo pai, irmãos de uma mesma família universal, herdeiros desse belo planetinha azul, que insistimos em maltratar.

Como um verdadeiro pai Jesus se referiu a divindade em várias passagens: no filho pródigo, no caso do pão e da serpente. Um pai justo, presente e amoroso, como resgatado por Allan Kardec, e que não é pai de uma só pessoa, e sim de todos nós, pairando além das nossas mezinhas jaulas que aprisionam Deus aos nossos caprichos.

Cuidemos assim dos meus, dos seus... São todos filhos de Deus. Do mais odiado ser encarnado a mais carismática celebridade, tem todos o DNA do criador, uma visão que põe por terra o preconceito, o orgulho de nos acharmos melhores, fortalecendo a fraternidade, a interdependência, por nos vincular a essa origem comum.

Não somos seres a parte da criação. Fazemos sim parte do processo de construção do reino de Deus, como cocriadores, e nos fazemos nessa condição de artífices da obra divina no amor ao nosso irmão, fazendo a sua vontade assim na Terra como no céu: o amor.

O Espiritismo rompe com o Deus antropomórfico, sectário e traz nas palavras do insigne codificador um Deus reconhecido pelos seus atributos, estampados em suas obras. Como dito na obra *A Gênese*: *“Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso”*.

E além disso tudo, é o criador de tudo e de todos. Causa primária de todas as coisas, ele é o pai de todos nós. Sobre ele sabemos pouco, mas podemos senti-lo na chuva amena que bate na janela, no nascer de sol e na noite cheia de estrelas. Mas, também em momentos que, como espíritos encarnados, fazemos Deus presente em nossas atitudes.

Mais do que a expressão “meu Deus”, que particulariza, lembremos de refletir essa paternidade divina pelas palavras de Jesus, na invocação do “Pai nosso, conceito agregador, que nos lembra desse laço fraternal que nos une, com o céu e entre os que estão na Terra.

81. SANTA IGNORÂNCIA

Os anais da história ocidental falam de uma figura ímpar, Jan Hus (Husinec, 1369 – Constança, 6 de julho de 1415), que consta como uma das encarnações de Allan Kardec e que pela sua discordância com ações da Igreja Católica, em uma era de politicagens e indulgências, foi condenado à pena de morte, executado pela fogueira, ombreado com tantos outros, conhecidos e desconhecidos, que ousaram defender ideias que hoje são corriqueiras.

Narra a história também que a lenha teimava em não pegar fogo e diante desse problema, uma idosa trouxe uma rama de galhos secos para fazer a fogueira pegar. Diante de tanto esforço daquela senhora, que buscava sua salvação ao calá-lo pelo fogo, Hus exclama uma expressão que sobrevive até os nossos dias: *o sancta simplicitas!* (Ó santa ignorância!).

Ao ler os jornais, ao ouvir as conversas nos coletivos, ao navegar nas redes sociais, ecoa na mente as palavras do antecessor reencarnatório de Allan Kardec. Vestidos de mantos de religiosidade dilapidamos a razão e o bom senso, em situações que não se circunscrevem a outras religiões apenas, na defesa de situações que afrontam ao mais elementar humanismo ou mesmo, ao bom senso e a ideias hoje já aceitas de forma pacífica na sociedade científica.

Das peripécias em relação a Darwin e seu evolucionismo, a explicações mágicas de fenômenos já elucidados, o misticismo ainda assola as mentes, recheado de medo e de ignorância, descambando para o absurdo e para a superstição. Esquecemos que o codificador era chamado de “O bom senso encarnado” e buscamos simplificar coisas complexas, mediunizando fatos e aceitando tudo que vem dos espíritos sem crivo ou crítica.

Assim, de tudo achamos uma mirabolante explicação reencarnacionista, ignoramos descobertas da ciência e queremos adaptar à realidade ao que entendemos como obras sagradas, em um *revival* do Tomismo da Idade Média. Endeusamos espíritos, tentando buscar um maravilhoso que não nos permite ver a beleza da encarnação, com todos seus desafios. Fugimos assim das bases do Espiritismo, de como ele surgiu e de um Kardec, que por pouco, também não foi condenado por suas ideias, diria assim, revolucionárias. Aliás, Jesus morreu na cruz pela suas ideias, ainda que tenha sido mais fácil para a humanidade aceitar uma ideia de que ele foi a cruz para nos salvar (SIC).

A falta de estudos, o desequilíbrio entre as dimensões ciência-filosofia-religião do Espiritismo, a falta de olharmos com bom senso certas situações que se apresentam. Tudo isso, regado a carência de reflexão, nos leva a situações que fogem a lógica do Espiritismo como legado por Allan Kardec na tarefa da codificação. Importamos modelos, adaptamos conceitos e ignoramos que estes se explicam pelo seu conteúdo simbólico, mas não pelo seu aspecto lógico.

Aceitamos assim meias verdades e nos prendemos a forma, ao idealizado, escondidos do mundo real, polarizando uma pseudodisputa entre ciência e religião, colocando um galinho na fogueira dos pensadores, pensando com isso matar a realidade. A verdadeira fé enfrenta a razão em todas as épocas da humanidade. Kardec com maestria enlaçou a religiosidade em bases científicas, da razão, trazendo ainda o aspecto filosófico, no tripé que sustentado, nos permite crer e saber, seguir e saber por que, e ainda, saber e se permitir rever as posições. Isso é um fator de força a nossa fé, sem dúvida.

Passados os tempos de inquisição e condenações pelo pensar e pelo crer, ainda assistimos em fogueiras reais e virtuais a santa ignorância atuar, com a nossa dificuldade de entender que às vezes precisamos pensar fora da caixa e que o Espiritismo, como doutrina libertadora de consciências, nos traz

uma mensagem de fé que se alimenta da razão, preferindo o mundo como ele é a se iludir de fantasias diante de nossos deveres como espíritos encarnados, em relação ao mundo como ele deve ser.

A cada dia, cientistas e pensadores trazem novas descobertas que confrontam nossos paradigmas e verdades, como foi Hus na sua época, na qual muitos defendiam a Terra redonda e girando ao redor do sol, o que rendeu algumas condenações. Não podemos tapar os ouvidos ao trabalho sério dos irmãos, como a salvacionista idosa e seu ramo de galhos. Insta entendê-los como novidades da criação divina, escolhendo ser o visionário Jan Hus, que se perpetuou por muitas de suas ideias.

82. A MISSÃO DA INTELIGÊNCIA

Pagando uma dívida de mais de década comigo mesmo, nessas férias de fim de ano consegui finalmente assistir ao clássico "Gênio Indomável", de 1997, dirigido por Gus Van Sant e com interpretações magníficas de Matt Damon, Robin Williams e Ben Affleck, o que lhe rendeu várias premiações.

Um filme sobre a inteligência, materializada em níveis extremos e que apresenta a realidade de um jovem superdotado, e o quanto ele se vê divergente em relação ao mundo. A película mostra a inteligência como uma benção que pode se tornar um fardo, e ainda, que o saber é um rio que deve fluir no mundo real, com um sentido produtivo.

A inteligência hoje é entendida como uma potencialidade de múltiplas dimensões e o filme mostra bem isso, em especial no trecho que o personagem revela que coisas simples ele faz com dificuldade, apesar de sua intelectualidade. Dimensões que são valorizadas em determinados contextos sociais.

Após os estudos do psicólogo americano Howard Gardner na década de 80, quando falamos de inteligência, perguntamos sempre: "- *Qual inteligência?*". A busca pelo homem para medir e quantificar a inteligência é antiga. Alfred Binet em 1900 criou um teste para avaliar se as crianças teriam sucesso na sua vida escolar, o que virou uma grande febre na Paris *da Belle Époque*. Pela primeira vez o homem atribuiu um número a inteligência e passou a unir em um teste que avaliava resultados verbais e matemáticos, o Quociente de Inteligência de uma pessoa, bem próximo das avaliações de caneta e papel que realizamos nas escolas para verificar os que pretensamente terão sucesso na vida.

Howard Gardner, na sua discussão das múltiplas inteligências, se contrapõe a essa ideia monolítica de

inteligência. Ao estudar os deficientes mentais, observou esse pesquisador que o homem possui capacidades diferenciadas, tão fundamentais e complexas quanto as outras.

Para ele inteligência é a "*capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais comunitários.*", um valor que depende do grupo social e do momento histórico e tem seu enfoque na capacidade de resolver determinados problemas, segundo esta visão.

Fruto de processos históricos, colocamos hoje as inteligências linguísticas e lógico-matemáticas em uma posição de destaque, base desses testes de avaliação de inteligência e da maioria das avaliações a que nos submetemos. Entretanto, Gardner apresenta a inteligência em um aspecto multidimensional.

Howard Gardner classificou as inteligências em sete, a saber: Linguística: Capacidade de atuar no campo da linguagem verbal e escrita; Lógico-Matemática: A capacidade de solucionar problemas de cunho científico e de origem lógica ou numérica; Espacial: A capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo; Corporal-Cinestésica: A capacidade de controle dos movimentos corporais; Musical: A capacidade de criar e executar elementos associados a musicalidade; Interpessoal: A capacidade de entender outras pessoas, o que as motivam, como elas trabalham e como trabalhar com elas; e Intrapessoal: A capacidade de formar um modelo acurado e verídico de si mesmo e poder utilizar esse modelo para operar efetivamente na vida.

Essa não é uma lista definitiva ou rígida, obviamente. O ponto principal é o enfoque da pluralidade do intelecto, mostrando que formas "puras" destas inteligências não existem, coexistindo todas em maior ou menor grau em cada indivíduo e passíveis de desenvolvimento. Na resolução das

questões da vida, mobilizamos essas inteligências, a feição do regente de uma orquestra.

Temos então uma miríade de potencialidades, dons divinos que desenvolvemos pelos processos educativos das nossas reencarnações, entre a teoria e a prática, entre o pensado e o concreto, no longo caminho da perfeição.

Nessa temática da inteligência, a Doutrina Espírita não se furta, colocando a inteligência como um atributo do espírito, como exemplificado no trecho d' *O Livro dos Espíritos* que diz: "*Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais em poder, inteligência, saber e nem em moralidade.*" E ainda, apontando a este atributo um caráter divino, dado que a pergunta primeira da mesma obra afirma: "*Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.*"

Mas, no contexto que nos interessa no presente artigo, uma outra obra traz uma dimensão da inteligência. Falamos do texto "Missão do Homem Inteligente na Terra", presente no Capítulo VII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, texto esse que apresenta a inteligência como uma dádiva ligada a uma missão, no contexto social.

Resgatando o filme, o personagem somente se "ajusta" quando dá um sentido produtivo a sua potencialidade intelectual. E conforme Gardner, já citado, essa chamada inteligência se manifesta de diversas formas, vinculadas a um contexto social, e podemos utilizá-la, combinada, para diversos fins.

Entretanto, o Evangelho, na mensagem do espírito Ferdinando, nos diz mais... Nos diz do caráter instrumental da inteligência no processo da evolução, e que a recebemos esta com um propósito de contribuir com o bem geral. A mensagem é inequívoca, como nos trechos: "*Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é que quer que a utilizeis para o bem de todos; é uma missão que vos dá, pondo-vos nas mãos o instrumento*

com que podeis desenvolver, por vossa vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Ele. (...) A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance.”

Fica a reflexão... Em uma era de valorização do conhecimento, da intelectualidade, carregada pelos avanços da tecnologia em nossa vida, lembremos que a mão que faz o açude também faz a bomba e que para além de espetáculos de exibicionismo em tertúlias intelectuais ou para amealhar o vil metal, a nossa inteligência necessita ser aplicada em um fim produtivo, em um direcionamento que contribua para o progresso de todos e conseqüentemente, para o nosso bem.

Somente assim, fazendo fluir esse rio para o bem de todos, enriquecido pela troca com outros afluentes e pelas chuvas da espiritualidade, cumprimos nossa missão em relação a inteligência. Faremos um mundo mais rápido e confortável pela inteligência. Mas, necessitamos também de um mundo mais fraterno, e nisso a inteligência tem muito a colaborar.

83. O CRISTO CONVERTIDO

Estupefato, deixei a sala de cinema após assistir ao filme *Exodus* (EUA, Reino Unido, Espanha; 2014), que narrou naquela visão cinematográfica a saga de Moisés e a libertação dos hebreus do jugo egípcio. Causou espanto a troca, na película, do cajado do patriarca pela espada e a sua conversão em um general, diante de um verdadeiro Deus dos exércitos, com escolhas claras entre seus filhos.

Pela mente, na saída da sala de cinema, trazendo Moisés para o contexto do cristianismo, passaram as cruzadas e as mortes em nome do Cristo, os palácios erguidos em honra ao filho do carpinteiro, as politicagens e negociatas com ares cristãos, e ainda, as guerras que povoam os noticiários e que trazem, nas suas justificativas, uma menção ao nazareno.

Passados mais de dois mil anos, ainda persiste a ideia de um Deus sectário, de povos eleitos em detrimento de outros e no caso de Jesus, mais especificamente, uma vinculação a realzas terrenas, distante ainda de uma mensagem não compreendida, de amor ao próximo como a si mesmo.

Vemos então um Cristo convertido, que sustenta ideias e projetos estranhos a suas palavras e gestos, fossilizadas na mágica alienante da “palavra de Deus”. Seguindo suas pegadas, percebemos que em alguns momentos históricos, por conta de forças econômicas e políticas, a mensagem evangélica foi se deturpando ao sabor dos interesses, pela força das circunstâncias aliada a fraqueza dos homens.

Jesus disse claramente que seu reino não era deste mundo, discussão que Kardec traz no Capítulo II de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Uma reflexão profunda e necessária, no sentido de que buscamos trazer o Cristo para as nossas medidas, como fizeram os gregos no antropomorfismo de seus

deuses. Buscamos adaptar Jesus, converter o Cristo em um símbolo para justificar nossas ações reprováveis e não um modelo para as nossas atitudes, na indicação da pergunta 625 de *O Livro dos Espíritos*.

Assim, vemos passar pelo mundo e pelas falas o Cristo, com roupagens de general, de galã de cinema, de soberano com riquezas, e até Jesus como Deus, uma falácia que se desmonta ao olharmos a nossa condição na imensidão do universo. Esquecemo-nos do papel que ele mesmo escolheu nessa encarnação, um humilde filho de carpinteiro.

Para nós, espíritas, o Cristo se apresenta como modelo e fonte de ensinamento, como um Mestre. Não figura como salvador, a carregar nossas mazelas. Não figura como ente exclusivista, a defender seu povo eleito. Não se apresenta como figura acima do bem e do mal. Trata-se de um irmão maior, na nossa longa estrada da evolução.

O cristo não é o que queremos, o que nos convém. Para além da temporalidade de nossos poderes terrenos, pairam suas palavras e exemplos, carentes de interpretações mais realistas que sustentem não os sonhos bélicos e de poder e sim a construção do homem novo, reconhecido pelo amor em seus atos.

84. O FILHO PRÓDIGO E A LIÇÃO DO AMOR MAIOR

A parábola do filho pródigo é uma das mais intrigantes do Evangelho. Quando mais jovem, não conseguia entender aquela situação que premiava um irresponsável arrependido em detrimento de um dedicado e confiável filho. Certamente, muitos hoje ainda se espantam e se perguntam como podia Jesus cancelar tamanha injustiça, apesar de guardarem para si essa profana opinião.

Esse tema é incômodo, pois fala de nós mesmos, da nossa visão do mundo e da espiritualidade. Como toda parábola evangélica, é um mecanismo de autoconhecimento e de revelação sobre quem a interpreta. Mostra como a nossa visão ainda é carente de amor. De um amor maior, que perdoa profundamente e se felicita com o resgate do outro, humano, seja qual caminho que este tenha adotado.

Um amor que vê a todos como irmãos. Um amor maior que ainda estamos distantes de vivenciar, vendo na justiça e no mérito instrumentos de exclusão, quando o Cristo nos ensina pela história contada que a finalidade da criação é a sublimação dos espíritos e não apenas vencer.

A estrada da evolução não é uma corrida de carros na qual buscamos o troféu da primeira colocação. A caminhada é em rede, crescendo e aprendendo juntos como irmãos, ao seu tempo. Assim, como integrantes dessa geração espiritual, crescemos rumos ao amor maior. Levantando um aqui, sendo acolhido ali, todos alistados na longa trajetória rumo a luz.

A frase do pai ao final da Parábola: "*Entretanto cumprira regozijarmo-nos e alegrarmo-nos, porque este teu irmão era morto e reviveu, estava perdido e se achou.*", é a chave do entendimento de como funciona a misericórdia divina, pois a

redenção, o resgate é a vitória aos olhos da vida espiritual. Tudo é prova, tudo é desafio, e crescemos em cada uma delas com nossos irmãos e não solitários, no *cockpit* de carros de corrida.

Em tempos de egoísmo galopante, de exaltação da competitividade diante da cooperação, e de uma maximização do mérito como resolução de todas as questões, pela falta de percebermos esse amor maior, vemos ainda como não desvendada a parábola do filho que dilapida sua parte dos bens, mas que pela dor encontra o crescimento. O outro filho evoluiu pelo amor. Talvez em outras lutas, que virão, o papel dos filhos se inverta.

Nós espíritas, que pela letra de Kardec entendemos Deus como infinitamente justo e bom, temos nessa parábola uma visão harmonizada com esses entendimentos, para que tenhamos uma visão da justiça e do mérito que considere o amor como mola mestra da vida. Fugir disso é o olho por olho que Jesus, pelas suas próprias palavras, indicou como inadequado para os novos tempos chegados. E isso tem mais de dois mil anos!

85. O VENTO INSISTE EM DANDAR

"Dandô, ô, dandei, olha o vento que brinca de dandar. Ele vem pra levar as andorinhas ou quem sabe a canção pra uma janela. Saciar o ipê que se formou, e roubar suas flores amarelas." Com esses belos versos inicia-se a canção popular chamada "Circo das Ilusões", de autoria de João Bá e Klecius Albuquerque, gravada no LP "Segredos Vegetais", de Dércio Marques (1988), além de outras versões, e que compõe repertório de programas da chamada música raiz, que tiram o Brasil da gaveta, como diz o emérito compositor Rolando Boldrin.

Nesses versos motivadores do presente texto, vemos o autor criar um verbo que reflete o insondável movimento do vento, o "dandar". Um andar bailarino, que se adapta e chega aos seus objetivos contornando obstáculos, espalhando-se pelos cantos da cidade, mostrando que o vento sopra onde ele quer, vindo sabe-se lá de onde e indo para rumos desconhecidos.

Aliás, Jesus já havia falado sobre isso, no seu singelo diálogo com Nicodemos acerca das vidas sucessivas. Esclarece o Mestre Nazareno: *"Não te admires que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. O vento sopra para onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde ele vem, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo aquele que é nascido do espírito."* Descrição acertada do homem no planeta terra, encarnado, errante e rumo ao crescimento.

Não seguimos, espiritualmente falando, a esmo, sem rumo. Seguimos, como o vento, movido por forças poderosíssimas, internas e externas. Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos, mas seguimos pela vida, bailando como o vento, indo para onde queremos, brincando de "dandar", levando

canções para a beira das janelas, em um jogo que por vezes foge a nossa lógica limitada, mas que segue uma lógica maior.

Quantas vezes vemos a nossa vida e não entendemos seu sentido, o que quer de nós a divindade. Mas, lembremos do vento, "dandando" por aí, construindo nos moinhos e nas velas das embarcações, destruindo nas tempestades e furacões e pensemos que a nossa vontade é que guia esse "dandar", entre prédios e árvores, entre valores e pessoas, e que precisamos sintonizar este "dandar" com a vontade divina, às vezes nos deixando impulsionar pela força que move os ventos, às vezes decidindo nosso caminho de forma diretiva, pelas esquinas das reencarnações.

Assim, "dandamos", como pequenas brisas, como fortes vendavais, sincronizados ou em choque, animados pelo invisível espírito que em nós é uma usina poderosa, a nos abastecer pelos caminhos da vida. Não existe vento que não se mova! Não existe espírito que não evolua! Mesmo os que comentem as maiores atrocidades, avançam pelo aprendizado. A cada encarnação, tudo muda, pai vira filho, inimigo vira amigo, seguindo e se ajustando, como o vento que percorre as ruas empoeiradas e revira o lixo em pequenos redemoinhos ou quando pelo trabalho dos séculos na erosão, desbasta a mais dura rocha.

Ainda que não entendamos bem os mecanismos da nossa vida, como dito por Jesus em sua metáfora do vento, sem saber bem nossa história reencarnatória e os planos da presente, seguimos como uma força livre, sem amarras, na busca da evolução, como deve ser o vento. A oportunidade da encarnação nos dá a vontade como mecanismo principal de reescrita de um novo amanhã, parafraseando as palavras de Chico Xavier, mas continuamos subordinados aos ditames da Lei.

Voar como o vento, livre para trilhar novos caminhos, mas envolto em leis, correntes e forças que nos guiam para um

sentido maior, construído por nós em pequenas escolhas, típicas de nossa maturidade, que se fazem na magia de “dandar” diante de cada desafio, girando e rodopiando, na qual a encarnação espera de nós apenas força e determinação, recheados de muito amor.

86. SETENTA

Perguntado sobre quantas vezes deveria perdoar cada ofensa, na busca da confirmação do adágio que preconizava perdoar apenas sete vezes, Jesus responde que não sete, mas setenta vezes sete. Nos nossos burocratismos, queremos então buscar uma regra matemática do perdão...

A multiplicação é uma operação fundamental que faz um número ser somado a ele muitas vezes, em uma expansão geométrica, de maior amplitude. Multiplicar é aumentar em muito e Jesus ao responder o setenta vezes sete quis dizer algo como por "quantas vezes for necessário".

E no caso específico do perdão, podemos interpretar que ele respondeu o seguinte: façamos todo esforço possível e imaginável para prevalecer o amor, ali materializado pelo perdão. Ou seja, que sejam setenta vezes sete, ou seja, muitas e muitas vezes, não querendo nessa análise que Jesus naquela época utilizasse conceitos abstratos e concretos como o infinito.

A mensagem do setenta vezes sete é bem maior do que o conceito do perdão. A mensagem é que pelo amor, pelo bem de nosso próximo, pelo crescimento, devemos envidar todos os esforços possíveis, sete, setenta ou quatrocentos e noventa vezes, insistindo na ideia do bem, com fé no ser humano, como obra de Deus na busca da perfeição. Essa lógica se aplica a vários setores da atividade espírita.

Alguns trabalhos assistenciais lidam com a chamada população de rua, pessoas que habitam as vias urbanas e padecem de carências não apenas materiais, mas de problemas de socialização e por vezes, desilusões com a vida. Nestes, a ideia do setenta vezes sete se faz mais incisiva, na nossa insistência com aquele irmão que já entregou os pontos.

Diante das dificuldades, mais amor, e com paciência. Paciência pois os avanços espirituais se fazem de forma tímida.

Da mesma forma, trabalhos envolvendo pessoas com deficiência demandam do trabalhador espírita esse sentimento de que temos que insistir na lição, fazer e refazer até onde for necessário, na ideia do setenta vezes sete. Avanços lentos, dificuldades de compreensão, um cenário que exige dos abnegados trabalhadores essa percepção de que a luta é morosa.

E por fim, para aqueles irmãos que labutam em comunidades carentes, com seus problemas naturais, a lição do "setenta" é fundamental, para enxergar naquela complexa rede de problemas os avanços e possibilidades. Alegria com pequenos progressos, enxergar o facho de luz tênue na escuridão, são características que nos ensinam a lógica do "setenta", de insistir, com fé na melhora que virá, pequena, mas relevante.

Obviamente, que como tudo, essa lógica tem um lado negativo. A chamada Síndrome de Burnout ("queimar por completo" na tradução literal), ou síndrome do esgotamento profissional, se refere a dedicação exagerada às atividades laborais de um modo geral e se caracteriza pelo perfeccionismo e pela necessidade de lograr êxito, típicas de pessoas apaixonadas.

Se faltar o equilíbrio e a paciência diante desses desafios, o esgotamento e a depressão rondam o trabalhador, que precisa ajustar suas expectativas a realidade, o que pode ser promovido pelas atividades de avaliação em grupo, reflexão ou uma mera conversa entre amigos.

Apassionados, confiantes, com a cabeça nas nuvens, mas com o pé no chão. Investindo no bem não setenta, mas setenta vezes sete, mas enxergando com os olhos de ver os pequenos avanços, resistindo a tentação do orgulho de, no que

tange a questões sociais e humanas, tentar resolver tudo de uma vez só.

Fim

Notas sobre o Autor:



Marcus Vinicius de Azevedo Braga é carioca, e tornou-se espírita em 1990, quando interceptou na sala de aula do Ensino Médio um exemplar de *O Evangelho segundo o Espiritismo* sendo passado para a frente por um amigo.

De lá para cá, nesses trinta anos, frequentou diversas casas espíritas, atuando na divulgação doutrinária, na evangelização infantojuvenil e em atividades assistenciais e mediúnicas.

Lançou em 2001 o livro *Alegria de Servir*, pela FEB, em 2013 o livro *Você sabe quem viu Jesus nascer* (pela EVOC) e em 2018 foi coautor da coletânea *Fome de quê* (Editora EME).

Atualmente frequenta o Grupo Espírita Francisco de Assis, na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, RJ).

Colaborador constante dos veículos *Correio Espírita* (RJ) e revista eletrônica *O Consolador* (PR), entre outros, consolida agora essa contribuição para a imprensa espírita desde 2002 com as obras "Fruto Forte", ora publicada, e "Viajor", prevista para publicação em setembro de 2020, ambas pela EVOC – Editora Virtual O Consolador.